



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**ANA LUISA BARBOSA DE MELO**

**JOÃO W. NERY E SUA TRAJETÓRIA EM BUSCA DE SI: O EMBATE DAS  
IDENTIDADES DE UM AUTOR-PERSONAGEM**

**CAMPINA GRANDE  
2020**

ANA LUISA BARBOSA DE MELO

JOÃO W. NERY E SUA TRAJETÓRIA EM BUSCA DE SI: O EMBATE DAS  
IDENTIDADES DE UM AUTOR-PERSONAGEM

Trabalho de Defesa de Dissertação, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba, na área de concentração Literatura e Estudos Culturais e linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva

CAMPINA GRANDE  
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528j Melo, Ana Luisa Barbosa de.

João W. Nery e sua trajetória em busca de si [manuscrito] : o embate das identidades de um autor-personagem / Ana Luisa Barbosa de Melo. - 2020. 100 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2020.

"Orientação : Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Análise literária. 2. Gênero. 3. Identidade. 4. Sexualidade. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ANA LUISA BARBOSA DE MELO

JOÃO W. NERY E SUA TRAJETÓRIA EM BUSCA DE SI: O EMBATE DAS  
IDENTIDADES DE UM AUTOR-PERSONAGEM

Trabalho de Defesa de Dissertação, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba, na área de concentração Literatura e Estudos Culturais e linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio de Pádua  
Dias da Silva

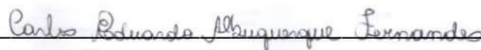
Aprovada em: 10/07/2020.

BANCA EXAMINADORA



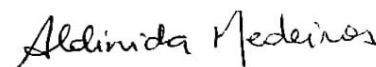
---

Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes  
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)



---

Prof. Dra. Aldinida Medeiros  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força que ele me deu em seguir meus estudos a fim de me tornar mestre, uma vez que esta luta foi tão árdua para mim, haja vista as diversas tentativas que eu empreendi para fazer a seleção do mestrado.

Agradeço aos meus familiares, ao meu pai Sebastião Bezerra de Melo, ao meu irmão Gabriel Barbosa de Melo, as minhas tias Rosa, Socorro e Norma que sempre acreditaram em meu potencial enquanto pesquisadora, me dando sempre o suporte emocional nesta fase tão difícil.

Agradeço ao meu Orientador, que mesmo muito crítico ao meu texto acadêmico, sempre esteve disposto a me auxiliar e me dar o suporte necessário para que o meu texto conseguisse assumir-se enquanto pesquisa.

Agradeço ao escritor João Walter Nery, pois os seus escritos me serviram de inspiração para a minha dissertação de mestrado, me tornando um ser humano melhor e me fazendo enxergar a vida de uma maneira mais empática.

Agradeço ao Programa de Literatura e Interculturalidade por ter me dado a oportunidade de escrever sobre o que eu realmente sentia vontade de escrever, me possibilitando o título de “Mestre em Letras”.

Em memória de minha mãe que hoje não se encontra mais no plano terreno, minha querida Maria de Lourdes Barbosa de Melo.

## RESUMO

A pesquisa em questão teve como foco de estudo a obra *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*, a qual relata a história de vida do autor-personagem João W. Nery tendo sido publicada pela editora Leya (2011). Para tanto, analisamos alguns trechos da referida obra a fim de verificarmos a trajetória do autor-personagem para assumir sua opção de gênero, fazendo um recorte temporal, por meio do qual observamos elementos importantes sobre a construção identitária do referido personagem, sendo esse representado desde a infância até a velhice do personagem. Desta forma, analisamos o livro tendo como problemática a impossibilidade de João W. Nery ser considerado enquanto homem pela sociedade, uma vez que este nasceu biologicamente mulher, tendo em seu próprio corpo limites para esta realização. A partir disso, traçamos duas hipóteses opostas para a referida pesquisa: a primeira de que, mesmo tendo nascido mulher, João W. Nery consegue ser um homem e a segunda consiste na impossibilidade de o autor-personagem ser concretamente um homem. A presente pesquisa trabalhou com o conceito de gênero enquanto performance, já abordado pela autora Judith Butler (2016). Neste sentido, consideramos a noção de gênero como sendo fictícia, uma vez que esta é performatizada por atos repetitivos, tendo por objetivo principal dividir o gênero através do binarismo (macho x fêmea). Além deste conceito teórico, utilizamos recortes importantes sobre a identidade transexual, já pesquisada, dentre outros autores, por Bento (2006/2008), Tenório e Prado (2015), uma vez que uma das possíveis identidades do autor-personagem é a identidade trans masculina. Ao final da análise, consideramos que o autor-personagem conseguiu para si a construção de uma identidade masculina, já que ele sempre se reconheceu como um homem de verdade, desde a tenra infância.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Identidade. João W. Nery.

## ABSTRACT

The present research had as its focus of study the work *Viagem Solitária: memórias de uma transexual trinta anos depois*, which tells the life story of the author/character João W. Nery published by the publishing house Leya (2011). For this purpose, we analyzed the most important passages in the book in order to verify the journey of the author/character taking on his own gender identity. We observed through specific time frames important elements about the identity construction of the referred character being represented since his childhood until the adult life and old age considering passages from the book. Thus, we examined the issue in the book on the impossibility of João W. Nery being perceived as a man by the society, taking into account the fact that he was born, biologically, as a woman and also the body's constraints to accomplish it. From then on, we came up with two opposite hypotheses for this research: the first is that even though he was born a woman, João W. Nery managed to be a man, and the second one elaborates on the impossibility of João W. Nery being indeed a man. The research used the concept of gender as performance presented by Judith Butler (2016). With this in mind, we consider the idea of gender as being fictitious, once it is performed by repetitive acts, with the objective to divide the genders through binarism (male x female). Apart from this theoretical concept, we also used important parts of studies on transsexual identity that have been researched among others, Bento (2006/2008) and Tenório and Prado (2015), since one of the possible identities of the author/character is the male identity. At the end of the analysis, we consider that the author/character was able to construct for himself a male identity once he always recognized himself as "real man" since its early days of life.

**Keywords:** Gender. Sexuality. Identity. João W. Nery.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>7</b>  |
| <b>2 AS POSSIBILIDADES DE SER DE JOÃO W.NERY.....</b>                                 | <b>14</b> |
| 2.1 APONTAMENTOS SOBRE A IDENTIDADE TRANSEXUAL.....                                   | 14        |
| 2.2 A TRANSMASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.....                             | 23        |
| 2.3 APONTAMENTOS SOBRE SEXUALIDADE E REPRESSÃO .....                                  | 27        |
| <b>3 DA TENTATIVA A IMPOSSIBILIDADE DE SE IDENTIFICAR COMO MULHER</b><br><b>.....</b> | <b>35</b> |
| 3.1 A IDENTIDADE DE JOÃO W.NERY DURANTE A INFÂNCIA.....                               | 35        |
| 3.2 A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO AUTOR-PERSONAGEM JOÃO W. NERY NA<br>ADOLESCÊNCIA..... | 43        |
| 3.3 A TENTATIVA DE ASSUMIR A IDENTIDADE FEMININA POR JOÃO<br>W.NERY.....              | 53        |
| 2.4 DA IMPOSSIBILIDADE DE SE IDENTIFICAR COMO MULHER .....                            | 60        |
| <b>4 JOÃO W. NERY: EM BUSCA DE SI MESMO.....</b>                                      | <b>69</b> |
| 4.1 A IDENTIDADE MASCULINA: O INÍCIO DE UMA JORNADA.....                              | 69        |
| 4.2 JOÃO W.NERY E SEU PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO CORPORAL.....                         | 80        |
| 4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 92        |
| <b>5 REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>95</b> |



## 1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos que envolvem Literatura e Interculturalidade, escritos, muitas vezes por sujeitos “migrantes”, são extremamente importantes, se considerarmos a constante busca pela valorização do fazer literário não canônico. De acordo com Augustin (2008), o conceito de Interculturalidade focaliza o fato de que a mobilidade migratória propicia encontros entre culturas e discursos, sendo esses de interesse no estudo do texto considerado como literário e intercultural. Desta forma, todas as perspectivas culturais são consideradas, uma vez que os “migrantes” passam a ter voz dentro do texto literário, sendo esta perspectiva desconsiderada para/na construção de uma literatura percebida através dos processos de canonização, já que, nesses, apenas à perspectiva do “colonizador” era atribuída alguma instância de valor, desvalorizando, assim, as diversas culturas que perpassavam o sistema de colonização.

Muitos programas de Literatura estão enveredando pelo caminho do estudo Intercultural, a exemplo do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, que tem desenvolvido, ao longo de seu percurso acadêmico, reflexões importantes sobre escritores que escrevem textos considerados como subalternos, sendo esses não pertencentes ao cânone literário. De acordo com Fernandes (2016), este fato implica a produção de conhecimentos cujas dimensões políticas e sociais são ampliadas e novos enfoques epistemológicos surgem para/na criação das obras literárias tidas, em muitos casos como marginalizadas, tornando-as potencialmente iguais às escritas consideradas como superiores. Sabemos que o referido programa tem uma perspectiva intercultural e, por isso, a literatura pode dialogar com outros tipos de conhecimento e não apenas com a crítica literária. Sendo assim, utilizaremos os estudos sobre gênero e sexualidade, a fim de embasarmos teoricamente a nossa pesquisa e desenvolvermos reflexões acerca da transexualidade, sendo esse um tema bastante polêmico e de suma importância para análise nos dias atuais.

Selecionamos a obra *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois* (2011), primeiramente por essa não ser considerada canônica, corroborando, assim, com os estudos interculturais, e também por trazer a história de um personagem “trans” para o centro da discussão. A referida obra aborda questões de gênero e sexualidade, pois o autor-personagem nasce com o corpo feminino, entretanto, ao decorrer de toda narrativa, procura se subjetivar como sendo pertencente ao gênero masculino, travando, assim, uma luta diária em relação à construção de uma possível e desejada identidade.

Sabemos que a discussão sobre o comportamento transexual vem sendo pautada na ideia do conflito identitário. Neste sentido, os sujeitos transexuais possuem comportamentos que entram em contradição com o seu sexo de nascença, o que acaba estabelecendo uma distorção referente a sua formação e construção identitária, uma vez que o sujeito transexual não performatiza a identidade esperada socialmente em relação ao seu sexo biológico. No entanto, em nossa análise percebemos a identidade transexual do autor-personagem não como algo “fixo”, mas sim como uma das possibilidades de o personagem se subjetivar masculinamente.

De acordo com Foucault (2001), somos conduzidos a manifestar um determinado tipo de comportamento por meio das regularizações discursivas, a exemplo dos discursos heteronormativos, segundo os quais homens e mulheres precisam seguir o modelo vigente da ordem patriarcal, em que meninos são terminantemente proibidos de ter atitudes de meninas e vice-versa. Na atualidade ainda existem os embates provocados pela estrutura embasada na ordem patriarcal. No entanto, esta ordem vem sendo substituída por novos modos de existência, nos quais homens e mulheres podem exercer funções que não são consideradas como determinantes do seu gênero.

Os estudos sobre gênero e sexualidade vêm ganhando espaço cada vez mais no meio acadêmico. Silva (2014) afirma que problematizações como essas culminaram em dissertações de mestrado e teses de doutorado, haja vista a importância dessa temática. Tais pesquisas se inserem em uma perspectiva intercultural, pois lidar com as questões que envolvem gênero e sexualidade demanda uma compreensão acerca de uma determinada cultura. O livro selecionado para a análise, na presente dissertação, é um texto memorialístico, representado pela escrita autobiográfica, que é utilizada principalmente em escritas contemporâneas e pós-autônomas.

Na contemporaneidade, há uma grande valorização das narrativas centradas em uma história específica do “eu”, referindo-se ao ato de “relatar a si mesmo”. Este tipo de relato adquire uma forma narrativa cujo principal objetivo consiste em persuadir o leitor acerca dos pontos de vista do autor-personagem da história. “A narrativa, portanto, deve estabelecer se o si mesmo foi ou não a causa do sofrimento, e assim proporcionar um meio persuasivo em virtude do qual é possível entender a ação causal do si mesmo (BUTLER, 2015, p.24)”. Uma das possíveis leituras que podemos ter do livro selecionado é percebê-lo como sendo um relato de si, ou até mesmo uma autobiografia, como veremos abaixo.

Lejeune (2008) afirma que a palavra “autobiografia” foi importada da Alemanha, no decorrer do século XIX, sendo representada de duas maneiras: a primeira referente à escrita

do próprio sujeito sobre si mesmo e a segunda, contrariamente à primeira opção, designa o processo da escrita de alguém, sem que esse seja propriamente o sujeito “fundador” da sua biografia, cujo principal objetivo é contar uma trajetória de vida. Tendo em vista que, no *corpus* de nossa análise, temos um “autor-personagem”, tomaremos como definição a primeira designação do conceito de autobiografia, uma vez que ela nos remete ao fato de o próprio sujeito escrever sobre si mesmo, recurso utilizado pelo escritor e personagem da obra, João W. Nery.

Podemos dizer que este recurso literário constitui, na modernidade, um novo estilo de escrever sobre si; consiste em uma escrita que se volta à representação do “eu”, por meio de uma demonstração da individualidade que se apresenta na escrita biográfica como sendo a “narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. (LEJEUNE 2008, p.14). Essa escrita do “eu” também é percebida como um tipo de “ficção”, tendo por principal objetivo compreender a articulação da escrita com uma noção contemporânea da subjetividade, que percebe o sujeito como sendo “não essencial”, incompleto e suscetível de autocriação, capaz de inventar a si mesmo no processo narrativo, criando para si uma autoficção que surge em sintonia com o narcisismo da sociedade midiática contemporânea, como afirma Klinger (2007).

Dito isto, podemos perceber a obra em análise como sendo autobiográfica ou, até mesmo, uma autoficção, na qual o autor-personagem João W. Nery narra sobre sua própria história de vida, contando relatos de cunho íntimo sobre os seus enfrentamentos identitários, considerando sua luta diária em querer se tornar um homem de “verdade”. Entretanto, o foco desta pesquisa não será discutir aspectos autobiográficos da obra em questão, considerando que nossa análise partirá, sobretudo, das correntes teóricas sobre gênero e sexualidade e seus posicionamentos frente à obra em questão.

O livro *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*, publicado pela editora Leya (2011), é constituído de trezentas e trinta e seis páginas, sendo essas divididas em nove capítulos que relatam as memórias do autor-personagem sobre suas limitações desde a tenra infância por não ter nascido homem. A obra é dividida em quatro partes importantes, a saber: desencontros, descobertas, metamorfoses e paternidade. Na primeira parte do livro, o autor-personagem relata acontecimentos de sua vida que perpassam o período que corresponde à infância até à fase adulta. João W. Nery conta que, durante a infância, ele preferia brincadeiras consideradas apropriadas ao gênero masculino, bem como

se sentia bastante desconfortável quando sua mãe o levava para costureira a fim de tirar suas medidas para fazer seus vestidos.

Nesta primeira parte, o autor-personagem descreve, perfeitamente, as formas como era tratado pelos meninos nos vários espaços: ruas, escolas, etc., através dos impasses que ele enfrentou referentes à contradição entre a sua autoimagem e a imagem que as pessoas faziam dele. Ainda nesta parte, a principal reflexão é a de que Nery, desde a infância, se sentia “um menino” e isso o fez ter um comportamento diferenciado dos outros, como afirma o título da parte “desencontros”, reforçando a noção do seu corpo desconstruído.

A segunda parte do livro revela descobertas muito relevantes, quando o autor-personagem, no ano de 1975, fez uma viagem para a Europa e afirma ter encontrado uma revista científica que abordava as cirurgias de redesignação sexual. Desde então, a realização de tais intervenções cirúrgicas passa a ser uma das principais metas de sua vida. Nesta parte, João manifesta sua real condição identitária a sua mãe, considerando o fato de não se sentir confortável em ter que adotar para si um papel feminino, sustentado por ele até os vinte e sete anos.

A terceira parte da obra trata da metamorfose de João, ou seja, dos procedimentos cirúrgicos e medicamentosos para sua transição de mulher para homem. Vale salientar, entretanto, que os procedimentos cirúrgicos se encontravam ainda em fase de desenvolvimento, na medida em que ele decidiu não dar continuidade ao processo cirúrgico que transformaria sua vagina em um “pênis”. É importante salientar que João W. Nery é considerado o primeiro caso de homem trans que optou pela transformação, mesmo não realizando por completo o processo de redesignação sexual.

A quarta e última parte do livro aborda o romance de João e Lola, sendo este relacionamento responsável pela paternidade assumida por João; tendo em vista que Lola, sua companheira, procura um parceiro e engravida. Depois de um tempo, Lola conta para seu filho a real condição de seu pai (um trans masculino). Nesta parte do livro, há grandes questionamentos sobre a construção de sua masculinidade.

João W. Nery nasceu no Rio de Janeiro em 1950, e teve a aparência feminina até os 27 anos. É formado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Especialização em Sexologia pelo Instituto Estadual e Endocrinologia, Mestrado pela Universidade Gama Filho, tendo lecionado em três universidades. Além disso, atuou como psicólogo, mas para isso teve que manter sua identidade feminina. Realizou os procedimentos seguintes para sua transformação em 1977: mamoplastia masculinizadora e pan-histerectomia.

Aos 37 anos, assumiu a paternidade de seu primeiro filho, cujo nome é Iuri. João W. Nery escreveu ainda dois livros autobiográficos, *Erro de pessoa-Joana ou João*, publicado em 1984 pela editora Record e, conforme já mencionado, *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*, pela editora Leya (2011). Esse último teve duas premiações literárias: o prêmio Astra, referente à associação de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro e o da 10ª Parada Gay de São Paulo. Vale salientar que, em 2014, um dos temas da parada LGBT<sup>1</sup> em São Paulo foi a Lei João W. Nery, que concede o direito de o sujeito escolher o seu nome social, considerando o fato de muitos transexuais não aceitarem seu nome de nascença, tendo em vista que este é designado diferentemente do gênero pretendido.

A transexualidade é conhecida pela psiquiatria como Transtorno da Identidade de Gênero (TIG), podendo ser compreendida como o sentimento de infelicidade ou depressão quanto ao próprio corpo, como afirma Áran (2009). Esta temática tem sido bastante estudada na contemporaneidade, uma vez que se trata de uma discussão acerca das performatividades dos sujeitos que, de certa forma, seguem modelos heterossexuais, embora não se sintam pertencentes a esta realidade, como afirma Butler (2016).

É importante ressaltar que muitos estudiosos apontaram para a necessidade de não perceber as categorias de “gênero” e “sexualidade” como algo naturalizado, uma vez que tais construções não são naturais, mas perpassam todos os comportamentos percebidos como aceitáveis para a cultura. Esta, por sua vez, molda os sujeitos em um sistema binário, no qual os sujeitos que nascem com um pênis devem ter padrões de comportamentos masculinizados, assim como sujeitos que nascem com vagina devem ter comportamentos feminilizados. Scott (1990), seguindo este viés epistemológico, teve por principal proposta desconstruir as narrativas generalizantes que ocultam, naturalizam e legitimam as hierarquias de poder entre os sexos. De acordo com a autora, a palavra “gênero”, em seu uso mais recente, corresponde a uma rejeição ao determinismo biológico usado, implicitamente, em termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

Em nossa leitura analítica, escolhemos o personagem João W. Nery por esse não se identificar com o seu sexo biológico e construir, ao longo de sua trajetória, possibilidades de pertencer ao gênero masculino. O autor-personagem tem como principal conflito a “não”

---

<sup>1</sup> São muitas as representações envolvidas, além das várias mudanças na sigla representativa desse movimento no Brasil. A mais comum, GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) foi substituída por GLBT (com a inclusão de Bissexuais e Transgêneros e exclusão dos Simpatizantes). A sigla aqui adotada, LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), segue deliberação da I Conferência Nacional LGBT, realizada em 2008. Há controvérsias quanto à nomeação de todos os Ts, a inclusão de um Q (para queers) ou um A (para assexuais), um I (para intersexos), mas há consenso na busca por inclusão das mais variadas dimensões da construção das desigualdades trazendo à tona pertencimentos sexuais e de gênero.

aceitação do gênero feminino, mesmo tendo nascido biologicamente “mulher”, caracterizando sua condição como “uma transexualidade possível”. Na presente análise, nos propomos a refletir sobre as seguintes hipóteses: por não ter nascido “homem”, no sentido biológico, o autor-personagem não consegue construir para si uma identidade possível, o que o leva a testar sempre novas possibilidades, mesmo não conseguindo encontrar sua “real subjetividade”; a segunda hipótese por sua vez é a de que mesmo não tendo nascido biologicamente “homem”, João W. Nery consegue se auto-identificar com a identidade masculina, uma vez que o mesmo encontra meios possíveis para tal.

Para tanto, analisaremos o texto autobiográfico, tendo por principal objetivo responder a seguinte pergunta: de que forma a trajetória de vida do autor-personagem o auxiliou a se autoconhecer e o fez buscar sua subjetividade? Sendo assim, pretendemos nesta dissertação, de modo geral: analisar as vivências do personagem João W. Nery a partir dos seus conflitos identitários para compreender a sua construção de identidade masculina e refletir sobre os processos concernentes a essa construção.

A fim de responder este questionamento nossa análise será dividida em três capítulos, sendo o primeiro capítulo teórico e referente às seguintes questões: discussões sobre a transexualidade, identidades trans-masculinas e considerações sobre sexualidade e repressão. Escolhemos estes conceitos teóricos por nos permitir uma melhor reflexão sobre a compreensão da construção identitária do personagem João W. Nery, considerando todos os enfrentamentos que o autor-personagem precisou vivenciar, a fim de construir para si uma identidade que fizesse jus a sua subjetividade. Logo, as teorias propostas no primeiro capítulo terão uma grande relevância para entendermos a trajetória do personagem e sua busca identitária.

O segundo capítulo aborda a identidade (possível) de João W. Nery, como mulher, considerando que ele vivenciou sua identidade feminina até os vinte e sete anos, como mencionado anteriormente. O referido capítulo será dividido em quatro partes, as quais discorrerão desde a infância até à vida adulta do referido personagem, relatando os seus embates e enfrentamentos, tendo em vista a não compreensão da sociedade sobre a construção da subjetividade de João W. Nery. Os tópicos serão os seguintes: discutindo a identidade do autor-personagem durante a infância; os processos de construção identitária do autor-personagem na adolescência; a tentativa de ser mulher por João W. Nery e, por fim, da impossibilidade de ser mulher. Ainda nesse capítulo, apresentamos a nossa metodologia de análise, embasada em um quadro temporal, buscando compreender as questões identitárias do

autor-personagem, da infância até à fase adulta, bem como partes da sua velhice, percebendo como essas fases influenciaram na construção de sua identidade.

O terceiro e último capítulo discorre sobre a construção da identidade masculina do referido autor, sendo dividida em duas partes importantes: a primeira discorre sobre essa construção identitária, antes de o personagem se submeter aos processos cirúrgicos e hormonais, e a segunda se refere ao período quando João se submete aos procedimentos cirúrgicos, a fim de se parecer com um homem de “verdade”. Desta forma, refletimos sobre as formas de “ser” do personagem, antes e depois dos procedimentos submetidos para sua “masculinização” e sobre a construção desta identidade tão relevante para o autor-personagem.

## 2 AS POSSIBILIDADES DE “SER” DE JOÃO W. NERY.

O presente capítulo tem por principal objetivo discutir questões importantes acerca da construção identitária do personagem João W. Nery. Neste sentido, primeiramente abordaremos questões necessárias a respeito da identidade transexual, tendo em vista o conflito identitário do autor-personagem em relação ao seu gênero. Em seguida, discutiremos questões importantes referentes à identidade transexual masculina e, por fim, refletiremos sobre sexualidade e repressão. Neste sentido, o referido capítulo trata-se de um aporte teórico necessário às análises presentes no segundo e terceiro capítulos, as quais se utilizarão de recortes da obra selecionada para estudo.

### 2.1 APONTAMENTOS SOBRE A IDENTIDADE TRANSEXUAL.

Percebemos que a transexualidade ainda é um tema novo, visto que seu estudo foi iniciado em 1950, contando, portanto, apenas seis décadas. Devemos ressaltar também, que a mesma só foi desconsiderada como patologia em 2018, um fato bastante recente. Isso indica que vivenciaremos um longo caminho de resistência, a fim de desconstruir os discursos vigentes que concebem a transexualidade como sendo uma patologia e não uma das formas de identidade de gênero.

Sabemos que a transexualidade é um tema bastante polêmico, tendo em vista que muitos, ainda, julgam esta condição como sendo da ordem do patológico. Notá-la como patologia remete à possibilidade de um “determinado” tratamento para este transtorno, que leva a uma possível cura, generalizando-a e desconsiderando as subjetividades e particularidades do indivíduo que se autorreconhece como sendo transexual.

Mesmo diante de todo o rigor dos procedimentos, sempre paira uma dúvida: será que ele/a é um/a transexual? Diante da transexualidade, a suposta objetividade dos exames clínicos não faz nenhuma diferença. Nessa experiência, o saber médico não pode justificar os ‘transtornos’ por nenhuma disfunção biológica, como aparentemente se argumenta com o caso dos intersexos, que devem se submeter a cirurgias para lhes retirar a ambiguidade estética dos genitais, conformando-os aos corpos sexuais hegemônicos (BENTO, 2006, p. 51).

Como foi dito na citação acima, é inviável estabelecer critérios de ordem clínica em relação ao diagnóstico dos sujeitos que vivenciam uma identidade trans. O saber médico, a



fim de propiciar algum tipo de diagnóstico em relação ao comportamento transexual, está a serviço da manutenção das hierarquias de poder e saber, como formas de regulação das normas sociais, nas quais existem a coerção e a submissão às normas de gênero vigentes, sendo essas pautadas em modelos que configuram a heteronormatividade.

Por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (FOSTER, 2001, p. 19).

Neste sentido, a heteronormatividade existe como uma forma de controle dos corpos, sendo naturalizadas as práticas sexuais entre sujeitos de sexos opostos. De acordo com essa implicação, os sujeitos são motivados a seguirem um comportamento heterossexual, sendo-lhes rechaçada a prática sexual entre sujeitos do mesmo sexo. A vivência identitária do transexual também é repelida dentro desse sistema, tendo em vista que ele deve ter uma conduta adequada ao seu sexo biológico, comportando-se como homens ou mulheres, de acordo com a “natureza”, ou seja, em consonância com as expectativas sociais relacionadas ao genital com o qual ele nasceu. Fugindo assim da possibilidade de vivenciar outras identidades que não estejam presas a essas ordens binárias.

Bento (2006) acredita que o processo histórico de patologização e de psiquiatrização das identidades transexuais ocasiona prejuízos de vários aspectos a esses sujeitos, negando-lhes a dignidade referente a sua própria autodeterminação, uma vez que esses sujeitos são vistos como se tivessem algum tipo de transtorno, sendo-lhes necessário se submeter a um tratamento médico e psiquiátrico, a fim de extirpar o transtorno que sentem por não terem nascido com o sexo pretendido. Neste sentido, afirmar a transexualidade como sendo uma patologia poderia propiciar ao transexual os procedimentos estéticos e cirúrgicos necessários para a adequação ao gênero feminino ou masculino.

Desta forma, a comunidade científica considera o comportamento de pessoas “trans” como sendo um conjunto de condutas psicopatológicas, reduzindo-as a estereótipos e descrições homogeneizantes. Sabemos que o Sistema Único de Saúde (SUS) notou, durante muitos anos, a transexualidade como se fosse um tipo de transtorno, entretanto, os procedimentos adotados para com pessoas trans, não tinham a finalidade de curar tais

indivíduos, mas de justificar o procedimento cirúrgico para redesignação sexual. Para Bento (2006), a categorização científica desta seguiu duas principais vertentes: uma biológica, que defendia a realização dos procedimentos cirúrgicos de transgenitalização, outra psicanalítica que considerava o papel da socialização primária na constituição da identidade de gênero, sendo contrária à banalização da realização de cirurgias de redesignação sexual.

A referida autora afirma que estudiosos, como Harry Benjamin (médico endocrinologista) e Stoller (psicanalista), consideravam a transexualidade enquanto patologia, no entanto, suas pesquisas tinham propósitos e mecanismos diferenciados: o primeiro defendia a realização do procedimento cirúrgico de transgenitalização como sendo a única alternativa terapêutica possível para pessoas transexuais, sendo utilizada, principalmente, para evitar o suicídio. Stoller (1974), por sua vez, era contra a utilização de procedimentos cirúrgicos a fim de legitimar a transexualidade.

Para esse especialista, a explicação da transexualidade feminina é dada pelo fato de a mãe da criança sentir inveja dos homens, desejando, inconscientemente, pertencer ao sexo masculino. Sendo assim, a mãe passa a transferir seu desejo para o filho, despertando, nele, o desejo inconsciente de ser mulher, uma vez que ela não obteve êxito em ser o sujeito masculino que, inconscientemente, gostaria de ser. Neste sentido, o filho passa a imitar o comportamento da mãe que lhe inveja por ser homem e a terapia surge como uma ferramenta importante, permitindo que o “filho” passe a não querer imitar sua mãe, voltando a ter uma subjetividade masculina.

Para Stoller (1974), este comportamento poderia ser trabalhado durante o processo terapêutico, permitindo que o transexual feminino voltasse a se comportar como sujeito pertencente ao sexo masculino, garantindo assim, a cura do sujeito com características “transexuais”. Durante as décadas de 70 e 80 no século XX, surgiram muitas clínicas especializadas no tratamento da transexualidade. Segundo Stone (2003), os locais criados para tratar do sujeito transexual eram conhecidos como clínicas dedicadas à disforia de gênero, ou seja, quando o sujeito não se sentia condizente com seu sexo de nascença. Nessas clínicas se estudava a transexualidade como sendo uma aberração humana interessante e potencialmente financiável.

Bento (2008) acredita que a transexualidade não se trata de uma patologia, sendo esta experiência identitária caracterizada, principalmente, pelo conflito com as normas de gênero. Ela pode ser vista, então, como sendo uma espécie de transtorno, porém esse “transtorno” não pode ser visto de maneira patologizante, pois isso implicaria uma maior estigmatização e traria preconceito ao indivíduo transexual. Para este tipo de transtorno não existe um

diagnóstico pautado em questões (biológicas), mas sim em questões da própria formação subjetiva do indivíduo. Entretanto, não existe um meio específico de curá-lo, tendo em vista que cada transexual tem sua forma específica de se subjetivar, pois muitos transexuais convivem bem com o seu sexo biológico, não sendo necessária a realização do procedimento cirúrgico da redesignação sexual, outros, por sua vez, consideram este procedimento primordial.

Ao observarmos os comportamentos transexuais, não podemos acreditar no sistema binário (masculino x feminino) proposto pelos modelos heteronormativos, pois esses produzem e reproduzem a ideia de que o gênero reflete/espelha o sexo, e que todas as outras esferas constitutivas do sujeito estão amarradas a essa determinação inicial: a natureza constrói a sexualidade e posiciona os corpos de acordo com as posições naturais, percebendo sexo e gênero como se fossem uma única coisa. Os sujeitos transexuais vivenciam a sua identidade, contrariamente às regras impostas pela sociedade, que naturaliza o gênero pela via dos genitais, pois não se percebem enquanto sujeitos pertencentes ao “sexo” de nascença, construindo para si uma “transidentidade”, na qual o sexo biológico não condiz com a construção de seu perfil identitário, na medida em que nem o pênis, nem a vagina serão vistos como órgãos determinantes na construção das posições subjetivas desses indivíduos, pois o sexo biológico não determina o gênero do indivíduo.

Desta maneira, o sexo não precisa ser naturalizado, uma vez que possuir um pênis ou uma vagina não irá garantir que o sujeito se considere como sendo “homem” ou “mulher”. Para Butler (2016), o gênero é o significado cultural assumido pelo corpo sexuado, não podendo se dizer que esse decorra de um sexo “desta” ou “daquela” maneira, pois existem mulheres de pênis e homens de vagina. Entendemos que cada indivíduo terá um modo diferenciado de lidar com o comportamento transexual, alguns sofrem mais, outros menos, tendo em vista que a experiência transexual não é homogênea. Neste sentido, se faz necessário pensar o sofrimento atribuído ao sujeito “trans” como decorrência da sua incapacidade de vivenciar suas masculinidades e feminilidades em função do seu corpo e do sexo biológico do sujeito.

É importante salientar que a experiência transexual, enquanto parte de um sistema cheio de regras, referentes aos enquadramentos dos sujeitos ao seu sexo de nascença, é algo muito problemático, pois mesmo que estes sujeitos não tenham nascido com o sexo ao qual sentem mais afinidade, o sujeito transexual já se identifica como detentor de sentimentos intrínsecos de masculinidades ou feminilidades, muito embora eles não tenham se submetido a nenhum tipo de transformação corporal.

Os sujeitos transexuais, por se reconhecerem apenas na esfera privada como pertencentes ao gênero oposto, ao encararem a sociedade passam a conviver com o sofrimento, uma vez que, em muitos casos precisam negar a sua identidade de gênero, pois a sociedade heteronormativa quer enquadrar o gênero do sujeito trans ao seu sexo de nascença, não compreendendo a subjetividade destes indivíduos.

As narrativas das pessoas transexuais nos remetem para um mundo de dúvidas, angústias, solidão e um medo constante de serem rejeitados. Nos relatos biográficos nota-se que sentem dificuldades em falar de seus conflitos porque não sabem como nomeá-los. Como explicar que seu desejo é usar as cores, as roupas, os acessórios, e reconstruir o corpo com signos pertencentes ao outro gênero? Como encontrar sentido para este desejo se o corpo carrega um genital que atua como o obstaculizador desse trânsito? (BENTO, 2008, p. 23).

Percebemos, a partir dessa citação, o quão difícil é conviver com uma identidade transexual, na medida em que muitas pessoas não compreendem o comportamento do sujeito trans. Bento (2006), ao realizar entrevistas com sujeitos transexuais para a escrita de sua tese de doutorado, notou que eles se sentem “envergonhados” e “intimidados” de vivenciarem seu verdadeiro “eu”, que seria, neste caso, o “eu” proveniente de uma identidade complexa, na qual o sexo de nascença do indivíduo não corresponde ao gênero sentido por este sujeito.

A relação entre gênero e sexualidade em pessoas transexuais é algo bastante complexo, na medida em que um homem trans ou uma mulher trans podem ter diferentes orientações sexuais, considerando o fato de que o gênero não definirá a sexualidade do indivíduo. Gómez-Gil e Esteva de Antônio (2006) elucidam que a identidade de gênero está relacionada à consciência de um indivíduo de ser homem ou mulher, enquanto que a orientação sexual se refere à atração erótica que pode ser: heterossexual, homossexual, bissexual e, até mesmo, assexual. Desta forma, não devemos confundir identidade de gênero com orientação sexual. No decorrer da nossa análise, iremos refletir sobre a identidade de gênero e a orientação sexual do autor-personagem João W. Nery, baseando-nos nas premissas estabelecidas pelos teóricos acima citados.

De acordo com Borba (2014), existe uma racionalidade biomédica que opera a partir da legitimação da transexualidade, nos campos médico e da psiquiatria/psicologia, baseando-se em quadros de sinais e sinônimos que devem ter validade universal. Neste sentido, coloca-se o diagnóstico de Transtorno de Identidade de Gênero, defendido pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, como pré-requisito para a autorização das

intervenções médicas, realizando a reatualização dos saberes que construíram o conceito de “Transexual verdadeiro”. Este conceito é criticado por Bento (2006), na medida em que o mesmo funciona como um modelo para padronizar uma determinada identidade, servindo de guia para os profissionais de saúde e causando constrangimentos referentes às possibilidades narrativas de pessoas trans quando estas narram suas vivências identitárias, que não podem ser vista sob o prisma da padronização comportamental.

Notamos que um dos fatos a serem levados em consideração para classificação do transexual verdadeiro seriam o sofrimento e a angústia que este sujeito teria por não ter nascido como homens ou mulheres, tal qual o seu desejo, criando para si uma identidade trans, uma vez que se comportam contrariamente às regras culturais impostas ao seu gênero. Tenório e Prado (2015) consideram que as vivências das transidentidades são variadas, pois em alguns casos, o transexual não tem conflitos com o seu órgão sexual; em outros, no entanto, sofrem com esta questão, tendo na redesignação sexual uma forma de livrar-se deste tipo de sofrimento.

Podemos dizer que a existência do desejo ou da necessidade varia de acordo com as especificidades dos sujeitos, ou seja, muitos trans-masculinos retiram as mamas, não por se sentirem mal com seus “seios”, mas pelo fato de ser mais confortável do que colocar uma faixa, já outros se sentem mal por terem-nos, preferindo realizar o procedimento cirúrgico para se livrarem da “angústia”. Neste conceito, são incluídas tanto as pessoas trans que apresentam características mais padronizadas em alguma forma inteligível da cultura, quanto às que subvertem este padrão, interpelando as normativas dos gêneros e das sexualidades.

A tentativa de enquadrar um sujeito por meio de características que o definam enquanto “transexual verdadeiro” representa a hegemonia do pensamento patologizador sobre as experiências transexuais. Estes discursos buscam se adequar a uma determinada inteligibilidade do gênero, como afirma Bento (2008). Podemos dizer que a existência de um único padrão para diagnosticar o transexual deve ser rejeitada, uma vez que devemos nos ater à diversidade de subjetivações nos vários processos transicionais e em diferentes momentos históricos.

Os estudos científicos sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres, construídos como verdades irrefutáveis ao longo dos séculos XVIII e XIX, foram antecidos pela rediscussão do novo estatuto social da mulher. Por volta da segunda metade do século XVIII, as diferenças anatômicas e fisiológicas visíveis entre os sexos não eram consideradas, até que se tornou politicamente importante diferenciar do ponto de vista

biológico, homens e mulheres mediante o uso do discurso científico (BENTO, 2006, p. 115).

No trecho acima, percebemos que as diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino foram dadas pelo fato de se estabelecer um novo estatuto social para a mulher, tendo em vista que ela era um sujeito considerado “inferior”, não podendo jamais ocupar o espaço de um homem dentro da sociedade. Costa (1996), em seus estudos sobre gênero e sexualidade, diz que existiu primeiramente o isomorfismo, que considerava o corpo da mulher igual ao do homem, sendo a vagina um pênis invertido, fazendo-se necessário criar uma linguagem dicotomizada para batizar os órgãos masculinos e femininos.

Até meados do século XVII, eram utilizados nomes associados para designar os ovários e os testículos, desta forma, percebemos que não era dada importância à questão do sexo biológico do sujeito, uma vez que pênis e vagina poderiam representar a mesma coisa, segundo a teoria isomorfista. No século XIX, por sua vez, houve a necessidade de realizar a diferença entre pênis e vagina, sendo esta a corrente dimórfica. No dimorfismo, a mulher passou a ser o inverso do homem, ou seja, a mulher não possuía um pênis invertido, mas a ausência deste órgão, fazendo com que os sujeitos masculinos fossem percebidos sob uma ótica de superioridade, uma vez que a mulher era representada como um sujeito sem pênis.

Atualmente, nossa cultura se utiliza da base dimórfica para diferenciar os sujeitos em masculinos e femininos, reprimindo as maneiras dos sujeitos se subjetivarem, especialmente quando estes são transexuais, tendo em vista que os mesmos subvertem as normas de gênero impostas pelo modelo heteronormativo. Para Bento (2006), as performances de gênero que reivindicam a inteligibilidade dos marcos naturalizantes, têm por objetivo principal proliferar as diversas configurações de gênero, sendo estas camadas sobrepostas de ressignificação do masculino e do feminino, reproduzindo metáforas que podem desestabilizar a identidade substantiva, privando assim, as narrativas naturalizadas da heterossexualidade de seu protagonismo central.

Inicialmente, os estudos referentes à transexualidade foram realizados na década de cinquenta, considerando, principalmente, a condição do sujeito transexual como uma patologia. Bento (2008) afirma que a produção de um discurso patologizante sobre a condição transexual ganhou muita força nos anos sessenta, tendo a sua concretude a partir de 1980, quando foram realizados diagnósticos para identificar o sujeito transexual. Segundo a mesma autora, a patologização das identidades confere poder àqueles que estão no centro,

permitindo que os mesmos realizem a assepsia necessária, deixando a sociedade livre de contaminação.

Os discursos que patologizam as identidades transexuais mostram que existe uma tendência natural de proferir sentenças e castigos àqueles que ousaram romper com as normas referentes aos comportamentos heteronormativos, julgando assim a transexualidade como sendo um comportamento patológico, uma vez que este não coaduna com as posturas exigidas pela normatividade. Em outras palavras, quem nasce com um pênis deve se comportar como homem e quem nasce com uma vagina precisa se portar como mulher, não existindo espaço para aqueles que têm uma condição corporal que lhes impede o exercício de seu gênero, ou seja, mulheres de pênis, ou homens de vagina, conferindo-lhes uma percepção patológica referente à transexualidade.

Sabemos que o processo histórico da patologização e da psiquiatrização das transidentidades ocasiona prejuízos de várias ordens às pessoas trans, uma vez que nega a dignidade destas, na medida em que compreende a expressão da vida das pessoas trans como um conjunto de comportamentos psicopatológicos, sendo estes reduzidos a meros estereótipos e descrições prescritivas homogeneizantes.

Tenório e Prado (2015) dizem que os processos patologizantes, que enquadram o sujeito em um determinado comportamento coercitivo e normativo de gênero, impedem o bom funcionamento dos processos terapêuticos e burocratizam o acesso às condições de cuidado, permitindo que pessoas trans passem a buscar tratamento de forma clandestina, causando prejuízos à saúde, como acontece nos tratamentos hormonais sem o acompanhamento médico, na medida em que o sujeito não é diagnosticado como “transexual verdadeiro”.

Foucault (2001) acredita que o discurso religioso é um dos principais responsáveis pela instauração da censura, permitindo que os outros tidos como “normais” possam criticar o comportamento daqueles percebidos como sujeitos abjetos, uma vez que esses não os padrões de gênero e de sexualidade impostos. O saber médico também coaduna com o discurso religioso, na medida em que sua legitimidade é capaz de produzir verdades inquestionáveis, sendo considerado como “neutro”. Há uma crença de que esse saber descreve a natureza e, ao dar diagnóstico a um sujeito sobre sua condição transexual, ele percebe que este sujeito precisa de tratamento para curar sua “doença”.

É importante salientar que as homossexualidades sofreram o processo despatologização na década de 1980 e 1990, quando foram retiradas dos manuais diagnósticos mais conhecidos, tais como: a Classificação Internacional de Doenças conhecido como (CID)

e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Percebemos que ao despatologizar a homossexualidade, não há necessidade de tratamento para curar este tipo de comportamento. Contudo, no caso dos transexuais, lemos que em alguns casos certos transexuais sentem a necessidade de um “tratamento” a fim de adequar-se ao gênero com o qual se identificam.

Amaral (2011) afirma que a patologização das transidentidades<sup>2</sup> seria uma forma de atribuir inteligibilidade cultural e possibilitar essa existência dentro do sistema heteronormativo, por meio de um quadro de referência que sustenta as dimensões do reconhecimento social e subjetivo. No entanto, nossa análise desconsidera a condição transexual como sendo uma patologia. Neste sentido, acreditamos que as formas de se subjetivar, seja na condição de ser um sujeito transmasculino ou transfeminino, fazem com que os modelos naturalizantes de ser homem e de ser mulher percam sua validade, uma vez que em alguns casos, o sexo biológico não vai definir a maneira como este sujeito irá se representar e se subjetivar para o *corpus* social, criando uma desestabilização identitária, tendo em vista o enfrentamento das identidades de gênero conhecidas como normais pelos moldes heterossexuais.

Podemos dizer que a patologização, produzida historicamente pelas ciências referentes às experiências transidentitárias, revela um lugar hierárquico em relação ao saber médico, ao julgar estes indivíduos como sendo “transtornados”, apegando-se mais ao campo normativo hegemônico do que, propriamente, às experiências vivenciadas pelos sujeitos transexuais. Canguilhem (2009) afirma que os indivíduos se comportam de maneira diferenciada e o que pode ser saudável para uma pessoa, pode não ser para outra. Neste sentido, é inadequado tomar uma norma coletiva como parâmetro para considerar as experiências identitárias de um determinado sujeito, pois cada um vai ter um determinado tipo de comportamento, não sendo interessante enquadrá-los como “transexuais verdadeiros”.

Sabemos o “quão” complexo é definir a identidade transexual, uma vez que em muitos casos esta identidade está condicionada ao efêmero, ou seja, algo a ser ajustado para que o sujeito não seja mais “trans”. De acordo com Bento (2006), o sujeito transexual é percebido, principalmente durante o conflito identitário, como não tendo a aparência que gostaria de ter, sendo esse fato “sanado”, quando o indivíduo passa a ter características masculinas ou

---

<sup>2</sup> Utilizamos o termo “transidentidades” com o mesmo significado proposto por AimarSuess (2010), referindo-se a todas as pessoas que elegeram uma identidade ou expressão de gênero diferente daquela que lhe foi atribuída ao nascer incluindo as diversas possibilidades, a exemplo dos transexuais, travestis, *crossdressers*, etc.



femininas. Em muitos casos, essa subjetividade “trans” é esquecida, e o indivíduo passa a ser visto como um sujeito “cis”, dependendo da sua “aparência”:

A polêmica de como definir o grupo está relacionada à própria problemática transexual. A pluralidade de experiências de vida e de respostas para os conflitos existentes para a relação entre corpo, identidade de gênero e sexualidade se reflete na hora que se tenta encontrar um termo que feche, cristalize e substancialize suas histórias. Provavelmente esse é um debate sem solução definitiva (BENTO, 2006, p.220).

Notamos o quão difícil é definir uma pessoa como sendo transexual, pois ao observar uma coletividade a diferença biográfica dos sujeitos não pode ser apagada, como ocorrem nos processos de diagnósticos de pessoas “trans”. Neste sentido, acreditamos na complexidade de definirmos esta identidade que não cabe em um “olhar” que busca uma forma tradicional de organizar as identidades coletivas. Acreditamos que a transexualidade não seja uma identidade fixa, mas algo que os indivíduos experienciam de maneira individual, pois cada um carrega consigo sua história de vida.

Dito isto, consideramos que a transexualidade não está posta em um diagnóstico fechado, mas em possibilidades de “ser” de um sujeito que não se enquadra com a condição sexo de nascença e com o gênero que lhe é imposto. Sendo assim, o sujeito transexual não sofre de uma patologia, mas convive com uma forma “peculiar” de vivenciar uma identidade de gênero que não foi imposta pelo sexo biológico. A seguir, abordaremos a questão da identidade transmasculina, considerando o fato de o personagem, aqui analisado, ter adquirido para si esta possibilidade identitária.

## 2.2 A TRANSMASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Uma das identidades possíveis para João W. Nery consiste em sua autoidentificação como um sujeito transexual masculino, pois ele nasceu mulher, se levamos em consideração os aspectos biológicos, mas durante sua busca identitária, procurou tornar-se um “homem”. Neste sentido, analisaremos o referido personagem quando ele decide se subjetivar como um sujeito masculino, assumindo para si uma possível identidade transmasculina. No entanto, problematizaremos esta identidade, questionando se o fato de o personagem se assumir como um sujeito transmasculino seria algo suficiente para a sua construção identitária.

A definição da condição transmasculina é dada pelo fato de o sujeito feminino se sentir pertencente ao gênero masculino, adquirindo para si características masculinas. Os

indivíduos transmasculinos são aqueles que foram designados como mulher pelo nascimento, mas cujas identidades possuem alguma relação com o ser “homem”. Neste sentido, eles rejeitam sua “feminilidade”, que é representada pelo seu corpo feminino de “nascença”, buscando para si características que os aproximem do fenótipo masculino.

Atualmente, percebemos que o número de indivíduos que se autoidentificam como transmasculinos vem aumentando, considerando-se a maior recorrência de indivíduos transfemininos, como afirma Bento (2008), em seus apontamentos sobre transexualidade na série *Princípios*.

Temos percebido uma crescente visibilidade de transhomens desde 2010, que até então estavam praticamente invisíveis tanto no cenário político do chamado movimento de lésbicas, gays, travestis e transexuais (LGBTT) quanto no campo de estudos trans e nas mídias digitais e televisivas, quando comparados à visibilidade de travestis e transexuais femininas (ÁVILA; GROSSI, 2013, p. 5).

A pluralidade das vivências transmasculinas possibilita o rompimento e a desconstrução de verdades naturalizadas, as quais relatam que apenas determinadas características fazem com que um indivíduo se sinta pertencente ao gênero masculino. Uma vez que não existe um modelo único, universal, de feminilidade e masculinidade, entendemos que também não há um único modelo ou padrão de transmasculinidade. Existindo, assim, diversas transmasculinidades, considera-se o fato de que a experiência transexual não pode ser percebida de maneira cristalizada, haja vista que a definição de um único modo de ser “transmasculino” “produz uma sensação de fragilidade, ou mesmo a falta de coesão e de objetivos políticos (Bento, 2006, p. 220). Desta forma, achamos de suma importância considerar o termo transmasculinidades, devido à existência das variadas subjetividades.

De acordo com Maranhão (2014), no vasto espectro das transmasculinidades, as mais destacadas são aquelas independentes das adaptações corporais, bem como as aglutinadoras de identidades “não binárias”, pois na maioria dos casos essas transmasculinidades não são viabilizadas pelos movimentos trans. Desta forma, esse vem sendo o maior desafio do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT). Além dos trans que ocupam a masculinidade nos entrelugares, existe o desafio de reconhecer as masculinidades dos homens que se submetem a modificações corporais, sendo esses lidos como “estupráveis”, na medida em que a cirurgia para a transformação da vagina em um pênis trata-se de um procedimento muito mais complexo que o inverso. Neste sentido, percebemos uma grande vulnerabilidade

desses homens sem pênis, cujos corpos masculinizados ainda estão em processo de adaptação para os procedimentos cirúrgicos de redesignação sexual.

No caso do autor-personagem João W. Nery, temos um sujeito transmasculino que se identifica com os padrões desejáveis aos modelos heterossexuais, na medida em que ele se autoidentifica como um homem, cujas preferências sexuais dirigem-se ao sexo feminino, bem como o profundo desejo de se tornar pai. Para Bento (2006), os indivíduos considerados como transexuais verdadeiros são sempre heterossexuais e querem assumir para si todas as características do gênero pretendido.

No entanto, as formas de se subjetivar do indivíduo transmasculino são diversas, na medida em que existem transmasculinos que se sentem confortáveis com seu corpo e não recorrem a processos cirúrgicos, necessitando apenas das terapias hormonais para conseguirem ter algum traço fenotípico com o sexo oposto. Outros, por sua vez, recorrem aos processos cirúrgicos, como a retirada das mamas e dos órgãos reprodutores. Na minoria dos casos, estes sujeitos recorrem ao procedimento da mudança de sexo, por meio da neofaloplastia, ou seja, o procedimento cirúrgico para transformar a vagina em um pênis, também conhecido por neopênis. Dessa forma, acreditamos que não podemos interpretar um indivíduo como “transmasculino verdadeiro”, uma vez que cada sujeito transexual tem sua forma peculiar de se subjetivar.

É importante salientar que a maioria dos trans homens não recorrem à neofaloplastia, uma vez que essa cirurgia é considerada como algo ainda em processo experimental, tendo a forma mais aceitável a metoidioplastia<sup>3</sup>. Esta escolha é feita por não comprometer a sensibilidade do órgão sexual, pois a construção peniana compromete as zonas erógenas da vagina que se torna um pênis, como afirma Maranhão (2014). Segundo esse autor, as reflexões sobre as transmasculinidades são mais escassas que as discussões envolvendo sujeitos transfemininos, tendo em vista que o segundo grupo possui um número maior de ocorrências. O pesquisador Stoller é um exemplo disso, uma vez que ele só se preocupou com os indivíduos que nascem homens e se identificam como mulheres, tendo no processo terapêutico a saída para a normatização do gênero.

Maranhão (2014) afirma que a identidade de gênero consiste na forma como o sujeito se subjetiva, seja homem ou mulher, não importando, portanto, o sexo que tenha, e existindo a possibilidade de o sujeito ser um homem de vagina ou uma mulher de pênis ou, até mesmo,

---

<sup>3</sup> De acordo com Maranhão (2014), a Metoidioplastia é, informalmente, conhecida como uma alternativa à neofaloplastia em sujeitos transmasculinos. Desta forma, existe a presença de efeitos do tratamento hormonal com testosterona e o clitóris cresce com o tempo até atingir um tamanho médio de 4-5 cm

ocupar o entre-lugar. Tal forma é considerada por meio do não-binarismo, quando o indivíduo nem se identifica como homem, nem como mulher. Entretanto, essa assertiva é bastante problemática, pois não existe um gênero “intermediário”; se levarmos em consideração a questão do corpo, ou se é homem ou mulher. De acordo com Silva (2014), o sexo encontrado, com o qual nascemos, não passa de dois: pênis ou vagina. No entanto, as outras formas de se subjetivar podem representar outros gêneros, se desconsideramos a constituição identitária por meio dos órgãos sexuais dos sujeitos.

No caso da orientação afetiva, esta pode ser percebida de maneiras múltiplas, uma vez que os sujeitos podem ser transexuais femininos ou masculinos com diversas orientações sexuais: bissexuais, heterossexuais, assexuais etc. Para Miskolci (2012), os sujeitos que fogem dos padrões considerados como normais são vistos de maneira excludente, sofrendo tanto a violência verbal, quanto a violência física. Percebemos, assim, o terrorismo cultural propiciado pelo modelo da heterossexualidade compulsória que exclui o diferente, a exemplo daqueles que possuem uma identidade de gênero que foge aos padrões heteronormativos.

Deste modo, precisamos refletir sobre os conceitos que englobam tanto a identidade de gênero, como a identidade sexual. O psicólogo John Money (1921-2006) relata que a identidade de gênero vai além do sexo como marca genital, englobando o feminino e o masculino. Para este estudioso, a criança assimilaria os conhecimentos necessários para ser menino ou menina, da mesma forma como aprenderia a falar. Sendo assim, acredita-se na ideia de que a identidade de gênero é exercitada durante os momentos de interação social, uma vez que as características dadas ao gênero masculino ou feminino são aprendidas por meio da cultura em que estes estão inseridos, determinando as condutas para homens ou para mulheres.

Baum (1999) afirma que as contingências sociais são as características das culturas em que certas ações são reforçadas e outras punidas. Desta forma, existe um reforço para que os indivíduos femininos pertencentes a uma determinada cultura usem rosa e brinquem de boneca, havendo punição caso esse sujeito queira usar azul ou brincar de “carrinho”. No caso dos transmasculinos, este aprendizado é realizado de maneira traumática, uma vez que aqueles nascidos como mulher se recusam, desde a infância, a se comportarem como “meninas”, preferindo sempre as condutas típicas do público masculino.

Beatriz Preciado (2014) diz que, em um sistema político heterocentrado, os gêneros são percebidos de maneira dicotômica e essencializada. Neste sentido, temos duas formas essenciais – o homem verdadeiro e a mulher verdadeira – legitimadas por comportamentos que podem ser tidos como masculinos ou femininos, caracterizando os sujeitos como

“homens verdadeiros” ou “mulheres verdadeiras”. Estas ferramentas são excludentes, quando temos indivíduos “desviantes” da norma, como no caso da pesquisa em questão em que o autor-personagem João W. Nery, por não ter nascido com o corpo de homem, tem a necessidade de ser uma subjetividade transmasculina.

Neste sentido, qualquer expressão fora da dicotomia (homem x mulher) é rechaçada e rotulada pela sociedade patriarcal. Sendo assim, as explicações sobre a transexualidade, como um comportamento patologizante ou, até mesmo, uma anomalia, trata-se de uma justificativa para mostrar que os comportamentos de gênero verdadeiros são tidos pelo fato de não podermos subverter as normas de gênero: homens de nascença não podem se subjetivar como mulheres e vice-versa. Na próxima seção, discutiremos aspectos importantes sobre sexualidade e repressão, considerando o fato de o personagem viver nesse embate, haja vista sua condição identitária.

### 2.3 APONTAMENTOS SOBRE SEXUALIDADE E REPRESSÃO

A sexualidade pode ser percebida de maneira muito natural, a exemplo de algumas sociedades primitivas que não percebiam o sexo entre dois homens como um ato homossexual, mas sim como um ritual de passagem no qual o homem mais velho introjetava no mais novo o seu esperma a fim de propiciar a sua virilidade e força a esse indivíduo. Spencer (1999), em suas pesquisas sobre o comportamento homossexual, constatou que nas tribos Marind e Kiman, situadas em Papua Nova Guiné, todos os meninos teriam de passar por um ritual sexual de felação, que significava a introjeção do significante de poder. Para tanto, o jovem, depois da infância, era tirado da mãe para dormir com o pai na casa dos homens e, aos primeiros sinais de puberdade, o tio materno tinha como função penetrar o jovem e nele introduzir seu esperma, sendo esse considerado como sinal de força e vitalidade para ele.

Freud (2006) relata que na Grécia e em Roma, antes da idade média, os sujeitos em sua maioria praticavam sexo com os dois gêneros; logo, para esta cultura, o mais importante era o prazer, independente do sexo do parceiro selecionado. Entretanto, com o advento da Idade Média e o processo de feudalização, as terras do campo passaram a ser consideradas como propriedade particular, denominadas feudos. Durante esse período, novas subjetividades em torno da afetividade-sexualidade foram criadas, tendo por modelo principal as relações estabelecidas entre o sexo masculino com o sexo oposto. Desta forma, o enfoque para estes indivíduos (ocupantes) dos feudos seria o de formar uma família, constituindo o modelo de

sexualidade heteronormativa; não sendo permitido o sexo apenas para o prazer, como ocorria nas relações homossexuais, mas com a função de se constituir uma família.

Trevisan (2000) relata que existiram fatores importantes para a consolidação das práticas heterossexuais, que começaram como foi observado acima, com a consolidação das sociedades feudais. Historicamente, temos os seguintes movimentos que propiciaram o comportamento baseado na heterossexualidade: a ascensão do capitalismo<sup>4</sup>, o endurecimento das doutrinas calvinistas sobre a moral sexual<sup>5</sup> e a visão positivista da ciência moderna, engessando os papéis masculinos e femininos e atribuindo-lhes funções necessárias ao seu gênero. Outro aspecto importante a ser considerado trata-se do surgimento da divisão entre burgueses e operários<sup>6</sup>, criada pelo modo capitalista de produção, fazendo com que os corpos se inibissem e se tornassem máquinas:

Foi através do especialista em higiene que o Estado se imiscuiu no interior das famílias. Com livre trânsito nesse espaço outrora impenetrável à ciência, o médico-higienista acabou impondo sua autoridade em vários níveis. Além do corpo, também as emoções e a sexualidade dos cidadãos passaram a sofrer interferências desse especialista, cujos padrões higiênicos visavam a melhorar a raça e, assim, engrandecer a pátria. A partir da ideia de corpo saudável, fiel aos ideais de superioridade racial da burguesia branca, criavam-se rigorosos modelos de boa conduta moral, através da imposição de uma sexualidade higienizada, dentro da família. Acreditava-se que a libertinagem enfraquecia as nações (TREVISAN, 2000, p. 172).

Notamos que os corpos passaram a ser controlados pelos discursos “higienistas”, que consideravam as práticas sexuais fora de um padrão heteronormativo como sendo algo “sujo”. Neste sentido, o saber médico passou a interferir na vida destes indivíduos e essa “onda” de

---

<sup>4</sup> De acordo com Fernandes (2019), a ascensão do capitalismo se deu quando o sistema feudal entrou em profunda crise no século XIV devido a fatores, tais como: a ascensão da burguesia nas cidades medievais, que passaram a ter uma intensa movimentação comercial nessa época; a crise no campo, as revoltas camponesas, a Peste Negra, entre outros. Tal crise forçou os senhores feudais e os burgueses que estavam em ascensão a traçarem estratégias de desenvolvimento de suas estruturas econômicas, passando, assim, a se utilizar do modelo econômico proposto pelo capitalismo.

<sup>5</sup> Para Dantas (2010), o surgimento do movimento pentecostal das igrejas evangélicas surgiu pela preocupação com a vida sexual dos fiéis. Desta forma, a igreja passou a regulamentar os desejos e a domesticar os prazeres. Nas diversas denominações evangélicas, a questão da sexualidade surge nas conversas informais, no cotidiano das relações interpessoais, nos discursos eclesiais e nos códigos de conduta. Neste sentido, a experiência sexual se destaca nas propostas doutrinárias, nas reflexões teológicas e nas práticas litúrgicas do pentecostalismo, fazendo com que os sujeitos sejam condicionados a praticar a repressão dos seus desejos, pois eles precisam ter uma conduta dita como “correta” ao utilizarem seus corpos.

<sup>6</sup> De acordo com Engels y Max (1982), o surgimento do capitalismo obrigou aos sujeitos uma espécie de heterossexualidade compulsória, na medida em que esta serviu para atribuir os papéis de gênero dentro do mercado de trabalho e como um meio de deixar as mulheres mais oprimidas do que os homens, uma vez que o capital começou a ditar as regras sobre atividades que poderiam ser desenvolvidas por homens ou por mulheres. Neste sentido, o capital passou a se apropriar do corpo do trabalhador em sua vida cotidiana e reprodutiva através da heterossexualidade.

conservadorismo surgiu como uma forma de controlar os sujeitos, principalmente a classe trabalhadora, subalterna aos comandos do empresariado; reforçando assim, a ideia da influência do capitalismo para a manutenção de uma sociedade “limpa” por não se desviar dos padrões sexuais almejados. O controle dos corpos é algo a se chamar atenção, uma vez que a noção de progresso para a referida época estaria baseada nos modelos de uma boa conduta moral, impedindo que os indivíduos vivenciassem a sua sexualidade livremente.

Além deste fator, a ascensão do cristianismo também foi um importante meio para o controle dos desejos, com a prática da monogamia pautada em modelos heterossexuais. Foucault (2006) acredita que o cristianismo desenvolveu códigos e interdições morais universais, sendo esses centrados nas ditas “verdades” do sexo. Segundo o mesmo autor, a cultura romana chegou a considerar o desejo como sendo potencialmente nocivo e as práticas cristãs o concebiam como intrinsecamente mau. Neste sentido, os indivíduos eram impedidos de consumarem o desejo, pois a “verdade” do sexo lhes tolhia os prazeres.

A partir das considerações citadas acima, podemos dizer que o modelo sexual pautado na heterossexualidade foi criado para estabelecer normas, tendo como uma de suas principais metas estabelecerem as funções de gênero para os homens e para as mulheres, naturalizando as práticas sexuais entre homens e mulheres e considerando como anormal a prática da homossexualidade, pois essa não serviria aos interesses estabelecidos pela sociedade heteronormativa, que se respalda principalmente na apropriação do discurso religioso que ditava o que era certo ou errado.

Desta forma, percebemos a sexualidade como alvo de tabus, repressões, distorções, uma vez que ela não foi tida como algo para que os sujeitos fizessem do sexo algo prazeroso, sendo um mero sinônimo de genitalidade e de reprodução. Neste sentido, os modelos de sexualidade foram feitos através das matrizes heterossexuais, cuja principal função consistia em “fazer sexo” com o intuito de o sujeito perpetuar a espécie, a partir da geração dos filhos.

Como foi dito anteriormente, a década de 1960 foi muito importante, tendo em vista que nessa época houve o surgimento de políticas favoráveis a não repressão sexual, percebendo-se o sexo como uma atividade em que os sujeitos devem ter prazer e não apenas reproduzir-se. Ao mesmo tempo, alargou-se a compreensão de que os homossexuais não são doentes, concebendo apenas uma nova maneira de ter prazer.

Na atualidade, estamos lidando com uma maior abertura para vivência plena da nossa sexualidade, uma vez que tivemos grupos engajados na luta contra a repressão dos modelos sexuais embasados meramente no comportamento heterossexual. Primeiramente, existiu o grupo das feministas, que exploraram as diferenças de gênero a fim de lutar contra a

subalternidade feminina em relação à figura masculina. Em seguida, o grupo das lésbicas e dos gays, que reivindicaram seu lugar dentro do *corpus* social, já que eram marginalizados.

Existe uma luta dos sujeitos considerados *queers*, cujas sexualidades são definidas para além da homossexualidade e da heterossexualidade, como é o caso dos travestis e dos transexuais, cujas reivindicações são referentes à aceitação da sua sexualidade e identidade de gênero. De acordo com Foucault (2006), do século XVIII em diante, a sexualidade era considerada algo a ser julgado e administrado. Neste sentido, a igreja e o direito preocupavam-se com a regulação da sexualidade. Entretanto, durante o iluminismo surgiram novos regimes governamentais, sendo esses centrados no indivíduo corporificado e sexual.

A vigilância do comportamento sexual era obtida por meio da confissão, uma vez que essa propiciava que os sujeitos se sentissem culpados, caso praticassem uma conduta sexual desviante do padrão. Neste sentido, o ato de confessar suas práticas sexuais “errôneas” seria uma forma de o sujeito se redimir, tentando seguir um padrão comportamental aceitável para a sociedade heteronormativa. É importante salientar que foi nesse contexto que as formas de compreender a sexualidade foram formuladas, incluindo os modelos de oposição heterossexualidade e homossexualidade. O mesmo autor nos revela que a sexualidade era vista como um aspecto natural da vida humana e que, a partir do século XVII, entretanto, este aspecto sofreu alterações, na medida em que o sexo passou a ser considerado como “tabu” dentro da sociedade patriarcal, principalmente as práticas homoeróticas.

Esta hipótese sobre a repressão da sexualidade ficou evidente sobretudo no século XIX, no momento em que as evidências apontavam para a proibição de falar sobre ela. Foucault (2006) acredita que a sexualidade não pode ser percebida de maneira naturalizada, tendo em vista os padrões heterossexuais como sendo “naturais”. Neste sentido, se faz necessário desnaturalizar a sexualidade, não dando primazia aos modelos pautados na relação homem x mulher, mas sim na compreensão de outras possibilidades de vivência sexual.

Desta forma, percebemos que a vivência plena dos desejos do sexo é algo bastante delicado em nossa cultura por conta dos modelos de repressões utilizados para moldar o comportamento dos sujeitos, os quais devem experienciar a heterossexualidade e a monogamia, uma vez que estes modelos são considerados como formas “adequadas” de vivenciar a sexualidade. Nesse sentido, o personagem João W. Nery foge dessa regra estabelecida, já que ele nasceu em um corpo feminino e, ao longo de suas vivências, “tenta” construir para si uma identidade masculina, mesmo tendo o seu próprio corpo como limite para esta apropriação identitária.



Foucault (1988) diz que o nascimento do termo “homossexualidade” se deu a partir do século XIX, no entanto, o surgimento deste fato promoveu um controle, ainda maior, dos corpos desejantes pelo mesmo sexo. Desta forma, a homossexualidade era relacionada à prática sexual entre homens, sendo caracterizada pela prática da sodomia, ou seja, o coito anal entre dois homens. Referida prática, até mesmo entre um homem e uma mulher, era considerada como crime e pecado, principalmente, pelos homossexuais que a exerciam. O termo homossexual não existia em tal época. Desta forma, para o referido autor, surgiu uma “espécie” cujo comportamento sexual não coadunava com as práticas sexuais heteronormativas, como podemos perceber no trecho abaixo:

A homossexualidade apareceu como uma das formas de sexualidade quando foi transposta da prática de sodomia para um tipo de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita tinha sido uma aberração temporária: O homossexual era agora uma espécie (FOUCAULT, 1988, p. 43).

Uma vez que a prática do desejo e das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, especificamente entre os homens, foi considerada pela ciência e reforçada pelo estado como algo patológico, a onda homofóbica criada no século XIX foi imensa, tendo em vista os discursos jurídicos e religiosos, relegando-a a algo doentio. De acordo com Caetano (2005), muitos estudos foram realizados, a fim de perceber a homossexualidade como algo natural e não como patologia. Somente em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade da lista de classificação de transtornos mentais.

Como percebemos o tema transexualidade ainda é motivo de “tabus”, pois mesmo que os homossexuais tenham conseguido avanços importantes, os transexuais continuam lutando para serem considerados dentro da “normalidade”, tendo em vista que são vistos como sujeitos abjetos por não realizarem a correspondência entre seu sexo de nascença e o gênero. No entanto, consideramos aqui o posicionamento de Butler (2016), o qual revela que o gênero se trata de uma construção cultural, logo não é naturalizado pelo sexo do indivíduo, tal qual acontece com o autor-personagem que estamos analisando: apesar de ter nascido mulher, busca comportamentos “masculinos” e se autointitula como sendo um “homem sem pau”, ou seja, não existe correspondência entre o sexo de nascença e o gênero pretendido pelo indivíduo.

Uma das identidades possíveis de João W. Nery é a transexual masculina, uma vez que estamos lidando com uma identidade provisória, não tendo um caráter fixo e imutável como afirma Hall (1999). Segundo o autor supracitado, não possuímos uma única identidade, mas

formas de identificação. A depender de uma determinada situação, muitas vezes, uma identidade é construída como uma estratégia de sobrevivência, como é o caso dos sujeitos transexuais que se utilizam, momentaneamente, da identidade de gênero do seu sexo de nascença para não sofrerem preconceitos. João W. Nery, por exemplo, utilizou durante uma etapa de sua vida uma identidade feminina, a fim de se proteger da sociedade e de conseguir um curso superior; posteriormente viveu uma dupla identidade - masculina ou feminina, a depender do ambiente em que estava inserido e passou a se vestir de modo unissex.

Foucault (1988) acredita em uma sociedade pautada no “controle dos corpos”, em que homens e mulheres devem seguir uma ordem no ato sexual, sendo-lhes impostos comportamentos tidos como adequados. Neste sentido, analisaremos a sexualidade do referido personagem considerando os modelos de sexualidade e repressão e refletindo sobre esses, na medida em que o sujeito sai dessa “ordem”, tendo uma sexualidade subversiva que não condiz com os padrões sexuais considerados normais.

A fim de quebrar com esses padrões sexuais normatizados por um modelo heterossexual compulsório, Preciado (2014) criou um modelo contrário às formas dominantes do sexo, denominado de “contrassexualidade”, como explicitado abaixo:

A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é, em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas. Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos natureza por um contrato Contrassexual. No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas (PRECIADO, 2014, p.21).

Percebemos, a partir do trecho acima, o posicionamento de Preciado (2014) em relação ao gênero, pois na contrassexualidade essa instância precisa ser desnaturalizada, já que é vista como produto de um contrato pautado nas práticas heteronormativas, as quais dividem os gêneros a partir de uma ordem binária (macho x fêmea). Assim o fez Judith Butler (2016), ao considerar o gênero enquanto criação ficcional, sendo necessário desconstruí-la, a fim de compreender as diversas subjetividades que não conseguem se enquadrar nos moldes binários. Sendo assim, o gênero pode ser percebido a partir das repetições estilizadas, realizadas por

meio das performances. No entanto, essas não são naturais, mas impostas pela sociedade, revelando as maneiras do masculino ou do feminino se comportar.

Para Preciado (2014), os corpos não devem seguir um parâmetro de interpretação baseado nos discursos que antecedem o corpo, sendo esses livres para se subjetivarem da forma como lhes apraz. O referido autor ou autora, ao desnaturalizar o gênero e mostrar os corpos enquanto instâncias “falantes” que preexistem à ordem discursiva, ainda salienta a inexistência dos órgãos sexuais, como veremos no trecho abaixo:

Os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem a sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua natureza (relações heterossexuais). Os contextos sexuais se estabelecem por meio de delimitações espaço-temporais oblíquas. A arquitetura é política. É ela que organiza as práticas e as qualifica: públicas ou privadas, institucionais ou domésticas, sociais ou íntimas (PRECIADO, 2014, p.31)

O contrato contrassexual permite que os corpos se resignifiquem e desconsiderem os padrões impostos pelas matrizes masculinas-femininas. A contrassexualidade, portanto, está para a quebra de paradigmas, para a desconstrução de subjetividades engessadas, e permite a inscrição de corpos falantes em uma subjetividade que extrapola os limites de uma heterossexualidade que padroniza os corpos *para/na* obtenção do prazer. Desta forma, a contrassexualidade não considera toda ordem falocêntrica, imposta na busca pela satisfação dos corpos desejanter, já que ela é quebrada pela suposição do dildo como precursor da prática sexual, não tendo o pênis como algo essencial *para/na* complementaridade do ato sexual.

De acordo com Preciado (2014), a proposta da contrassexualidade revela que, primeiramente, seria o dildo o antecessor do pênis, entretanto, esta concepção é muito polêmica, tendo em vista que nossa sociedade tem sua base no patriarcado, na qual o pênis não pode ser substituído por outros elementos, pois este órgão sexual representa poder e dominação sobre o corpo feminino. Deste modo, outros elementos como dedos, mãos, vibradores, etc. não representam a força do pênis, servindo apenas como acessórios complementares.

A noção de contrassexualidade vem do termo *suplemento*, sendo este formulado por Derrida (1967), o qual identifica o “dildo” como sendo o suplemento responsável por aquilo que, supostamente deve complementar, ou seja, existe a função de preencher os espaços

“vazios”, a fim de propiciar prazer nos corpos, indo além do contato dos órgãos sexuais (pênis x vagina). Desta forma:

A contrassexualidade afirma que o desejo, a excitação sexual e o orgasmo não são nada além de produtos que dizem respeito a certa tecnologia sexual que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade (PRECIADO, 2014, p.23)

O sexo não pode ser percebido, apenas, pela perspectiva do modelo heterossexual: “[...] como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso, nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reproduz, no corpo, zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino-masculino) (PRECIADO, 2014, p. 25). Neste sentido, a contrassexualidade vai além das convenções, procurando os espaços errôneos e as falhas na estrutura do texto, buscando sempre os caminhos que desconstroem os parâmetros percebidos dentro de um certo construto heteronormativo (os corpos “queers”, os sexos hermafroditas, o “pênis” do trans masculino, os corpos travestis, as lésbicas afetadas), ou seja, toda uma gama de sexualidades possíveis que fogem do paradigma heteronormativonaturalizante. No entanto, este modelo é meramente ficcional, representando uma forma de criticar toda a repressão imbuída nas práticas sexuais pautadas na heteronormatividade. A seguir, iremos analisar a possível identidade feminina do autor-personagem, considerando todo aporte teórico discutido neste capítulo.

### 3. DA TENTATIVA À IMPOSSIBILIDADE DE SE IDENTIFICAR COMO MULHER

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados, a qual está dividida em quatro partes importantes: a primeira relata as experiências do autor-personagem João W. Nery durante a infância; a segunda durante a adolescência; a terceira relata a tentativa de o personagem se autoidentificar como mulher, e por fim, a sua impossibilidade de performatizar essa identidade. Temos por principal objetivo, neste capítulo, analisar os processos importantes de que o autor-personagem precisou se utilizar para/na construção de uma identidade essencialmente feminina, mostrando seus conflitos e dificuldades em assumir para si as características inerentes ao público feminino, por não conseguir se “enquadrar” nesta identidade provisória. Desta maneira, problematizaremos esta construção identitária baseada na busca pela “feminilidade” do referido personagem em questão.

#### 3.1 A IDENTIDADE DE JOÃO W. NERY DURANTE A INFÂNCIA.

Sabemos que a sociedade pautada no modelo falocêntrico<sup>7</sup> não considera apropriado o fato de o sujeito querer para si uma construção identitária cujo gênero e sexo do sujeito não correspondem, ou seja, os indivíduos que nasceram com vagina devem ter uma identidade essencialmente feminina, bem como aqueles que nasceram com um pênis devem ter comportamentos masculinizados. De acordo com Foucault (2006), a sexualidade dos indivíduos é concebida sob uma perspectiva regulatória, ou seja, o comportamento sexual das pessoas deve seguir os padrões da sociedade heteronormativa<sup>8</sup>, tanto em relação às práticas sexuais, como em relação ao gênero. Homens que querem se travestir de mulher e vice-versa caracterizam perfis condizentes com a “quebra” das normas impostas tanto pelo sistema judiciário, quanto pelo sistema religioso.

---

<sup>7</sup>De acordo com o dicionário de psicanálise de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998), o falocentrismo foi um termo criado em 1927, pertencendo ao vocabulário freudiano. Este termo é utilizado para as diversas representações figuradas do órgão masculino, organizadas em um sistema simbólico, que remete à teoria freudiana sobre a sexualidade feminina e a diferença sexual, designando uma doutrina monista, cujos termos só existirão no inconsciente de uma espécie proveniente de uma libido viril, de base essencialmente masculinista. Desta forma, o homem é visto como privilegiado, por possuir um falo que é representado pelo pênis, negatizando, assim, as mulheres, devido essas possuírem uma vagina.

<sup>8</sup> De acordo com Santos (2007), a heteronormatividade trata-se de uma palavra composta pelos termos hétero e norma. O termo hétero significa outro, o diferente, sendo esse o antônimo de “homo” que significa igual. Neste caso, o termo hétero se refere a sujeitos que sentem atração por indivíduos do sexo oposto, o termo norma, por sua vez, diz respeito a algo que regula e que pretende tornar igual. Sendo assim, a heteronormatividade implica a condição de sujeito “normal”, aquele que segue a orientação sexual hétero, sendo este tomado como parâmetro de normalidade em relação à sexualidade.

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea’. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam existir-isto é, aqueles em que o gênero não decorre do ‘sexo’ nem do ‘gênero’ (BUTLER, 2016, p. 44).

Considerando todo um sistema de repressão do desejo e da sexualidade dos indivíduos, percebemos que, em muitos casos, os sujeitos são levados a vivenciarem algo que não condiz com a sua realidade, como é o caso de João W. Nery que tenta se identificar como mulher a fim de se adequar aos parâmetros esperados pelo *corpus* social, pois a matriz cultural rejeita determinados comportamentos, conforme destaca Butler (2016). Tendo em vista que ele nasceu biologicamente “mulher”, a matriz cultural não aceita que ele se comporte como um “homem”.

Nesta primeira parte do capítulo dois, realizamos uma discussão sobre as impressões do autor-personagem em relação a sua identidade durante a infância. Para tanto, selecionamos alguns trechos que correspondem a este período da vida do referido personagem com o propósito de compreendermos a sua identidade masculina. Neste sentido, escolhemos os trechos para análise referentes à infância do autor personagem, como podemos perceber no primeiro trecho abaixo:

Sempre adorei dirigir. Aos seis anos, pedi um jipe ao Papai Noel, uma semana antes do Natal, brincando na garagem de casa, dei de cara com um carrinho igualzinho ao que havia pedido. Fiquei alucinado! Saí correndo contar à mamãe que havia chegado antecipadamente meu presente! Engasgada, negou que fosse o meu. Deveria ser da criança que havia morado antes na casa (NERY, 2011, p.29)

De acordo com Louro (1997, p.77), o gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”; neste sentido, não é a diferença sexual (pênis x vagina) que vai definir o gênero do indivíduo, mas a forma como estes se comportam. No caso do personagem João W. Nery, este afirma sempre ter gostado de dirigir desde que tinha seis anos, sendo esta uma atividade comum ao público masculino, tendo em vista que, geralmente, as mulheres preferem brincar de boneca ou imitar suas mães nos afazeres domésticos.

Uma das possibilidades de entendermos as questões de gênero e sexualidade pode ser delimitada pelas maneiras representadas pela cultura, sendo essas percebidas pelos modos de

pensar e agir de um determinado sujeito. Se levarmos em consideração o modo de o personagem se comportar, ele age como se fosse um “menino”, muito embora seja uma “menina” no sentido biológico. Para Butler (2016, p.223), “a distinção sexo/gênero e a própria categoria sexual parecem pressupor uma generalização do “corpo” que preexiste à aquisição de seu significado sexuado”. Entendemos que, quando o corpo é apresentado de forma passiva e anterior ao discurso, qualquer teoria tem a obrigação de refletir as generalizações que lhes são impostas.

Notamos que os discursos anteriores ao corpo, aprisionam-no a uma identidade masculina ou feminina, uma vez que vivemos em uma heterossexualidade compulsória, na qual as mulheres precisam se comportar de uma determinada maneira que as diferencie do público masculino, fazendo com que o sujeito não consiga fugir desse binarismo imposto. O personagem em questão não segue o padrão comportamental esperado para seu sexo e se sente extremamente feliz com a possibilidade de ganhar um “jipe” de presente de natal, revelando um sentimento contraditório quando sua mãe lhe presenteia com roupas, como veremos no trecho abaixo:

Geralmente, crianças adoram ganhar roupas novas nos dias de festa. Entrava em pânico quando mamãe nos carregava para a costureira. Relutava. A única coisa que conseguia reivindicar era que, pelo menos o vestido tivesse gravata e bolsos. Mamãe não entendia ou fingia não entender (NERY, 2011, p.32)

Para Grossi (1998), a demarcação do que cabe aos meninos e às meninas se inicia desde a infância, ocorrendo de forma material - escolha das roupas, acessórios, tipos de brincadeiras, etc.- e subjetiva, que é representada pelos trejeitos do indivíduo. Desta forma, a partir do trecho acima, podemos dizer que o fato de ter que se vestir como uma menina era algo que não satisfazia o referido personagem, deixando-o constrangido, por isso ele reivindicava um traje que representasse sua masculinidade: um vestido com gravata e bolsos, a fim de representá-lo de uma maneira masculinizada, uma vez que não se identificava com a identidade feminina e o uso de vestidos seria uma maneira de o personagem não se disfarçar de “menina”.

Mamãe, faz só shorts e um pijama. Não gosto de vestido! Não adiantava. Estava decidido, e o pano, já comprado. Não queria nem me olhar no espelho. Só o usava quando forçado, depois de brigas e discussões (NERY 2011, p.32).

Butler (2016) afirma que a teórica Wittig entende o gênero como operações do sexo, em que o “sexo” representa uma injunção obrigatória, para que o corpo se torne um signo cultural, baseando-se na concepção de “projeto de gênero” que pretende enquadrar o sujeito que nasce biologicamente homem no gênero masculino e vice-versa. Neste sentido, a mãe do personagem atua como uma espécie de “reguladora”, na medida em que ela impõe ao filho o uso de vestidos, desconsiderando então, a subjetividade do “filho”.

Segundo a mesma autora, os vários atos de gênero criam a ideia de gênero sem os quais a referida ideia não existiria, pois não há nenhuma essência que ela expresse ou exteriorize, sendo, portanto, uma construção que oculta a sua gênese. Neste sentido, o gênero precisa ser interpretado enquanto “desempenho” com consequências claramente punitivas. No caso do personagem em questão, a sua punição se dá pela obrigação que ele tem em usar vestidos no lugar dos shorts, pois precisa performatizar uma “menina”, não lhe sendo possível escolher a vestimenta que condiz com o seu gênero “real”.

Não conseguia entender por que me tratavam como se fosse uma menina! Faziam questão de me ver como nunca fui. Sabiam que não gostava disso! Por que insistiam em me entristecer, em me ridicularizar? Algo estava errado. Restava saber se com eles ou comigo. Tornei-me um ser acuado (NERY 2011, p.32).

Chiaretti e Santana (2019), ao refletirem sobre o corpo orgânico afirmam que esse é discursivizado e significado de formas diferentes ao longo da história, sinalizando o fato de que não existe relação direta entre o corpo orgânico, biológico e sua significação. No entanto, existe uma série de normas e sentidos sócio historicamente compartilhados e naturalizados sobre o corpo, incidindo, assim, na sua forma de se reconfigurar e significar. No trecho acima, esta assertiva nos mostra que João W. Nery nasceu biologicamente mulher, e este fato foi determinante para que os outros o tratassem assim. Entretanto, o autor-personagem não conseguia entender porque os outros o consideravam como sendo pertencente ao gênero feminino, se ele se autoidentificava como pertencente ao gênero oposto.

João W. Nery, ao não compreender a si mesmo, não sabia discernir se o erro estava nos outros ou nele. De acordo com Foucault (2006), a gestão política da vida exige a construção de um saber-poder sobre os corpos dos indivíduos, como uma espécie de governo sobre este corpo. Desta forma, os discursos sobre a identidade feminina são relacionados ao sexo biológico de um determinado indivíduo, fazendo com que os sujeitos vivam sob uma espécie de controle dos corpos, ou seja, se um indivíduo nasce com um pênis, ele deverá se



comportar de acordo com o gênero masculino. Este fato ocorreu com João W. Nery, já que os outros lhe tratavam como menina e não como o menino que ele realmente era. A partir disso, notamos um tipo de controle sobre os corpos, impedindo-os de vivenciar sua real subjetividade.

Presentia que o errado deveria ser eu, e não eles, mas que confusão! O pior é que quanto mais crescia, mais exigências iam sendo feitas, aumentando as dificuldades. Sabia não possuir um pinto tão grande como o dos outros meninos da minha idade. Mas alimentava a esperança de que ainda crescesse. Deitava na cama e ficava puxando o meu “pinto”, para ver se aumentava. Ao acordar a desilusão! Tudo continuava na mesma. Nenhuma fada apareceu. Nenhum milagre aconteceu (NERY 2011, p. 33).

De acordo com Kennedy (2010), as crianças consideradas “transgênero” possuem um sentimento de inconformismo com o próprio corpo, acreditando, assim, que “Deus” cometeu um erro. Em pesquisas realizadas com esse público em específico, quando pediram para essas crianças descreverem suas primeiras memórias de serem trans, elas revelaram que as primeiras impressões que existiam era de que havia algo errado com elas. No caso do autor-personagem João W. Nery, esse acreditava que, desde a infância, tinha um pênis pequeno que, possivelmente, cresceria com o decorrer do tempo, no entanto, esse “milagre” não ocorreu. O autor-personagem sentia-se inconformado com o seu biológico por ser uma criança trans.

O que não é regulado para a geração e por ela transfigurado não possui eira, nem beira nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e a menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras. A criança, por exemplo, sabe-se muito bem que não tem sexo: boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Porém, forçada a algumas concessões. Se for mesmo preciso dar lugar às necessidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, se não nos circuitos de produção, pelo menos nos do lucro (FOUCAULT, 1988, p.10)

A citação, acima, nos mostra que as crianças que se configuram como transgênero são silenciadas, na medida em que elas não são percebidas sob o ponto de vista da sua sexualidade. Neste caso, se faz necessário compreender que os sujeitos não podem ser “apagados” e que as normas de conduta que regulam os indivíduos precisam se reconfigurar e atender a uma grande demanda de sujeitos que não se enquadram nos padrões impostos. Para

enfrentar este sistema opressor, durante a infância, João W. Nery buscou para si uma identidade possível através das brincadeiras de criança, como veremos a seguir:

Devido a esta absurda defasagem entre a minha autoimagem e a que faziam de mim, descobri, quase instintivamente, que na fantasia estaria a gratificação de ser reconhecido. Considero essa solução a balsa salva-vidas com a qual consegui sobreviver a tantos desencontros. Delineada pelas minhas necessidades vitais, moldei-a de uma forma que podia adaptá-la à realidade. Surgiu o 'Zé e Zeca'. Para Van, era apenas mais uma brincadeira. Nós éramos dois homens viúvos-para explicar a ausência de esposas- e com muitos filhos, que eram as bonecas (NERY, 2011, p. 35-36).

O trecho transcrito nos faz refletir sobre a identidade masculina de João W. Nery, ou seja, um homem preso em um corpo feminino. Para minimizar este efeito, durante a infância, o personagem criou para si um “real” imaginário por meio da brincadeira Zé e Zeca, em que ele e sua irmã representavam a figura de dois sujeitos masculinos viúvos com muitas filhas. Brincar de boneca, nesse contexto, seria vivenciar o “real” para João, pois esse interpretava um homem e esta brincadeira, por sua vez, corrobora a ideia de sentimento paternal do personagem, revelado na última parte do livro quando o autor-personagem toma para si a identidade de pai, ao assumir o filho de Lola. Esta brincadeira surge como uma fuga da realidade, representando a real identificação do autor-personagem cujas práticas na infância não condiziam com sua condição biológica.

Meu modelo mais fiel para assumir a personalidade do Zeca e saber como agir em determinadas circunstâncias era o seu Sebastião. Homem humilde, pintor de paredes, morava na parte coberta da garagem. Tornou-se um agregado da família, fazendo pequenos serviços para retribuir a moradia gratuita: consertava o ferro elétrico, pintava a casa ou lavava o carro. Exatamente como Zé e Zeca (NERY, 2011, p. 37).

A figura de Sebastião representa algo de grande relevância, uma vez que João W. Nery afirma ter se inspirado nas práticas realizadas por ele, que configuravam ações comuns ao universo masculino, sendo esta a identificação do referido personagem.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou

que o termo ‘mulheres’ interprete só corpos femininos (BUTLER, 2016, p. 26).

Seguindo o raciocínio de Butler (2016), a interpretação do gênero é dada por meio do comportamento dos sujeitos, não importando se são homens ou mulheres assumindo os papéis inversos, pois, segundo a autora, a construção do “homem” não é algo exclusivo aos corpos masculinos e vice-versa. De acordo com essa lógica, sujeitos nascidos biologicamente mulheres podem vir a ser “homens”, como é o caso do personagem em questão.

No entanto, a sociedade não percebe a construção do gênero dessa forma, na medida em que tenta impor ao sexo biológico os comportamentos e direcionamentos que lhes cabem, impedindo assim, a construção de uma subjetividade que seja de acordo com a necessidade do sujeito. De acordo com Foucault (1988), existe a necessidade de regular estes corpos, os quais precisam obedecer ao regime do patriarcado, que confere corpos femininos aos sujeitos que nascem com vagina e corpos masculinos aos indivíduos que nascem com pênis, caso se fuja desta regra, existirá algum tipo de punição. Deste modo, existem diagnósticos, a fim de “tratar” os indivíduos que fogem do padrão convencional, como destacado no trecho abaixo:

O diagnóstico indicou que era fixado no meu pai, com uma necessidade de imitá-lo por ser a filha do meio. Assim, tentava me sobressair para ter mais atenção e afeto. Minha mãe não deveria me forçar, impingindo-me roupas femininas ou coisas do gênero, pois tudo passaria com a idade. Não lembro que exame pedi, mas papai reagiu: ‘Filho dele não era doente, nem anormal’ (NERY, 2011, p. 46).

Sarti (2019) afirma que existe uma redução das modalidades de identificação, expressão e circulação da experiência trans, sendo essas similares a uma gramática normativa e diagnóstica, modulando assim, um sofrimento psiquiatrizado. “Para ser tratado pela medicina, é preciso sofrer de acordo com ela. Para ser incluído nos dispositivos de assistência social, securitária e de saúde, é preciso estar de acordo com os seus protocolos diagnósticos” (DUNKER, 2004, p.29). Percebemos a existência de um perfil desejado pelo saber médico, a fim de diagnosticar o sujeito como sendo um transexual, caso esse não venha a atender os pré-requisitos necessários não será enquadrado em tal realidade.

Podemos dizer que outras experiências que remetem à transexualidade são excluídas, uma vez que ela é vista sob a ótica do diagnóstico, assertiva essa criticada por Bento (2006), que ironiza a existência de um transexual verdadeiro. O primeiro diagnóstico de João W. Nery ainda lhe dá a chance de “não ser” o que ele é de verdade, lhe imputa uma fixação na figura

masculina, não compreendendo, assim, que sua masculinidade não é uma fixação na figura paterna, mas sim o modo do referido personagem se autoidentificar. O comportamento masculino do personagem é visto como algo temporário e não como um elemento construtivo de sua identidade, uma vez que o seu maior desejo seria ser um menino de verdade e já se considerava um:

Na hora de apagar as velinhas, como em muitos outros de meus aniversários, concentrei-me no mesmo pedido: “Quero ser um menino como os outros”. Devido a esta absurda defasagem entre a minha autoimagem e a que faziam de mim, descobri, quase instintivamente, que na fantasia estaria a gratificação de ser reconhecido (NERY 2011, p.35).

O trecho acima nos revela o erro do diagnóstico de João W. Nery ao acreditar que o seu comportamento era apenas uma fixação pela figura paterna, permitindo que esta masculinidade fosse algo passageiro. O referido trecho corrobora para a ideia da não-efemeridade do comportamento masculinizado do personagem, pois este sentia-se incompleto por não ser um menino igual aos outros, principalmente pelo fato de não ter um pênis e criar para si um falo imaginário. João W. Nery não era compreendido pelos outros, chegando a ser confundido com uma lésbica:

Certa vez saí só com mamãe. Tivemos de atravessar a pracinha. Alguém gritou: “Maria-homem! Maria homem! ”. Quis morrer naquela hora. Fiquei lívido. Fingi que não era comigo. Tentei puxar qualquer conversa para ela não escutar. A voz não saía. Um misto de vergonha e tristeza me invadiu por fazer mamãe assistir aquele vexame. O bolo na garganta cresceu. Tentei segurar as lágrimas, que teimavam em sair. Abaixei a cabeça (NERY, 2011.p.34).

A sociedade impõe aos sujeitos determinadas formas de se comportar, ao fugir desse padrão, existe uma tendência de rechaçar o indivíduo pelo jeito como ele se porta, “o corpo é uma sinédoque para o sistema social *per se* ou um lugar em que convergem sistemas abertos, então todo tipo de permeabilidade não regulada constitui um lugar de poluição e perigo” (BUTLER, 2015, p.228). No caso de João W. Nery, a representação do seu corpo, biologicamente feminino com trejeitos masculinos, permite que a sociedade o perceba como uma “espécie de poluição”, atribuindo-lhe o adjetivo de “Maria-homem”, tendo este adjetivo uma carga negativa, principalmente pelo fato de associar o autor-personagem a uma

identidade híbrida e representar a forma pejorativa de classificar o sujeito como sendo “lésbica”.

A identidade feminina representa algo a que João não queria ser associado na infância, por isso criou para si a ilusão de ser o personagem Zeca em suas brincadeiras infantis. Para o autor-personagem, por mais que os outros o enxergassem como sendo uma menina, ele sempre teve, para si, a convicção de ser um menino, embora não tivesse um pênis como os outros, esperando que um dia o seu “micro pênis” pudesse crescer, a fim de torná-lo igual aos outros meninos de sua faixa etária. A angústia do personagem frente ao adjetivo “Maria homem” surge, justamente, por não querer ser percebido como mulher. João não tinha conhecimentos sobre a sua condição e ser visto como uma “menina masculina” lhe fazia sentir muito deslocado, pois, para si mesmo, ele tinha certeza do que realmente era. A infância foi uma fase de fantasias e João não precisou esconder sua identidade, pois, mesmo que ele sempre preferisse brincadeiras de meninos e se recusasse a usar os vestidos que sua mãe lhe obrigava a vestir, ele era livre para ser quem era. A seguir, analisaremos os conflitos identitários sofridos por João W. Nery durante a fase da adolescência.

### 3.2 A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO AUTOR-PERSONAGEM JOÃO W. NERY NA ADOLESCÊNCIA:

O período da adolescência representou uma fase muito difícil na vida do personagem João W. Nery, devido aos conflitos vivenciados durante o processo de transformações corporais necessárias à modificação do seu corpo, já que desde a sua tenra infância ele se autoidentificava como sendo um “menino” e não uma “menina”, como todos queriam que ele fosse:

Ouvi dizer constantemente que, quando entrasse na adolescência, me tornaria uma mocinha. Só de escutar essa palavra, sofria um baque. Soava como uma punhalada na minha impotência. Não podia fazer nada para evitar essa terrível sina. Isolava-me num canto, num choro perdido de criança desamparada (NERY, 2011, p. 46).

Butler (2016), em seus estudos sobre gênero e sexualidade, embasada nos pressupostos teóricos de Beauvoir, apresenta que o indivíduo se torna mulher e, para que isso seja possível, existe sempre uma compulsão cultural, ou seja, a seleção de determinados comportamentos é destinada exclusivamente ao público feminino e a sua assimilação permite

que o sujeito se torne, de fato, “uma mulher de verdade”. Isto quer dizer que não nascemos “mulher”, assimilamos comportamentos ditados pela cultura, a fim de nos tornarmos. Esse fato se restringe, conforme a autora, aos sujeitos que nascem com o sexo feminino.

A mesma autora expande este entendimento ao afirmar que a cultura tem por objetivo principal tornar os sujeitos “homens” ou “mulheres”, não existindo explicação que garanta que o ser que se torna mulher seja, necessariamente, fêmea, pois os indivíduos que nascem com um pênis podem ser femininos ao performatizarem o referido gênero. Com a ampliação do conceito de Beauvoir por Butler (*op. cit.*) podemos inverter os papéis, a exemplo da existência de sujeitos transfemininos, os quais se tornam “mulher”, por meio do uso de determinadas performances de gênero que lhes garantem a “apropriação” de uma identidade feminina.

No caso de João W. Nery tornar-se “mulher” implica em tomar para si uma identidade “falsa”, pois ele se tornará mulher apenas pelo fator biológico, conforme seus familiares e amigos afirmavam, desde a infância, que o seu destino seria tornar-se uma “mocinha”. Desse modo, o referido personagem, em sua busca identitária para se tornar mulher, percorre um caminho muito delicado, pois o seu “eu” verdadeiro não pertence à identidade feminina. Uma das maiores dificuldades do personagem foi lidar com a menstruação, como percebemos no trecho abaixo:

A coisa começou a aparecer aos 14 anos, quando veio a primeira ‘monstruação’. A ideia de aquilo ter vindo de dentro de mim me repugnava. Evidenciava uma série de órgãos, hormônios e funções que eu sabia existirem, mas que, felizmente não podia ver (NERY, 2011, p. 46).

No trecho acima, podemos dizer que João W. Nery é uma mulher biológica, cuja menstruação chegou aos quatorze anos, para demonstrar que ele não poderia fugir do destino de tornar-se uma mulher de verdade, considerando o fato de que o ato de menstruar propicia ao sujeito feminino as modificações do corpo, tais como: quadris mais largos, seios, cintura mais fina, sendo esses elementos rejeitados por João, pois não se enxergava exercendo uma identidade feminina. De acordo com Bento (2009), para os transexuais masculinos, o fato de menstruar e o aparecimento dos seios representam o fim dos sonhos e a impossibilidade de se tornarem homens. Desta forma, o autor-personagem chama sua menstruação de “monstruação”, pois esta representa a separação definitiva dos gêneros que é dada pela diferença corporal nítida no período da adolescência, como podemos ver no trecho a seguir:

A dose foi cavalhar. Acompanhando a monstruosidade, os seios insistiam em nascer. Aí foi demais! Como se já não bastasse todos me tratarem no feminino, não entenderem minhas vontades, não poder fazer nada do que os outros meninos faziam, ainda tinha de aguentar o que me brotava do corpo, à revelia (NERY, 2011, p. 47).

De acordo com Moore (1994), o sexo é uma relação social prioritária na construção das identidades trans, tendo em vista que é, no corpo sexuado, que esses indicam sua diferença, como também é nesse corpo, ou através dele, que transexuais, travestis, transformistas etc. revelam o gênero como uma categoria manipulável. No entanto, João W. Nery se percebe impedido pelos outros de exercer a sua identidade de gênero de forma manipulável, ou seja, ele poderia agir como um homem, mas os outros ainda o enxergavam como sendo uma mulher, pois o fato de seu corpo sofrer modificações, assimilando-se ao gênero feminino, o impediu inicialmente de se identificar como sendo pertencente ao gênero oposto.

Discutir gênero trata-se de algo muito complexo, haja vista a disparidade teórica sobre esta temática, pois muitos consideram apenas o binarismo e outras correntes abordam a possibilidade não essencialista, ou seja, o gênero não se refere apenas a homens e mulheres, bem como a masculinidade e a feminilidade não são categorias exclusivas, uma vez que as mulheres podem adquirir para si masculinidades e vice-versa. Neste sentido, falamos em gênero enquanto multiplicidade, sendo esta corrente defendida por Almeida (1996), pois o sexo não pode ser uma categoria essencializada, uma vez que ele não vai definir o gênero com o qual o sujeito realmente se auto identifica.

A não compreensão da identidade masculina de João W. Nery o faz ser percebido sob a ótica da abjeção. No entanto, no período de sua adolescência, ele conseguiu construir para si estratégias de sobrevivência a fim de “suportar” sua condição quando, por exemplo, decidiu aos treze anos praticar esporte, tendo por finalidade principal assemelhar-se à figura masculina.

Aos 13 anos, resolvi botar em prática um antigo desejo dedicar-me aos esportes. Iria me fazer bem, pois conseguiria obter admiração, aumentar minha autoestima. Seria uma tentativa de melhorar meu físico, tornando-o mais musculoso, mais de acordo comigo. Treinava como um desesperado. Mal a piscina do clube abria, lá estava eu no trampolim para executar um salto ornamental. Escolhi um esporte que exigisse coragem, que fosse individual e que me pusesse em contato com a água, pois sempre fui muito calorento (NERY, 2011, p. 48).

A escolha de João W. Nery pela prática esportiva não foi pensando nos outros, uma vez que sua família não compreendia sua condição identitária, mas pensando em si próprio, considerando o fato de que ele iria conseguir uma certa harmonização do seu corpo com sua identidade por meio da prática do salto ornamental, adquirindo para si um corpo mais masculinizado. De acordo com Butler (2016), é por meio da repetição estilizada dos atos corporais, gestos e movimentos específicos que o efeito do gênero é criado, sendo este representado através de uma “temporalidade social”. Desta forma, os indivíduos acessam uma identidade de gênero por meio dos padrões comportamentais que sustentam as normas de gênero. Sendo assim, o gênero é uma espécie de ficção, não sendo possível apreender significação, uma vez que as normas de gênero são fantasísticas e impossíveis de incorporar.

No caso do personagem em questão, ele busca, através das mudanças corporais que podem ser atingidas pela prática esportiva, modificar o seu corpo e torna-lo mais semelhante a um corpo masculino, já que precisa dessa modificação para poder “performatizar” para si uma identidade masculina.

Ia para o clube de bicicleta, embora isso também fosse motivo de chacota. Todos me consideravam uma ‘mocinha’. Na época, não pegava bem me prestar a esse tipo de atividade tão infantil. Após estacioná-la, seguia direto para o vestiário. Não parava no bar, não parava no bar como as outras jovens faziam, com a finalidade de paquerar ou de se exibir para os rapazes. Treinava sem descanso até endurecer (NERY, 2011, p. 48).

De acordo com Bento (2008), os sujeitos transexuais possuem um medo constante de serem rejeitados e, em muitos casos, preferem se isolar a ter de confrontar a sociedade em favor de sua “real” condição. No caso do personagem em questão, o esporte era utilizado como subterfúgio para que conseguisse se encontrar com sua “identidade masculina”, mesmo que os outros ainda o enxergassem como uma mulher, uma vez que ele carrega consigo um genital que atua como obstaculizador da real condição identitária do personagem.

Embora competisse na categoria feminina, o ambiente era basicamente de rapazes. Sentia-me bem, ao ser tratado com igualdade por todos, inclusive pelo meu treinador. Sabia de alguns comentários a meu respeito, e por isso me esmerava mais ainda para adquirir uma boa forma como atleta. Apesar de ridicularizarem o meu jeito, acabei sendo respeitado pela seriedade, pela dedicação e pelo destemor (NERY, 2011, p. 48).



Podemos dizer que a identidade do personagem, no período da adolescência, não consegue se firmar completamente, pois ele vivencia um entre-lugaridentitário, no qual se reconhece como pertencente ao gênero masculino e os demais, devido a sua aparência, consideram-no como uma mulher com traços masculinos, fazendo com que os conhecidos de João escarneçam-no. Neste sentido, João W. Nery vivencia uma espécie de hibridismo identitário, no qual é percebido pelos outros como sendo mulher, porém se autorreconhece como um homem, sendo estigmatizado por não ter traços tipicamente femininos. Sobre identidade, Hall (1987, 1999) destaca:

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987).

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 1999, p. 13).

De acordo com o autor citado, internamente a este “eu”, existem várias possibilidades de ser, pois os modos de identificação do sujeito são sempre deslocados, a depender de uma determinada situação. Percebemos que o personagem em análise vivencia essas identificações para conseguir sobreviver em uma sociedade que julga os comportamentos não heteronormativos.

O autor-personagem, inicialmente, não assume uma identidade completamente “masculina”, apresentando apenas marcas sutis em seu corpo, uma vez que seus ombros passam a ficar mais largos devido à prática constante dos exercícios físicos, o que acaba gerando o estigma de ser visto como uma mulher masculinizada. Sabemos que as identidades são processos e não podem ser vistas como permanentes, como o caso de Nery que possui uma identidade contraditória, pois ele não se percebe como sendo um homem de verdade e a presença do corpo feminino destoa essa identificação. Logo, sua identidade vive em processo constante de deslocamento, pois não se fixa nem em uma identidade masculina, nem em uma identidade feminina.

A identidade também pode ser percebida como sendo uma performance identitária. Para Bloommaerte (2005), a identidade – vista como algo performático – não pode ser considerada como uma propriedade ou categoria estável de indivíduos ou grupos, mas sim como formas particulares de potencial semiótico organizadas em um repertório. Neste sentido,

as pessoas constroem identidades a partir de uma configuração específica de recursos semióticos e linguísticos, os quais são condicionados por dinâmicas que são representadas através de formas desiguais de acesso a determinados recursos para a construção das identidades. Neste sentido, utilizaremos, em nosso trabalho, o termo performance identitária, por considerarmos a sua não-estabilidade.

Sabemos que João W. Nery, durante a adolescência, não conseguiu de forma plena uma harmonização do seu corpo com a sua identidade masculina, tendo na prática esportiva uma espécie de “conforto”, pois os exercícios deixavam-no com uma aparência física mais masculinizada, devido ao aparecimento dos músculos e ao alargamento dos ombros. No trecho abaixo, veremos essa insatisfação do personagem com a aparência feminina do seu corpo:

Meu recurso rudimentar era esmurrar os seios, até onde conseguisse suportar a dor. Dava então uma parada, obtinha novo fôlego e recomeçava outro round. Minha intenção era empurrá-los para dentro. Atrapalhar algum sistema endócrino, conseguindo estacioná-los. Essas autossurras só terminaram quando desconfiei de que não só continuavam crescendo, como os murros talvez estivessem servindo de massagem para aumentá-los. Uma das consequências desse nascimento não grato do meu corpo foi que desenvolvi uma postura arqueada. Tornei-me corcunda, como uma forma de chupar o peito e não exibir os dois execráveis apêndices (NERY, 2011, p. 51).

Para João W. Nery, a presença dos seios representava uma ameaça a sua identidade masculina, tendo em vista que os homens nascidos biologicamente não possuem seios. No entanto, mesmo que o autor-personagem promovesse autossurras em seus seios, esses não deixariam de se desenvolver. Percebemos os seios como algo que vai impedir João W. Nery de apresentar-se para os outros como ele se percebia. No entanto, para Butler (2016), a identificação do gênero não é dada através da aparência dos corpos, mas sim dos comportamentos que os indivíduos selecionam para si e da forma como eles se autopercebem.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete só corpos femininos (BUTLER, 2016, p. 26).

Seguindo esta lógica, a construção do “homem” não é algo exclusivo aos corpos masculinos e vice-versa. No entanto, para João W. Nery comportar-se como um sujeito masculino não é algo suficiente para o desenvolvimento de sua masculinidade, pois a sua realidade de possuir seios e não poder “colocá-los para dentro” o impede de construir para si a sua masculinidade. A adolescência de João W. Nery foi marcada por problemas hormonais, pois ele não tinha um ciclo menstrual regular e sua menstruação só ocorria a cada seis meses, dando-lhe um certo conforto por não ser igual às mulheres convencionais e poder sentir-se um homem, no entanto, seu corpo feminino o limitava. Desta forma, ele sentiu a necessidade de procurar uma especialista que conseguisse decifrar o seu mistério.

Terminei indo à Dr Elizabeth, uma ginecologista obstetra amiga de meus pais, que depois teria uma enorme importância na minha vida. A menstruação vinha de seis em seis meses. Essa demora me deixava eufórico, porque achava que meu psiquismo estava conseguindo bagunçá-la. Quem sabe até poderia eliminá-la por completo? Outro motivo é que havia a curiosidade de ouvir uma opinião abalizada sobre o meu problema, se era ou não um caso de intersexo (NERY, 2011, p. 51).

Na esfera médica, o termo “intersexualidade” foi utilizado em 1917 a fim de denominar uma gama de ambiguidades sexuais que antes eram conhecidas por hermafroditas. De acordo com Dreger (2000), o termo “intersexo” foi cunhado pelos ativistas com essa condição física para que houvesse a proibição de cirurgias precoces, especialmente dos sujeitos que nasciam com essa condição e perdiam seus “pênis”, a fim de retirar sua ambiguidade de sexo.

Para Foucault (2000), os hermafroditas constituíam um tipo de monstro que foi privilegiado na Idade Clássica. O simples fato de o sujeito ser considerado hermafrodita era algo suficiente para condená-lo à morte sendo esta penalidade banida no século XVII. Posteriormente, a intersexualidade foi considerada como uma imperfeição da natureza, podendo evoluir para determinadas condutas criminosas, havendo a necessidade de a ciência médica intervir a fim de realizar procedimentos cirúrgicos para “acabar” com essa ambiguidade, deixando que o indivíduo assumisse para si uma identidade única, sendo ela masculina ou feminina.

João W. Nery preferia ser um sujeito intersexual, sendo este o principal alibi para que ele pudesse se tornar um sujeito pertencente ao gênero masculino, tendo em vista sua condição mental e a sensação de “não pertencimento ao gênero feminino”, entretanto, ele não sofria deste distúrbio, como podemos observar no trecho abaixo:

No entanto, como temia, ou a funesta palavra ‘normal’. Eu não possuía um clitóris desenvolvido, apesar de tê-lo puxado a infância inteira, o que não me excitava, nem era uma forma de masturbação. Indubitavelmente sentia certo prazer em segurá-lo, pois afinal de contas era algo externo e pendurado. Entretanto, ouvi o belíssimo veredicto de que não ovulava. A doutora prescreveu-me uns remédios. Tomei-os por um tempo, só porque soube que continham hormônios masculinos. Como vi que não crescia barba, parei. O que menos me interessava era passar a ter uma ovulação certa e regular (NERY, 2022, p. 51-52).

Para infelicidade do autor-personagem, aqui investigado, ele não recebeu o diagnóstico de intersexual, isto, por sua vez, lhe teria dado o aval para utilizar procedimentos a fim de se adequar ao sexo pretendido. O fato de não ovular o fazia se distanciar mais da identidade feminina que João tanto refutava e os remédios que foram tomados inicialmente pelo personagem serviam apenas para deixá-lo “ovulando”, normalmente sendo este o motivo ideal para João não dar continuidade ao tratamento.

De acordo com Barbosa (2013), existe uma diversidade de possibilidades na experiência transexual, não tendo como principal propósito a necessidade do procedimento cirúrgico de transgenitalização, uma vez que, em alguns casos, o sujeito trans não possui consigo repulsa ao seu órgão sexual. No caso do personagem em questão, este não se sentia confortável em ter uma vagina no lugar do pênis que tanto almejava e o seu órgão sexual feminino não lhe proporcionava prazer, quando o personagem puxava o clitóris, por exemplo, a fim de transformá-lo em um pênis.

O tratamento indicado pela médica não interferiu na construção de sua masculinidade, o personagem não desejava voltar a ovular, mas sim ter uma aparência mais masculinizada que não foi possibilitada pelo uso da medicação. Desta forma, ele parou de se medicar, pois voltar a ovular seria ter consigo uma condição de ser uma mulher de verdade, sendo esta identidade algo que o personagem definitivamente não queria ter consigo, considerando-se todas as limitações presentes em seu corpo biologicamente feminino.

As modificações corporais aconteceram no corpo do personagem, diferentemente da infância, quando João W. Nery poderia fantasiar sua identidade masculina com um corpo ainda não marcado pelos atributos que diferem o gênero masculino do feminino. Neste sentido, percebemos a dificuldade que o autor-personagem teve, pois ele não conseguia aceitar o corpo que estava sendo transformado em “mulher”.

Minha crise corporal foi dolorosa e confusa. Ao mesmo tempo que meu corpo era eu, também não era. Quando tomava banho, por exemplo, sentia que não dava banho num corpo estranho, mas em mim, queria me sentir

limpo. Quando havia um machucado, tratava dele, poderia ser até com uma postura de médico, mas com a finalidade última de ficar bom. A própria gesticulação – os trejeitos das mãos e do rosto-transmitia o que sentia e queria dizer. No entanto, era por intermédio desse mesmo corpo que as pessoas me confundiam com uma mulher (NERY, 2011, p. 52).

João W. Nery não conseguia se encontrar com a identidade feminina, desta forma, ao fazer algo simples (como tomar banho) o toque com o seu próprio corpo lhe ocasionava estranhamento, pois aquele corpo definitivamente não o pertencia, entretanto, se fazia necessário tomar banho a fim de deixar o “corpo feminino” asseado.

A não aceitação do seu corpo ocorreu, principalmente, na época da adolescência, pelo fato de ele ter sido modificado pelos hormônios femininos. De acordo com Jorge e Travassos (2018), os sujeitos considerados transexuais apresentam uma espécie de mal-estar, por não terem nascido no corpo que não faz jus ao seu gênero, logo, assemelham-se àqueles que buscam, nos procedimentos estéticos, melhorar sua aparência. Em ambos os casos existe um abismo entre a materialidade do corpo e a linguagem com a qual eles vivenciam. Desta forma, localizar a sensação da falta de completude numa parte do corpo (mamas, nariz, genitália, etc.) provoca uma espécie de angústia intrínseca à constituição do sujeito, como no caso de João W. Nery, em que há a presença de um corpo feminino que precisa ser encarado principalmente quando ele precisa se banhar, encarar a sua realidade, que é dada pela falta de um corpo masculino.

Alcansei um estágio em que não podia mais me omitir diante da minha identidade de gênero. O desajeitado não era mais o engraçadinho. Meu comportamento não era mais o de uma menininha esperta que parecia um moleque. Agora, tomava outro nome. E vim conhecê-lo por acaso, aos 16 anos, na escada do colégio em que estudava. Uma colega veio me contar que as outras meninas viviam comentando a meu respeito, apostando entre elas que eu era ‘Paraíba’ (NERY, 2011, p. 54).

Como se vê, o personagem teria que tomar algum posicionamento em relação a sua identidade de gênero, já que ele não era mais uma criança, podendo ser adjetivada como “desajeitada”, “engraçadinha” e, até mesmo, como uma menininha que parecia um moleque. Na infância, como vimos anteriormente, João não teria a obrigação de “ser” uma menina, transitando livremente como um molequinho feliz, fantasiando Zé e Zeca e vestindo-se não como menina, mas como criança.

Durante a adolescência, se faria necessário tomar partido e assumir para si uma identidade, já confundida com a identidade lésbica, pois ele se comportava de uma forma

máscula, sendo caracterizado como “mulher macho” pelas colegas dos tempos de colégio. Naquela época, as pessoas, por não terem conhecimento do que é ser um sujeito “transexual”, confundiam a sua conduta com a dos homossexuais, por isso a adjetivação de “Paraíba” para João W. Nery na referida época.

O adjetivo “Paraíba” surgiu pelo movimento das mulheres no estado da Paraíba, as quais exigiam que seus direitos políticos fossem iguais aos dos homens, como afirma Nunes (2008); na atualidade, este termo tem sentido positivo, quando utilizado para reforçar a força do poder “feminino”. Além disso, o termo “Paraíba” é o título da música do cantor e compositor Luiz Gonzaga que personifica o estado da Paraíba atribuindo-lhe o adjetivo de “mulher macho”, tendo esse uma conotação extremamente positiva, ao afirmar que a Paraíba é uma mulher forte, mesmo enfrentando as diversas dificuldades, especificamente, nos tempos de grande estiagem no referido estado.

João W. Nery representa bem o termo “Paraíba”, pois precisava ser forte para encarar uma sociedade pautada no modelo heteronormativo. No entanto, o referido personagem, ao ser chamado de Paraíba, não gostou dessa adjetivação, tendo em vista que essa implicaria na identificação do autor-personagem como sendo uma mulher homossexual, considerando os seus traços masculinos. Desta forma, o adjetivo foi usado de forma pejorativa a fim de adjetivar uma mulher pelo seu comportamento masculinizado, como ocorreu com João W. Nery no período da sua adolescência, sendo classificada como lésbica.

Entretanto, a identidade lésbica não era algo que o autor-personagem buscava para si, tornando o termo “paraíba” ainda mais ofensivo para ele, uma vez que o seu real desejo não era o de ser visto como uma mulher que sente atração sexual por outras mulheres, mas sim um sujeito masculino que se sente atraído sexualmente por mulheres, ou seja, era o de assumir uma identidade masculina e heterossexual.

Gómez-Gil e Esteva de Antonio (2006) afirmam que a identidade de gênero é referente à consciência de um indivíduo ser homem ou mulher. No caso do personagem em questão, João tem a consciência de ser um sujeito masculino, mesmo que viesse a sentir atração por homens ou pelos dois gêneros. Sabemos que João W. Nery, na referida época, não conseguia compreender sua situação identitária, considerando o fato de que seu corpo não colaborava para a construção de sua identidade masculina. Durante o período da adolescência, João W. Nery não conseguiu “fugir” das transformações do seu corpo, as quais lhe proporcionaram características mais femininas, encontrando na prática esportiva uma forma de minimizar esta situação acarretada depois que o personagem menstruou. Neste sentido o

autor-personagem se viu sem opções, pois o seu próprio corpo o limitava e uma das estratégias para sua sobrevivência foi a tentativa de ser mulher, como veremos a seguir:

### 3.3 A TENTATIVA DE ASSUMIR A IDENTIDADE FEMININA POR JOÃO W. NERY.

A tentativa de o referido personagem vivenciar uma identidade feminina consiste em uma estratégia de sobrevivência, uma vez que, antes da década de cinquenta o termo “Transexualismo” ainda não existia. João Nery poderia tentar se encaixar neste tipo de identidade, caso essa fosse do seu conhecimento, no entanto, ele não conhecia esta realidade, o que lhe impedia de ter para si uma identidade masculina, muito embora ele tivesse comportamentos masculinizados e tivesse a convicção de ser um “homem”.

Quando entrei na adolescência, ainda não existia sequer o conceito de Transexualismo. Eu me sentia um homem, com um físico inexpressivo que não convencia ninguém. Eu não me via de forma alguma como um homossexual, embora os outros assim o fizessem. Desconhecia outra categoria na qual pudesse me enquadrar e tampouco sabia de pessoas iguais a mim. Sentindo-me um fenômeno único e sem o amparo de explicações, tratava uma batalha tenaz contra a marginalização (NERY, 2011, p. 53).

Durante a época da adolescência, vivenciada pelo autor-personagem, não havia conceitos para definir os sujeitos que tinham o perfil do João W Nery, ou seja, aqueles indivíduos que não tinham identificação com o seu sexo biológico. O termo “Transexualismo” era relacionado a um tipo de patologia e surgiu pela necessidade de médicos e psicólogos diagnosticarem os pacientes com um desvio de comportamento existente, pelo fato de o indivíduo ter um conflito identitário por não pertencer ao gênero pretendido. No caso do autor-personagem, ele poderia tentar para si uma “identidade trans”, pois nasceu com um corpo biologicamente feminino, tendo uma vagina no lugar do seu “almejado” pênis. No entanto, a transexualidade era algo inexistente durante a adolescência de João, impedindo-o de buscar seu “eu verdadeiro”.

O transexualismo é uma síndrome complexa, cuja inserção na patologia foi colocada em questão com maior ou menor sucesso. Caracteriza-se pelo sentimento intenso de não pertença ao sexo anatômico, sem por isso manifestar distúrbios delirantes (a impressão de sofrer uma metamorfose sexual é banal na esquizofrenia, mas neste caso é acompanhada de alucinações diversas), e sem bases orgânicas (como o hermafroditismo ou qualquer outra anomalia endócrina). Esta síndrome foi individualizada em

sua forma moderna por um médico alemão emigrado aos EUA, Harry Benjamim e após, sob diversas formas, pouco a pouco admitida na nosografia psiquiátrica (CASTEL, 2001, p.77).

Percebemos que o termo “Transexualismo” possui uma conotação patológica, sendo esta diagnosticada por médicos e psiquiatras. Em tempo, este termo foi substituído por “transexualidade”, cujo sentido não conota uma condição patológica, mas uma experiência identitária. De acordo com Bento (2008), afirmar que a transexualidade é uma experiência identitária relaciona-se com a capacidade de os sujeitos construírem novos sentidos para o masculino e para o feminino, entretanto, esta experiência é perpassada pelo sofrimento, sendo tal sentimento presente naqueles que sentem e desejam viver experiências que lhes são interditas, uma vez que estes comportamentos não são correspondentes ao seu sexo biológico.

Desta maneira, o referido personagem, ao não ter conhecimento sobre sua condição, principalmente pelo fato de não se perceber como um sujeito homossexual, muito embora as pessoas o classificassem como tal, fez com que ele sofresse um processo angustiante referente ao seu conflito identitário. O personagem sentia-se um fenômeno único, pois era marginalizado pela sociedade que não compreendia sua performance identitária, uma vez que ele se autossubjetivava como sendo um homem.

Friedli (1999) afirma que muitas mulheres, durante o século XVIII, se passavam por homens, sendo esta uma forma de resistência aos novos papéis de mãe, dona de casa e esposa. Do mesmo modo ocorre com o personagem em análise, que se identifica como “mulher” a fim de conseguir uma melhor aceitação dos outros, dada a dificuldade de compreensão das pessoas sobre sua condição identitária.

Mais tarde aprendi que a sociedade, em sua empedernida e bem traçada moral, não criticava um marginal se tivesse dinheiro ou nível intelectual. Ambas as situações eram dignas de respeito. Sua condição mudava até de nome: passava a ser ‘excêntrico’. Como a primeira alternativa era difícil de obter, resolvi firmemente me dedicar à segunda. Não importava se existia ou não vocação. Era uma questão de sobreviver. Precisava deixar de ser visto somente pelo prisma do estigma (NERY, 2011, p. 53).

Para que João pudesse ser quem ele era de verdade, a princípio deveria utilizar a sua “identidade feminina”, sendo essa uma estratégia para obter o sucesso necessário, bem como o reconhecimento financeiro. Ele precisaria tentar ser mulher, diferentemente de muitas mulheres do século XVIII que tentavam ser homens, a fim de “fugir” do estigma criado para



as mulheres que ocupavam a esfera privada, exercendo apenas a função de “donas de casa”. Em ambos os casos percebemos que os sujeitos, ao assumirem estas identidades, estão buscando melhores oportunidades. João Nery, a fim de enfrentar melhor uma sociedade cheia de estigmas e preconceitos, prefere recuar em sua busca por uma identidade masculina, “tentando ser mulher”, a fim de ser mais aceito pela sociedade, uma vez que sua situação econômica o impediria de ser “um sujeito excêntrico”.

Em relação às questões identitárias, Foucault (2010) afirma que somos, antes de tudo, sujeitos únicos. Neste sentido, as relações que devem ser estabelecidas com o nosso corpo devem estar pautadas na ideia da diferença. No entanto, essa assertiva não significa dizer que as identidades devam ser descartadas ou abandonadas, porém se faz necessário ter um cuidado para que elas não sejam criadas através de um parâmetro nas relações que os sujeitos criam com o outro.

No caso de João Nery, a sua identidade ideal seria masculina, mas para enfrentar os “outros” precisa se adaptar a uma identidade feminina, objetivando se proteger de uma sociedade cuja maior tendência consiste na padronização dos comportamentos e ser um “homem de vagina” não lhe permitiria o intento de crescer intelectualmente e conseguir o capital necessário para vivenciar sua real subjetividade, já que na maioria das vezes, os sujeitos são pressionados a terem uma identidade que não lhes pertence, sendo essa um meio de padronizar os comportamentos dos indivíduos.

As pressões familiares e sociais iam pouco a pouco aumentando. A família tentava, de uma forma ou de outra, mostrar-me os aspectos mais positivos e motivantes da condição de ser mulher, elogiando-me tanto pelas feições do rosto como pela boa altura. Diziam que, se eu quisesse, poderia ser uma mulher extremamente bonita e interessante. Bastava ‘querer’ e me arrumar um pouco (NERY, 2011, p. 54).

Neste excerto, percebemos que um dos motivos para João W. Nery “tentar” ser mulher foi o fato de ser influenciado pelas opiniões dos familiares que lhe alertavam sobre as vantagens de ter um comportamento feminilizado, pois ele tinha uma feição bonita e, caso quisesse realçá-la, deveria apenas se interessar em seguir as regras sociais. De acordo com Foucault (2001), somos condicionados para atendermos as ditas “verdades” do sexo. Sendo assim, devemos seguir padrões comportamentais que garantam a continuidade das relações de poder estabelecidas por uma sociedade que naturalizou a forma heterossexual de se comportar, sendo essa a representação perfeita da heterossexualidade compulsória, na qual os sujeitos precisam se adequar às regras sexuais e comportamentais ditadas por esse modelo,

sendo abnegados os desejos sexuais homoafetivos e, neste caso, a vontade de o personagem se comportar como um sujeito pertencente ao sexo masculino.

Podemos dizer que, tanto a família de João, quanto a sociedade, acreditam que ele poderia “ser” uma mulher, cabendo-lhe o esforço para consumir este desejo, que não era do personagem, mas de sua família, dada a incompreensão de sua situação. João W. Nery poderia se transformar em uma mulher extremamente bonita, para tanto, só lhe bastaria interesse em realizar esta tarefa: tornar-se uma mulher por meio do cuidado com o seu modo de se vestir, dentre outros comportamentos a serem impregnados; no caso de o personagem vir a se tornar “uma mulher de verdade”, dada a sua condição biológica.

O reconhecimento sociofamiliar foi imediato. A sensação de alívio e felicidade no rosto dos parentes chegava a me incomodar. Enalteciam-me exageradamente. Eram gentis emprestando-me ou dando-me seus adereços, fossem maquiagens, roupas ou joias. Não gastava um tostão. Tudo era fácil. Bastava manifestar vontade de ter e ganhava: estojo de sombras, batom, sapatos altos, vestidos, o diabo. Embora não sentisse mais medo de que me descobrissem, porque a vestimenta atual estava toda a favor e coerente com meu corpo, continuava me sentindo esquisito naqueles trajes. Não havia mais olhares perscrutadores, mas, em compensação, começou a surgir uma nova classe: a dos paqueradores (NERY, 2011, p. 55).

Neste fragmento, podemos observar que a decisão de João W. Nery em representar um papel referente ao gênero feminino ocorreu pelo fato de sua família apoiá-lo incondicionalmente nessa decisão, mesmo que isso não representasse o desejo “real” do personagem, pois ele sofria desde a infância por ter nascido “biologicamente mulher”. No entanto, João W. Nery não reivindicou por sua “identidade masculina”, considerando o fato de se “envergonhar” de sua “real condição”. O seu silenciamento em relação a sua condição o fez aceitar, durante um tempo, a “sua identidade feminina”, vivenciando uma espécie de hibridismo identitário, como afirma Braga (2010), tendo em vista o fato de se autoperceber como sendo um homem que, para se enquadrar na sociedade, precisaria tentar ser mulher. Percebemos que as questões de gênero e sexualidade são muito complexas, principalmente para os sujeitos que não nasceram com o sexo correspondente ao seu gênero verdadeiro, como é o caso do personagem da análise em questão.

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é

compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2016, p. 26).

Seguindo a reflexão da teórica Judith Butler, a construção do gênero é determinada pela cultura, sendo assim, mulheres precisam se caracterizar como “mulheres” através do uso de roupas femininas, como: vestidos, saias, blusas mais coladas etc., e homens usam calças, ternos, bermudas etc. Existe toda uma cultura implícita a isso, a fim de moldar o comportamento dos sujeitos por meio das vestimentas, bem como dos trejeitos. Partindo dessa reflexão, João W. Nery, a fim de construir sua “identidade feminina” por meio dos aspectos culturais, para adequar-se ao seu sexo biológico, utilizou-se de acessórios femininos aos quais tinha acesso com muita facilidade, pois seus familiares faziam questão de presenteá-lo com adereços pertencentes ao público feminino, entretanto, se faz necessário ressaltar a seguinte consideração:

Toda cultura tem suas regras. A criança que cresce em determinada cultura pode aprender a obedecer algumas de suas regras sem que seja explicitamente instruída a fazê-lo. Eu não consigo lembrar de ninguém jamais me ter dito que eu deveria vestir roupas para sair em público. Embora não consiga me lembrar, alguém deve tê-lo dito; provavelmente a maioria das regras é ensinada explicitamente... a maior parte das crianças primeiro aprende, por intermédio de seus pais, a fazer o papel de ouvinte- a discriminar com base no comportamento verbal do falante. Mais tarde essa eficácia dos estímulos discriminativos verbais generaliza para outras pessoas: professores, treinadores, patrões, etc. Não fosse por essa capacidade, nunca nos tornaríamos aculturados (BAUM, 1999, p. 25).

Podemos dizer que a cultura exerce um papel fundamental na construção dos comportamentos dos sujeitos, considerando que somos essencialmente interpelados pela cultura e nossas ações são refletidas em uma determinada cultura, sendo essa apreendida através das experiências que acumulamos através do contato social, seja este com familiares ou amigos. Neste sentido, percebemos a cultura como elemento crucial para a construção identitária do indivíduo. É importante salientar que toda cultura tem seus modos peculiares de determinar o que é específico para homens e o que é específico para mulheres.

Desta forma, ao tomarmos Butler (2016) como referência, percebemos que a construção dos gêneros é dada por interferência da cultura e que essa é apreendida de maneira inconsciente, aprendemos determinados comportamentos que são ensinados primeiramente por nossos pais, como afirma Baum (1999). Considerando a situação do personagem em

questão, ele ao “tentar” ser mulher não tem as regras internalizadas sobre o que é “ser” mulher durante esta fase de sua vida, passando a aprender os comportamentos típicos do público feminino, a fim de não ser percebido pela figura do estigma de sua aparência masculinizada, que não agradava aos seus familiares. Desta forma, consideraremos o fato de o personagem estar em constante aprendizado sobre o que é “ser” mulher, pelo fato de essa não ser sua identidade de gênero.

Ao assumir uma identidade feminina, João W. Nery consegue uma melhor aceitação por parte da família, que o apoia incondicionalmente nesta decisão, pois os mesmos sentiam-se aliviados e felizes pelo fato de João ter decidido agir culturalmente como uma mulher. A vestimenta feminina e os outros adereços utilizados pelo personagem o deixavam “seguro”, no sentido de que as pessoas não descobririam seu “eu” verdadeiro, entretanto, ele não se sentia confortável em representar um papel feminino, sendo este realizado apenas para atender aos anseios dos familiares que possivelmente não aceitariam a construção da subjetividade “masculina” do personagem naquele determinado momento. A mudança de visual de João, que no referido momento assumia-se como “Joana”, atraiu os olhares masculinos para sua pessoa.

O melhor, ou o pior, é que agradava. Era uma mulher que diziam ter uma personalidade marcante. Sabia me expressar com desenvoltura e não apresentava as inibições comuns às mulheres. O termo ‘masculinizada’ foi substituído pelo de ‘exótica’. Comecei a frequentar com Suzana e uma amiga sua os ‘discos dançantes’ do Clube Fluminense, próximo a minha casa, sem nunca ter trocado dois passos de dança. Descobri que para me divertir e vivenciar as emoções que todos experimentavam, teria, realmente, de ceder a representação. Seria a condição básica para o lazer social aplaudido (NERY, 2011, p. 55).

Quando adota a postura, ainda que momentânea, de assumir um gênero afinado com a genitália, João performatiza Joana provisoriamente; uma mulher considerada exótica, e perde o estigma de mulher “masculinizada”, não pelos trejeitos que possuía, mas pela forma como passa a se “travestir”, encenando uma representação de mulher, mesmo que, conscientemente, ele não se sentisse uma. O fato de não ter uma identidade feminina o deixava à frente das mulheres de seu círculo social, pois não tinha as inibições típicas desse grupo em particular. Mesmo não seguindo o seu desejo “interior”, João W. Nery sentia-se confortável, de “certo modo”, pelo fato de não ser estigmatizado. Sendo assim, para ele seria interessante ceder à interpretação, a fim de não sofrer o preconceito que antes sofrera por preferir uma autoimagem masculinizada.

João W. Nery passa a representar um papel ao ceder à representação de uma identidade feminina, para Butler (2015, p.42) “O si mesmo é obrigado a se comportar fora de si mesmo”. Desta forma, em muitos casos os sujeitos precisam se comportar a partir das normas que regem a sociedade. No caso específico, ao representar o papel de uma mulher de verdade, João passa a se comportar “fora de si mesmo”. No entanto, esta forma de agir o faz perceber claramente que esta identidade feminina é algo meramente forjado e criado para que ele pudesse transitar livremente sem ser percebido sob o prisma do estigma. Sendo assim, a forma como João W. Nery passa a “relatar a si mesmo como sendo uma mulher” trata-se de uma maneira de se “empoderar” da referida situação e utilizar essa “armadilha” para ter vantagens, as quais não teria, caso escolhesse seguir seu “eu real”. Ao forjar ser uma mulher, João passa a ser aplaudido pelos outros, no entanto, para si mesmo, tudo não passa de uma estratégia de sobrevivência.

Para Pedroso (2009), o gênero classifica os organismos de acordo com suas características por meio de dois níveis importantes: *a identidade de gênero*, que é a convicção íntima de ser de uma pessoa do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher), diferentemente do *papel de gênero* que é representado pelos padrões de comportamentos definidos pela prática cultural, nos quais as pessoas vivenciam papéis estereotipados em comportamentos de homem e comportamentos de mulher, considerando as relações e experiências cotidianas entre os diversos ambientes interacionais, os quais irão modelar o papel de gênero por meio do reforço social.

Por ser considerada como uma “mulher masculinizada”, mas vestida de acordo com os padrões comportamentais femininos, João W. Nery passou a ser visto não como uma lésbica, mas como uma mulher de personalidade forte, com atitudes típicas de uma “mulher” à frente do seu tempo, na medida em que ela tinha coragem de realizar certas ações que uma “mulher comum” não teria.

Meus olhos sorviam o maior número de detalhes que podiam aguentar. Era tudo tão novo, tão colorido! As luzes acendendo e apagando. Aquela pista redonda e enorme no meio do salão, cheia de cadeiras em volta, lembrava uma arena de circo, porém mais sofisticada e luxuosa. No lustre central que descia portentoso do teto com mais de quatro metros de fio, contei 58 lâmpadas. Todos estavam bem vestidos, com gestos comedidos e sorrisos fabricados. Eles sabiam que interpretavam a interpretação de um grande baile. A consciência de que nada era natural não comprometia a graça do jogo. Essa parecia estar justamente, naquela atmosfera lúdica. Resolvi entrar na brincadeira (NERY, 2011, p. 56).

De acordo com Louro (1997), o gênero e a sexualidade não podem ser ancorados em uma relação de causalidade, uma vez que a interpretação errônea destes conceitos pode despertar o preconceito. A falta de compreensão sobre estes conceitos fez com que João criasse para si um personagem, ficcionalizando o seu gênero, criando uma mulher que os outros conseguiram interpretar, retirando de si toda a carga de preconceito e vivenciando a atmosfera lúdica dos bailes.

A vivência da performatização de uma identidade feminina provisória ocorreu pelo fato de o autor-personagem não perceber saídas diante de sua situação, já que ele se percebia como homem, mas os outros lhes enxergavam como mulher. No entanto, a vivência da sua realidade ficcional faz com que João não se sinta mais confortável em representar o papel de uma mulher, como veremos na próxima análise que vai abordar a impossibilidade de o personagem assumir para si uma identidade feminina.

#### 2.4 DA IMPOSSIBILIDADE DE SE IDENTIFICAR COMO MULHER.

Para Butler (2016), o corpo não pode ser visto através do prisma da padronização, considerando que os sujeitos não são únicos e que esses devem ter a liberdade de modificar seus corpos de acordo com seus anseios. Neste sentido, “a possibilidade de mudar, interferir no corpo por meio de cirurgias, é a afirmação da necessidade de questionar o próprio corpo” (BUTLER 2016, p.45). Percebemos que a sociedade naturaliza o gênero e a sexualidade dos indivíduos e aqueles que não se enquadram em um padrão esperado acabam sofrendo processos de exclusão e preconceito. Para não sofrer tais processos, João W. Nery acabou assumindo para si a identidade almejada por sua família, considerando o fato de ter nascido com uma vagina, cujo modelo heterossexual compulsório espera que este venha a se comportar como uma “mulher”. No entanto, com o passar do tempo ele não conseguiu dar sustentação à vivência da identidade feminina, como podemos verificar no trecho abaixo:

Aos poucos fui me cansando daquele teatro. Sentia-me insatisfeito. Cada vez mais ficava evidente que esse reconhecimento não era o que necessitava. Só me afastava dos meus autênticos anseios existenciais. Um dos motivos que atribuo ao fato de ter submetido a uma vida de mulher foi a necessidade dos símbolos de prestígio antagônicos aos de estigma. Decorreu daí a minha conduta desidentificadora, que tendia, real ou ilusoriamente, a quebrar a minha imagem. A finalidade era levantar dúvidas sobre a validade da minha identidade virtual (NERY, 2011, p. 57).

O autor-personagem não conseguiu ser a “mulher” que os outros queriam que ele fosse, uma vez que assumir a identidade feminina o fazia se afastar de quem ele era de verdade. De acordo com Butler (2016), em um contexto pré-feminista, quando o gênero era confundido com o sexo, este fato serviu como princípio unificador do eu “corporificado”, mantendo essa unidade por sobre e contra um “sexo oposto”, na qual a estrutura mantém uma coerência interna paralela e oposta entre sexo, gênero e desejo. Neste sentido, o sujeito, ao nascer biologicamente homem ou mulher, deve, necessariamente, seguir os preceitos do gênero que foi pré-definido pelo sexo, no entanto, este fato trata-se de uma ficção, na medida em que o sexo não pode ser algo categórico, definindo o que o sujeito é, mas apenas uma parte constitutiva do sujeito.

A tentativa de assumir para si uma identidade feminina foi algo bastante complexo, tendo em vista as vantagens e desvantagens deste processo. João W. Nery, ao performatizar a identidade feminina, tinha o apoio familiar e conseguia transitar nos espaços públicos sendo respeitado pelos demais. No entanto, ele não conseguia se sentir “completo”, uma vez que vivenciava uma mentira. Desta forma, a vivência de João W. Nery como um sujeito pertencente ao sexo feminino o desidentificava, pois ele não conseguia se sentir bem consigo, muito embora esta situação lhe permitisse um certo “poder”, por não ser estigmatizado pelos outros.

No meu caso, desidentificava-me como homem na medida em que me vestia de mulher. Ao mesmo tempo, um pequeno detalhe que escapasse poderia ser suficiente para não convencer as pessoas do que era e botar tudo a perder. Vivenciei mais de perto a ameaça de colapso quando o mecanismo se inverteu, ao abandonar esse curioso mundo feminino e viver uma dupla identidade social. Mantinha ao mesmo tempo duas vidas: a de homem e a de mulher. O táxi foi o veículo que me permitiu viver esse processo enlouquecedor (NERY, 2011, p. 57).

O autor personagem vivenciou uma feminilidade em prol dos outros, não fazendo jus ao que realmente sentia, nem respeitando os seus anseios de ser. “O corpo privado, incluso, estável, que parece existir na base das noções modernas de diferença sexual, é também, produto de momentos específicos, históricos e culturais. Ele também, como o sexo oposto, entra e sai de foco”, conforme destaca Laqueur (2001, p.27). Percebemos que a diferença sexual e as funções socialmente exercidas são resultado dessa diferenciação, a exemplo de “ser mãe” ou “dona de casa”, como formas de diferenciar homens e mulheres através das práticas que eles exercem. No caso do personagem João Nery, ele conseguiu representar a sua

masculinidade através da profissão de taxista, considerando o fato de essa ser exercida preferencialmente por homens. Ao exercer esta profissão, João poderia ser quem realmente era, assumindo a sua subjetividade masculina, não tendo a necessidade de representar uma “mulher” para a sociedade. Vale salientar que a maioria dos passageiros de João o confundia com um homem e este fato lhe proporcionava grande satisfação pessoal.

Durante um ano e meio fui motorista de taxi. Apesar do ofício neurotizante pelo barulho, pelos engarrafamentos e, sobretudo, pela intolerância dos motoristas, era gratificante o fato de estar exercendo, pela primeira vez, uma profissão basicamente masculina (NERY, 2011, p. 22).

Exercer a profissão de taxista era algo compensatório para João, tendo em vista que não precisava se esconder em uma identidade que não lhe pertencia. “O reconhecimento de um corpo como feminino ou masculino, mais do que uma mera apreensão perceptível de uma superfície orgânica, está relacionado ou diretamente atrelado a práticas discursivas de divisão de sentidos” (CHIARETTI e SANTANA, 2019, p.77). Neste caso em específico, os discursos referentes à profissão taxista e a percepção dessa profissão como sendo ocupada majoritariamente por homens, a fazem ser reconhecida pela ótica do masculino, considerando que a verdadeira identidade do autor-personagem João W. Nery era masculina. Exercer esta profissão lhe causava uma espécie de satisfação pessoal, tendo em vista que para cumprir esta função, o autor-personagem não precisaria fingir ser o que não era, revelando, assim, a impossibilidade de criar para si uma identidade feminina. João W. Nery, ao tentar ser “mulher”, buscou vivenciar relacionamentos heterossexuais, no entanto, esses foram fadados ao insucesso, o que corroborou para que ele não conseguisse assumir esta identidade, como veremos no trecho a seguir:

Aos 16 anos, arranjaram-me um namorado. Foi uma combinação sem que eu soubesse, entre Leila e um amigo do rapaz. Conhecia-o dos concertos de música clássica do Teatro municipal e da sala Cecília Meirelles. Era gordo, meio careca e muito simpático. Um baiano de 25 anos, cultura relativa e sensibilidade apurada. Saímos algumas vezes. O meu papel de namorada era sui gêneris. Felizmente não ostentava nenhuma espécie de machismo, o que me seria impossível suportar. Gostava de mim, do meu jeito despachado, sem me exigir muitos papéis, possibilitando que permanecêssemos juntos por um mês, até que resolveu me beijar (NERY, 2011, p. 57-58).

Para Pedrosa (2009), o papel de gênero é modelado pelas contingências sociais. Segundo Baum (1999), as contingências sociais são características das culturas nas quais



certas ações são reforçadas e outras punidas. Durante séculos, usar calças foi uma característica exclusivamente masculina; o uso deste tipo de roupa só foi incorporado pelo público feminino durante a revolução industrial, período no qual as mulheres começaram a trabalhar nas fábricas e o uso dessa vestimenta era importante pela liberdade que as mulheres teriam no trabalho fabril, como afirma Crane (2006).

Percebemos que o namorado do referido personagem não lhe obrigava a seguir um determinado comportamento referente ao sexo feminino; ficando mais à vontade neste quesito, João passou a vivenciar uma identidade “neutra”, sendo considerado como uma mulher “despachada”, sem a necessidade de adquirir características típicas do público feminino. A situação vivenciada por João era-lhe confortável, até o dia em que seu namorado resolveu, depois de um mês, dar-lhe o primeiro beijo:

Estávamos conversando num banco de bonde, abandonado na areia da lagoa Rodrigo de Freitas. Inesperadamente, parou de falar. Ficou sério e engoliu minha boca. Que sensação horrível! Senti repugnância e um sufoco intenso. Afastei-o bruscamente. O insuportável não era o fato de ser um homem, mas o de não haver nenhuma atração física ou afetiva mais profunda entre nós. O jovem fez tudo pra continuarmos, mas a imparcialidade do nosso namoro era patente (NERY, 2011, p. 58).

A fim de propiciar uma maior veracidade ao seu “eu feminino”, João W. Nery resolve performatizar sua identidade feminina experienciando sua sexualidade com um homem. No entanto, esta experiência negativa não lhe fez desistir de “ter” algum relacionamento com rapazes, pois ele não era uma lésbica, mas alguém cuja autoimagem não condizia com seu sexo de nascença. Dessa forma, João tentou, pela segunda vez, relacionar-se com um homem, como veremos no trecho abaixo:

Minha segunda tentativa de namorar rapazes deu-se por acaso. Estava sozinho num bar, tomando uma cerveja, quando um jovem perguntou se poderia sentar a minha mesa. Movido pela curiosidade do encontro, deixei que se acomodasse. Era um estudante de medicina que fazia política estudantil. Preocupado mais em falar do que em ouvir, ele foi me contando a sua história, tinha um riso bonito e sabia tirar dos fatos o que neles havia de interessante e cômico. Ri muito do seu jeito, e acabamos nos tornando amigos. Morava perto da minha casa, e passamos a nos ver com frequência. Dividi seu apartamento com mais dois colegas. Ficávamos cantando e tocando violão, outra habilidade que desenvolvi para ser mais aceito pela galera (NERY, 2011, p. 59).

O relacionamento com um homem foi permitido pelo fato de os dois terem gostos em comum. Dessa forma, o vínculo de amizade estabelecido por João foi um fator determinante no/para o estabelecimento de uma relação afetiva, não primando, assim, pela consumação do ato sexual. O mesmo não se sentia realmente atraído por homens, no entanto, resolveu experimentar esta novidade a fim de fortalecer a sua “estratégia de sobrevivência”, na medida em que ele buscava convencer os outros acerca de sua “identidade feminina”. No entanto, esta vivência sexual se complica quando João passa a invejar o seu companheiro ao vê-lo nu, como veremos a seguir:

Certa vez fomos ao cinema, e eu consegui a proeza de, só apertando nossas mãos, atingir o orgasmo. Entretanto, nossa intimidade sexual não ultrapassava certo limite. Chegamos a ficar abraçados nus, num dia em que havia bebido demais. Foi gostoso e excitante. Geralmente a iniciativa do contato era minha. Mas, quando o via nu havia um misto de curiosidade para conhecer em detalhes um corpo masculino e, ao mesmo tempo, invejava-o por ter tudo o que eu não tinha. Sentia-me mal. Algumas vezes, tentei repetir essa experiência, mas, apesar da sua docilidade, sensação de mal-estar persistia (NERY, 2011, p. 60).

Nesta perspectiva, o órgão sexual do referido personagem não precisaria ser estimulado a fim de que ele alcançasse o orgasmo, tendo em vista que esta condição fora atingida apenas pelo aperto das mãos. Neste sentido, o sexo experimentado pelo personagem com um sujeito do “sexo oposto”, biologicamente falando, permite a utilização de outros recursos, neste caso a mera mentalização como sendo capaz de saciar o desejo, sem existir a necessidade de estes corpos se unirem no ato sexual propriamente dito (pênis penetrando a vagina).

João W. Nery sempre tinha a iniciativa de realizar o contato com o seu parceiro, mostrando, assim, os limites do seu relacionamento amoroso. Para ele, olhar o corpo nu do namorado implicava conhecer o órgão sexual que ele almejava ter, o fazendo recuar do ato sexual. Ao observar o corpo masculino do namorado, em vez de sentir-se excitado com este corpo (sem roupas), ele passa a sentir um mal-estar, por apenas sentir inveja do corpo do seu companheiro.

De acordo com Bento (2006), os transexuais masculinos realizam três procedimentos importantes para que venham a se tornar semelhantes aos homens de verdade: histerectomia (retirada do aparelho reprodutor feminino), mastectomia (retiradas das mamas) e, por fim, a construção do pênis, que é a parte mais complicada, tendo em vista que estas técnicas cirúrgicas ainda são precárias.

Considerando que o personagem era desprovido do órgão sexual masculino, o seu comportamento sexual com um sujeito (masculino) nunca foi consumado de fato, uma vez que João W. Nery teve a certeza de que era um homem apesar de seu corpo feminino, “à medida que a novidade foi acabando, a vontade do contato corporal foi regredindo. E quando tentou enaltecer minhas partes femininas, um grande abismo se abriu entre nós” (NERY, 2011, p. 60). O fato de Nery não se sentir confortável com um corpo essencialmente feminino o fez recuar nas suas práticas sexuais e, na medida em que seu companheiro passou a enaltecer as partes femininas do seu corpo, o seu desejo foi diminuindo, criando, desse modo, um impedimento para que a relação “heteronormativa” viesse a ter algum êxito.

Quase todas as noites, sonhava com cenas sexualizadas, onde tinha um enorme pênis e podia fazer tudo o que, acordado não me era possível. Os sonhos eram tão nítidos que, geralmente, ao despertar, ainda me deliciava com a inebriante sensação de estar ejaculando. Chegava a levar à mão a genitália, ainda ao sabor da sonolência. Mas ao verificar a cruel e inerte realidade, levantava-me arrasado. Faltava muita coisa (NERY, 2011, p. 61).

Segundo Borba (2014), cada transexual terá sua forma particular de se autoafirmar, ou seja, nem todos apresentam um único padrão comportamental. Existem transexuais que se sentem confortáveis em ter o órgão genital do gênero oposto, ou seja, uma mulher com pênis ou um homem com vagina, sem a necessidade de estes terem uma identidade híbrida, como ocorre no caso das travestis. No entanto, existem transexuais que não se sentem confortáveis com seu órgão genital e recorrem aos processos de transgenitalização. Dessa forma, percebemos que os corpos, ao passarem por esses procedimentos, não podem mais ser considerados invólucros estáticos para identidades estanques.

João W. Nery não tem uma boa relação com seu órgão genital, tendo sonhos frequentes nos quais ele tem um pênis e consegue sentir a sensação de ejacular; fato biologicamente impossível, devido tratar-se de uma mulher. O fato de o personagem ter um desejo enorme em ter um pênis demonstra o seu conflito em não ter o corpo adequado para realizar a sua subjetividade masculina.

Lúcido da minha insatisfação, como um alter ego, abria um diálogo entre mim e aquela imagem no espelho, numa provocação impiedosa – Seu castrado! – Gritava, contorcendo-me todo. Ninguém melhor do que eu para poder dizer do dóido que sentia, sem escamoteações. Precisava me enfrentar. Ver-me nu, com os defeitos ali expostos para conseguir combater a pusilanimidade que me tomava por completo – Vai continue fantasiando, tapeando a si próprio por migalhas (NERY, 2011, p. 61).

Neste trecho, percebemos o enfrentamento do personagem com sua autoimagem. As teses de Chiland (1999), ao se contraporem com as de Janice G. Raymond, afirmam que os transexuais masculinos são uma tentativa a mais de o poder patriarcal invadir o território feminino, chegando até mesmo a sugerir que esta forma de “ser homem” teria por função principal liquidar a população feminina, cabendo às mulheres “naturais” denunciar e resistir a essa “nova” forma de dominação.

Por mais que João W. Nery tentasse ser uma mulher, este fato jamais seria consumado, tendo em vista que ao experienciar uma identidade feminina o referido autor apenas fantasiava a situação, não conseguindo ser “uma mulher de verdade”. O principal impasse de João era com seu próprio corpo, considerando os processos de desidentificação com a identidade feminina e enxergar um corpo nu com formas de mulher era um dos impedimentos da consumação desta identidade.

Vai, continue fantasiando, tapeando a si próprio por migalhas de aplausos. Jamais será uma mulher como as outras! Casar seria uma solução fácil. Todos seriam cordatos, compreensivos, tentariam ajudá-lo. Fariam tudo para conseguir realizar e manter esse matrimônio. E suportaria ser uma fêmea ardente? Teria orgulho de dizer que tinha um homem? O que é que há? Tá tremendo? Mas é isso mesmo que você tem de ouvir! Sua farsante... onde meteria a sua inveja, o desejo de ser o próprio homem que viveria ao seu lado? Cada vez que ele quisesse um filho, o odiaria por querer torná-la mãe (NERY, 2011, p. 61-62).

Muitos transexuais masculinos não se importam com o fato de poderem gerar uma criança. Segundo Chiaretti e Santana (2019), foi construído no imaginário dos sujeitos que para ser mãe se faz necessário ser mulher. Essa associação está alicerçada ao fato sobre as funções sociais e as diferenças anatômicas. Para João Nery, o fato de se tornar mãe seria uma espécie de ofensa, pois ele não tinha esse desejo e o fato de poder ser mãe para o referido personagem seria a perda total de si mesmo, pois Joana quem iria assumir a sua identidade, caso ele continuasse fantasiando ser uma mulher de verdade.

A compreensão das subjetividades é dada por meio da interpretação que damos às coisas, ou seja, como afirmam Jorge e Travassos (2018), somos seres falantes e nossa apreensão da materialidade passa pela experiência da linguagem, permitindo com que não sejamos reduzidos a nosso corpo. Desta forma, existe uma distância impossível de ser preenchida entre o sujeito e seu corpo, assim, o corpo encena e encarna os dramas subjetivos concernentes aos conflitos psíquicos que não puderam ser simbolizados através da palavra. No caso de João W. Nery, o seu principal conflito ao tentar “ser mulher” é o de não conseguir

interpretar a sua situação, um “homem” que vive dentro do corpo de uma “mulher”, gerando inconformidade no referido sujeito que, por mais que tente “representar” o papel feminino, jamais chegará a ser uma mulher de verdade, sendo-lhe uma batalha já ganha, como veremos no último trecho da nossa análise:

Sua luta é contra o impossível ou a impotência: portanto tenha claro que será sempre um perdedor. Virar homem como você quer não dá. Mas não se deixará morrer assim. Tem de ficar vivo, sadio, para poder usufruir os benefícios que a evolução da ciência lhe poderá proporcionar. Enquanto esse dia não chegar, poupe-se! Brinque com o seu defeito, com a sua inversão (NERY, 2011, p. 62).

A partir do referido trecho, percebemos o conformismo do personagem com a sua “real” situação, ou seja, o mesmo reconhece a impotência deste vir a se tornar um homem de verdade, considerando-se assim, um perdedor, devido às circunstâncias atuais. Mesmo que João Nery pensasse em tirar a própria vida, por não ser um homem de verdade no sentido biológico, o mesmo deveria esperar pela ciência, pois um dia – quem sabe? – a ciência seria capaz de lhe transformar em um corpo masculino. “Sabemos que as intervenções corporais, cirúrgicas ou de outros tipos, podem constituir uma saída para aliviar o sofrimento de alguns indivíduos e, por isso, consideramos que não cabe sustentar uma posição radicalmente contrária a elas” (JORGE e TRAVASSOS, 2018, p. 20).

Desta forma, a ciência poderia ajudar João em relação ao seu conflito identitário, quando o transformasse em “um homem”, por meio das modificações corporais. Segundo os autores supracitados, a transexualidade é explicada pela dimensão psíquica, assim como ocorre nos casos psiquiátricos. No entanto, não pretendemos encerrar o discurso sobre o sujeito transexual entre a normalidade e a patologia, mas como algo que está situado em uma cultura heteronormativa, que traz efeitos referentes às vivências da sexualidade.

João W. Nery, ao decidir tentar ser mulher, poderia ter sido diagnosticado como um caso de transexualidade durante a adolescência. No entanto, este procedimento não foi realizado e o autor-personagem quis se encontrar em alguma identidade “possível”, restando-lhe apenas a tentativa de ser mulher, haja vista a falta de oportunidades que João teve de se subjetivar de maneira masculina, pois a transexualidade não era do seu conhecimento, nem dos seus familiares.

Como vimos em análises anteriores, João W. Nery não queria ser visto como uma mulher que sente atração por outras mulheres, haja vista que ele queria para si um comportamento heterossexual. Neste sentido, o termo “Paraíba”, em sua adolescência, soava

como ofensivo, pois João não se percebia como sendo homossexual, mas sim como um sujeito masculino e heterossexual. A identidade feminina utilizada por ele é bastante frágil, pois mesmo sendo uma mulher, em termos biológicos, não se sente confortável ao vivenciar esta identidade que a qualquer momento pode ser descoberta pelos outros, utilizando-a para sobreviver em um mundo que não compreende a sua subjetividade.

A profissão de taxista lhe deu a oportunidade de ser quem ele almejava, entretanto, mesmo podendo ser percebido como um jovem homem, ele também tinha medo de que outras pessoas o enxergassem como mulher. Esta dualidade ocorreu até os vinte e sete anos do referido autor-personagem, quando ele não conseguiu levar adiante esta estratégia de sobrevivência para ter “vantagens” em uma sociedade heteronormativa, tentando assim se encaixar na identidade masculina. Dito isto, percebemos que para o autor-personagem a sua identidade era masculina, mesmo que o seu corpo demonstrasse o contrário e performatizar uma identidade feminina o fez ser aquilo que ele não era, causando-lhe bastante desconforto, pois não conseguia performatizar esta identidade por mais que ela tenha lhe garantido um diploma e a aceitação familiar. Ser mulher para João Nery foi algo impossível; sendo assim, o próximo capítulo abordará sobre a identidade masculina do referido personagem, considerando a sua autoimagem

#### 4. JOÃO W. NERY: EM BUSCA DE SI MESMO

Como foi visto anteriormente, João W. Nery tentou ser mulher e esse fato lhe causou muitas frustrações, uma vez que ele estava vivenciando uma mera representação e não se percebia como mulher, utilizando essa identidade apenas como estratégia de sobrevivência. Neste capítulo, abordaremos a trajetória do autor-personagem em busca de sua identidade masculina, desde a fase em que ele optou por não se submeter aos procedimentos cirúrgicos e hormonais, até o momento em que ele decidiu recorrer a tais recursos.

##### 4.1 A IDENTIDADE MASCULINA: O INÍCIO DE UMA JORNADA.

De acordo com Hall (2000), as nossas vivências são interpretadas pelos sistemas de representação. Neste sentido, a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e suas relações em seu interior. Diante dessa perspectiva, podemos dizer que existem formas para representar o universo masculino, bem como o feminino, sendo essas representadas pelo princípio da diferença para distinguir os homens das mulheres, principalmente pelo comportamento exercido pelos indivíduos, baseando-se principalmente nas relações de poder, as quais percebem os homens como os agentes dominadores e as mulheres enquanto dominadas, como afirma Foucault (2006). A princípio, João W. Nery utiliza para si uma representação identitária que não distingue o masculino do feminino, como veremos no trecho abaixo:

Lia desesperadamente, querendo recuperar o tempo perdido. Estudava as matérias que me interessavam, assuntos extracurriculares e teorias acerca da sexualidade. Por meio das pesquisas de antropólogos culturalistas americanos, descobri que a conduta sexual humana é determinada e padronizada de acordo com a própria cultura e, por essa razão, pode apresentar múltiplas variações. No ambiente liberto e emancipado da universidade, tornei-me mais seguro e capaz de não dissimular tanto o que sentia. Estávamos entrando na década de 1970. A moda agora permitia a maneira unissex de se vestir, o que foi um grande alívio. Pouco a pouco fui tornando minha figura mais ambígua, embora isso incomodasse muita gente. (NERY, 2011, p.71)

Percebemos que João W. Nery, ao adentrar no universo acadêmico, buscou para si a estratégia de sobrevivência baseada na procura pelo conhecimento, principalmente aquele que poderia ajudá-lo na compreensão de si mesmo, tendo em vista o seu desconhecimento sobre a

transexualidade – identidade posteriormente procurada pelo autor-personagem. Tendo em vista seu obscurantismo, João W. Nery percebe a sexualidade como um sistema padronizado pela sociedade, que, segundo Foucault (2003), é percebida como um aspecto natural da vida humana, mas que foi reprimida na sociedade e nas culturas ocidentais a partir do século XVII, sendo sufocada por proibições e repressões.

João W. Nery, por não vivenciar uma sexualidade pautada nos modelos heteronormativos, percebia sua sexualidade como fora do padrão, porém bem recebida na academia, razão pela qual ele não sentia receio em se mostrar como um sujeito cuja preferência sexual seria pelo mesmo sexo, levando em consideração o fator biológico e desconsiderando o gênero do autor-personagem. Ainda assim, a academia se encontrava distante sobre os conhecimentos necessários acerca da construção identitária baseada no gênero. Dessa forma, João W. Nery preferiu investir em uma identidade ambígua, comum ao gênero masculino e feminino.

De acordo com Crane (2006), a Revolução Industrial e as guerras trouxeram avanços para o vestuário feminino, uma vez que na classe operária, as mulheres começaram a trabalhar nas fábricas usando trajes confortáveis, sendo esses comuns aos gêneros masculino e feminino; ou seja, a moda passou a contemplar uma perspectiva unissex, da qual João se tornou adepto, muito embora sua forma de se apresentar não agradasse ao público, mas lhe poupava de tentar assumir uma identidade feminina com a qual não conseguiu se identificar, como vimos nas análises anteriores.

Para os outros, João W. Nery preferia se apresentar em uma perspectiva dúbia, na qual as pessoas não teriam certeza em relação ao seu gênero. No entanto, para si mesmo ele se percebia como sendo um homem de orientação heterossexual que não almejava ser visto como uma mulher lésbica, considerando principalmente o seu envolvimento afetivo sexual com mulheres:

Não queria uma mulher homossexual, mas alguém tão hétero a ponto de desejar somente homens, que fosse capaz de ter a ilusão, até física de estar diante de um. Essa necessidade foi se tornando cada vez mais primordial e talvez tenha sido minha maior cruz e burrice na vida. Naquela época, ainda não demonstrava o perigo e a loucura dessa exigência emocional a que denominei “coito perceptivo”. Para não haver dúvidas da parte dela, nem depressões minhas esclareci-a logo da minha insensibilidade nos seios, ou melhor, da sua inexistência. O fato é que, para meu alívio, nunca demonstrou maior interesse. (NERY, 2011, p.74)



Percebemos, no trecho acima, a negação de João W. Nery sobre sua feminilidade, considerando o fato de que uma mulher de orientação sexual homossexual não poderia desejá-lo, pois essa desejaria uma mulher, identidade então negada pelo autor-personagem. Através do seu discurso, notamos que João se enquadra no que poderia ser conhecido como “transexual verdadeiro”, que seria aquele normatizado pela lógica psiquiatra e heterossexual, a qual não admite a possibilidade destes indivíduos se submeterem ao processo formal de transexualização, caso estes tenham a orientação sexual “homo” ou “bi”. Nesta perspectiva, o transexual verdadeiro é aquele que busca vivenciar todas as características instituídas ao sexo oposto, considerando principalmente a ordem do desejo como afirmam (VENTURA e SCHRAMM, 2009).

A fim de consumir o desejo, o referido personagem quer que sua parceira o perceba como um homem, ressaltando inclusive a falta de sensibilidade nos seios, a fim de não perceber traços femininos em seu corpo e delimitando que, caso isso não seja possível, ele não se sentiria confortável em manter um relacionamento. Sabemos que não devemos perceber a transexualidade por meio de um viés normatizador e padronizador, pois de acordo com Foucault (2010), somos, antes de tudo, seres singulares. Desta forma, as relações que devemos estabelecer com nossos corpos precisam estar pautadas pelo princípio da diferença, ou seja, aquilo que o sujeito é não pode ser percebido como um “molde” para os demais.

No entanto, as identidades não devem ser descartadas ou abandonadas, tendo em vista sua importância política, fazendo-se necessário não perceber as identidades como um parâmetro que os sujeitos criam consigo e com o outro. Neste sentido, uma pessoa transexual não precisa, necessariamente “verdade” e, ter uma orientação sexual heteronormativa. No entanto, o fato de não ser um homem de fez João não se sentir confortável no momento em que ele se percebeu como alguém incapaz de satisfazer sexualmente seu parceiro, considerando o fato de não ter um pênis.

Certa vez, depois de um orgasmo intenso, me perguntou ingenuamente: você gozou? Que facada! Por uns segundos, não entendi bem o que desejava saber. Em seguida, constatei a minha falta de ereção e ejaculação, com o que seria evitada essa massacrante pergunta. Fiquei sem saber como reagir. Se respondesse, estaria evidenciando a minha humilhante condição. Se me calasse, porém, poderia dar margens a interpretações errôneas (NERY 2011, p.75)

O maior problema para João W. Nery seria a sua impossibilidade de ser um homem de verdade, pois, muito embora ele e a parceira atingissem o ápice da relação sexual em um

orgasmo intenso, o personagem ficaria sem justificativas para comprovar que ele gozou de verdade, dado o fato da inexistência do órgão sexual masculino. De acordo com Barbosa (2013), ser mulher ou ser homem envolve muito mais do que perpetuar a genitália de nascimento como destino do corpo. No entanto, se faz necessário considerar o fato de o referido personagem sentir a necessidade de ter um pênis, pois este órgão o faria provar sua masculinidade; no caso mencionado, em específico, por conta da presença do “esperma”, não condizendo com o discurso proferido por Barbosa (2013). A fim de solucionar este problema, ou de amenizá-lo, João precisou definir os papéis de gênero.

Nunca fui adepto da restrição de papéis bem definidos no âmbito sexual. No meu caso, uma variável interferia decisivamente. Por falta de definições apriorísticas, dando margem a me confundir com uma mulher, a clareza de papéis passou a ser um recurso indispensável, para maior integração comigo e com a parceira. Num vínculo hétero, pelas próprias condições sociais e anatômicas, tudo está definido de saída. Seja o homem ativo, seja o passivo, a sua identidade não é questionada. Tinha de lançar mão de certos artifícios para fazer compreender como me sentia. De qualquer forma, não creio que a sintonia seja tão perfeita quando, num casal, ambos são passivos ou totalmente ativos. Na verdade, ninguém é inteiramente uma coisa nem outra. Existe também a questão da preferência, de como o sujeito gosta mais de amar e ser amado, independente dos papéis (NERY, 2011, p.77).

Para ter um relacionamento amoroso com alguém, um dos pré-requisitos necessários para João seria o de não ser confundido com uma mulher. Como analisamos anteriormente, percebemos que o autor-personagem não consegue lidar com a sua passividade nas relações, pois o fato de esse se portar passivamente dentro da relação sexual, remete-o à figura feminina, a qual é totalmente evitada por ele. Neste sentido, João só consegue êxito em seus relacionamentos afetivos e sexuais quando ele se porta ativamente, evitando assim que suas parceiras explorem o seu corpo, devido à presença dos seios e à ausência do órgão sexual masculino.

Para Uchoa (2017), existe um sofrimento constante nos homens trans, quando esses são questionados em relação a sua identidade de gênero. Desta forma, os homens trans precisam explicar suas particularidades a pessoas que, em muitos casos, não conseguirão compreendê-los. Logo, estes indivíduos tornam-se inseguros, uma vez que são questionados, continuamente, sobre suas masculinidades. Por isso, João W. Nery sempre deixou claro para suas parceiras o seu papel de ativo dentro das relações sexuais, a fim de não sofrer

questionamentos sobre seu corpo, principalmente, antes de seu corpo ter sido submetido às cirurgias reparatórias para fazê-lo assimilar-se a um homem cis<sup>9</sup>.

Se bem que fui uma pessoa bastante dinâmica e ativa, acredito que o fato de, na nossa cultura, o homem ser o elemento catalisador tenha me fortalecido ainda mais nesse sentido. Foi uma maneira de me fazer conhecer melhor pelo outro, já que o físico não ajudava. Quando era solicitado a me colocar numa posição “de receber”, sentia-me ameaçado, como se confundido com uma fêmea. Esvaziava-se então a excitação sexual. Daí a necessidade de ter uma mulher dócil, feita pra entrega (NERY, 2011, p.77-78).

De acordo com Melucci (2004), a identidade do indivíduo define a sua capacidade de se reconhecer e de ser reconhecido. No caso de João W. Nery, sua identidade masculina é reconhecida pelo fato de sempre exercer o papel ativo na relação sexual, relegando à passividade as suas companheiras mulheres. O autor-personagem teve sua primeira experiência romântica com Dolores, sua companheira no curso universitário de psicologia, a qual tinha a mesma idade que a sua, porém, por ela ser uma mulher homossexual, houve o término do relacionamento. Posteriormente, João conheceu Mercedes, uma mulher hétero, passiva e que o enxergava como homem, o que lhe permitia viver livremente com sua identidade masculina:

Andar vestido de homem na rua fazia com que me sentisse muito bem. O desagradável era parecer um garotão imberbe, com uma voz de taquara rachada. Comecei a desenvolver uma observação mais apurada e minuciosa dos detalhes do comportamento social masculino: gesticulação, hábitos, cacoetes, maneirismos. Andar com a mão direita metida na abertura da camisa, na altura do peito, era um gesto descompromissado e bem característico da conduta dos homens. Servia-me como um dissimulador. Sair em público, significava entrar em prontidão. Precisava prestar atenção o tempo todo na minha figura em relação aos outros. Ficava exausto com a preocupação contínua de manter a voz grossa, os gestos contidos para não perceberem os seios nem a falta do pênis. Paralelamente, sondava no ambiente se havia alguma ameaça de batida policial ou presença de conhecido que pudesse me denunciar (NERY, 2011, p.81).

De acordo com Butler (2016), o gênero trata-se de uma ficção, uma vez que os vários atos de gênero criam sua configuração, e com a ausência deles, não existiria nenhuma essência que ele expressasse ou exteriorizasse. Neste sentido, os gêneros masculinos e

---

<sup>9</sup>Homens cisgênero ou cis - são pessoas do gênero masculino que possuem concordância com o gênero designado no seu nascimento. Isto é, configura uma concordância entre a identidade de gênero e o sexo biológico de um indivíduo e o seu comportamento ou papel considerado socialmente aceito para esse gênero. Disponível em: <http://www.significados.com.br/cisgenero>. Acesso em 02/01/2020.

femininos são criados através de polarizações culturais, as quais obscurecem a credibilidade dessas produções e por meio das punições quanto à recusa de neles acreditar. Desta maneira, o autor-personagem, ao se vestir com trajes masculinos, performatiza um sujeito do gênero masculino, prestando sempre atenção nos mínimos detalhes, a exemplo do tom da sua voz, pois ele sente medo da punição que poderia receber, caso descobrissem sua condição de ter nascido, biologicamente, mulher e não ter um timbre de voz masculino.

Nesse contexto, o autor-personagem vivia em uma tensão constante, sentindo-se amedrontado em alguém descobrir sua verdadeira identidade. As pessoas, de um modo geral, não iriam compreender a sua situação, já que acreditavam na ideia da naturalização do sexo dos indivíduos e no gênero como algo estável, que divide os sujeitos em masculinos e femininos. Para Butler (2016), o gênero é instituído através de atos internamente descontínuos, sendo representado por uma aparência da substância, ou seja, pela realização performativa em que toda plateia acredita ser verdade.

Um homem cis não precisa estar o tempo inteiro provando sua masculinidade. No entanto, esta era a condição vivenciada por João W. Nery, principalmente antes de se submeter ao processo cirúrgico de modificação corporal e recorrer ao uso dos hormônios para masculinização do indivíduo, o que o deixava inseguro quanto à construção de sua almejada identidade masculina, como podemos confirmar no trecho abaixo:

Uma cena com a qual raramente sonhava, e que me impressionava pelo conteúdo violento, era a de um homem desconhecido debochando de mim por ser mulher. Pegava-os com as duas mãos pelo colarinho e com uma força descomunal, batia seguidamente sua cabeça contra a parede, até matá-lo. Aí acordava. Era como se lutasse contra o irrefutável do meu ser (NERY, 2011, p.83).

Notamos que Nery sabe de sua limitação por não ter nascido como um homem biológico, mas o fato de imaginar um outro homem descobrindo a sua “farsa” corrobora a ideia de que ele tem, em seu percurso, uma luta constante para tentar ser o homem com o qual ele se auto identifica, sofrendo constantes ameaças diante da descoberta de sua condição biológica.

Sabemos que, para Butler (2016), as ações imbuídas na construção do gênero são realizadas por meio de dimensões temporais e coletivas. Seu caráter público não deixa de ter consequências. Na verdade, a performance surge como uma estratégia, a fim de manter o gênero em sua estrutura binária, corroborando para a tese de que o sujeito só tem a escolha de

ser mulher ou de ser homem, o que naturaliza os comportamentos previstos como masculinos ou femininos.

O fato de João W. Nery se perceber como pertencente ao gênero masculino e não se ver como mulher lhe faz construir estratégias para que os outros o percebam como um homem e não como uma mulher. As limitações impostas pela sociedade e o fato de o gênero ser performatizado em uma conjuntura binária faz com que os sujeitos que fogem dos padrões naturalizados, ou seja, indivíduos que nasceram com o sexo oposto ao gênero, vivam em uma constante tensão, uma vez que a sociedade patriarcal não aceita homens de vagina e nem mulheres de pênis.

Para Barbosa (2013), o fato de ser mulher ou homem não está atrelado à genitália de nascimento como destino do corpo. Logo, a experiência transexual surge como uma forma de romper os papéis de gênero, sendo esses atravessados por uma performatividade masculina ou feminina, que não necessariamente exige a modificação dos genitais. No entanto, sabemos que a sociedade age de forma reguladora e que os sujeitos não estão totalmente livres para expressar sua subjetividade,

Segundo Foucault (1988), as questões que envolvem gênero e sexualidade não são aspectos ou fatos naturais da vida humana, mas uma categoria da experiência que foi construída historicamente, socialmente e culturalmente, não se limitando, portanto, às questões biológicas. Desta forma, a sociedade dita os comportamentos aceitáveis, e um sujeito que nasceu biologicamente mulher não poderá se subjetivar masculinamente. Por isso, o autor-personagem em análise, imerso nessas regras pré-estabelecidas, sente-se limitado e com receio de ser rejeitado caso os outros saibam que ele não é um homem de “verdade”

Minha figura agora já tinha alguns caracteres de macho, como pernas e axilas cabeludas, corte de cabelo bem curto, o que me impedia igualmente de ir à praia, a toaletes femininos e apresentar meus próprios documentos sem causar escândalo e confusão. Eu era ambos os gêneros e, ao mesmo tempo, não era nenhum dos dois (NERY, 2011, p.83)

De início, João W. Nery fez procedimentos que estavam ao seu alcance, por ainda não ter se submetido aos processos cirúrgicos e hormonais para sua mudança de sexo, tornando-se assim, uma figura ambígua para os “outros”. De acordo com Butler (2016), existe a inteligibilidade dos gêneros, ou seja, esses são representados por aqueles que mantêm relação de coerência e de continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, tendo em vista os

parâmetros heteronormativos. Neste sentido, sujeitos que se vestem e se comportam como João W. Nery são vistos como pertencentes a gêneros não-inteligíveis, pois podem subverter ou transgredir a heteronormatividade; sujeitos considerados como abjetos, colocados em zonas invisíveis e excluídos da sociedade que naturaliza as questões de gênero e de sexualidade.

A não definição de um gênero por parte do autor-personagem trata-se de um mecanismo de defesa, uma vez que ele seria visto de maneira “ridicularizada”, caso decidisse assumir a sua identidade de gênero. Não ter definição seria uma espécie de alibi para sua condição identitária, sendo essa percebida pelo princípio da não inteligibilidade do seu gênero. Em relação à performance sexual do autor-personagem, pode-se afirmar que ele também, não consegue se abrir completamente, como veremos no trecho abaixo:

Tudo me passava pela cabeça: “como será na cama? Ficará quieta, esperando que eu resolva tudo? Assim seria melhor. Mas não falei nada. E o que fazer se decidir tocar nos meus seios? Não, aí vai estragar tudo, entrar meio alto, tirar minha roupa, fazer com que me toque o menos possível e descobrir do que gosta, para ver se, desse jeito, me esquece. Mas e eu? Não. Vai ser assim mesmo. Pelo menos, até ter certeza de que posso me entregar sem que confunda com mulher. É mais garantido (NERY 2011, p.85).

Sabemos o quão difícil é para João exercer a sua sexualidade de forma plena, considerando a sua atitude de estigmatizar a sua passividade por considerá-la como algo pertencente ao gênero feminino. Para Eving Goffman (2008), o estigma é um processo social com dois papéis, no qual o normal e o estigmatizado não são pessoas, mas sim perspectivas que são geradas em situações durante os contatos mistos em virtude de “normas” não cumpridas que atuam sobre esse encontro. Para cumprir a “norma” do autor-personagem suas parceiras teriam de entrar em uma suposta “normalidade”, ou seja, elas deveriam ter apenas o papel de passivas na relação sexual, permitindo que João exercesse a sua masculinidade, pois esse não desejaria, jamais, ser confundido com uma mulher.

O autor-personagem estigmatizava o próprio corpo, percebendo-o como “anormal”, pois para ele, o seu corpo ideal seria um corpo estritamente masculino e que não gerasse dúvida nas suas parceiras. Dessa forma, a sua estrutura feminina o limitava de explorar os prazeres sexuais, deixando-o apenas com a função de “ativo” da relação, sendo-lhe impedido o toque nos “seios” e na sua “vagina”. Diferentemente de sua primeira parceira Dolores, Mercedes era uma mulher completamente passiva que foi ganhando a confiança do autor-personagem, como veremos no trecho a seguir:

Com o tempo, deixei Mercedes tocar os meus genitais, mas só se fosse com um trato masculino. Fui desenvolvendo comportamentos adaptativos para suprir as deficiências como macho. Notei que na hora do coito, a minha mão esquerda adquiria um formato e uma maleabilidade específicos, como se fosse um pênis. O interessante é que nunca variei de mão. Só mais tarde fui atentar para esse detalhe. Creio que, pelo fato de ser destro, a canhota era mais suave, com a pele mais fina e menos exposta a acidentes. Mas o que desejava era poder fazer amor, abraçando Mercedes com as duas mãos! Senti-la em mil posições diferentes, se tivesse os membros superiores livres! O peculiar é que normalmente, os indivíduos têm uma tendência a proteger seus genitais em qualquer eventualidade em que possam correr risco de dano ou perda. Essa mesma preocupação se apresentava em relação à minha mão esquerda. Danificá-la significaria entrar em abstinência sexual. Uma vez tentei usar a mão direita, mas foi um fracasso! Era dura, desajeitada, deslocada, sem me proporcionar qualquer prazer. Antes de penetrá-la, umedecia “meus dedos peniais”, no meu pseudoesperma, como uma forma de colocar algo meu dentro dela. Dava-me uma maior sensação de aproximação (NERY 2011, p. 95).

De acordo com Preciado (2014), a heterossexualidade precisa ser criticada e, para tanto, os órgãos sexuais devem ser vistos sob a ótica da “inexistência”, uma vez que eles devem ser vistos como produtos de uma tecnologia sofisticada que prescrevem sua função na prática sexual. Neste sentido, percebemos a importância de desnaturalizar a questão dos órgãos sexuais, partindo da premissa de que outras partes do corpo podem ter a função de promover prazer aos corpos. No caso de João W. Nery, a falta do pênis o fez buscar outro recurso, ou seja, ele utilizava a sua mão esquerda e molhava em seu pseudoesperma, a fim de satisfazer sexualmente sua parceira. Logo, esse outro órgão se tornou de suma importância, por assumir a função do pênis e seus dedos de peniais, permitindo-lhe se aproximar assim, do homem que desejaria ser, não se atendo à falta de um pênis para consumir o ato sexual.

No entanto, mesmo tendo essa possibilidade, João W. Nery não queria o mero ato-sexual. O seu grande desejo seria o de penetrar sua parceira, abraçando-a, e isso só seria possível se ele fosse um homem de verdade, visto que não precisaria utilizar-se da sua mão para exercer uma função ativa. Observamos que outra estratégia utilizada pelo personagem, com a finalidade de promover prazer à parceira, foi o uso do absorvente durante o período menstrual, como veremos no trecho abaixo, o que ratifica a argumentação de Preciado (2014) de que outros elementos podem criar novas tecnologias sexuais.

Certa ocasião, num descuido meu. Mercedes percebeu aquele volume que a cueca deixava transparecer. Contrariando minha expectativa gostou do que viu. Fiquei confuso ao perceber que estava me olhando como olharia pra

qualquer homem. A princípio fiquei meio envergonhado, me sentindo ridículo. Abraçou-me e, inesperadamente, começou a tirar um sarro delicioso, da forma como eu sempre tinha imaginado e jamais pude experimentar. A excitação foi me tomando, até o ponto em que ela tentou segurar o volume dentro da cueca. Sutilmente, puxei seu braço e passei ao redor do meu pescoço. Ainda não me sentia em condições de aguentar aquela carícia tão sensual, mas prematura (NERY 2011, p.99).

Como podemos observar, a excitação do personagem é dada pelo fato de Mercedes enxergá-lo como um homem, pois, visualmente, o absorvente utilizado por João W. Nery assemelha-se a um pênis e esta fantasia faz com que ele se sinta convidado a exercer sua sexualidade, tendo em vista a questão de sua preferência em ser ativo durante o ato sexual. De acordo com Butler (2016), existe a instituição de uma heterossexualidade compulsória que naturaliza e regula o gênero como uma relação binária, diferenciando o termo masculino do feminino. Essa diferença é notada principalmente nas práticas e na consumação do desejo heterossexual.

Notamos assim, que João W. Nery repete esses modelos pré-estabelecidos pela sociedade heteronormativa, tomando para si o comportamento do sujeito masculino durante a prática do ato sexual, não se permitindo vivenciar a sexualidade de maneira diferenciada, pois ainda não sai das convenções criadas pelo binarismo, não se deixando tocar, nem permitindo que suas “parceiras” desvelem seu corpo, na medida em que vive a fantasia de ser um homem de verdade. Quando Mercedes resolve fugir da “fantasia”, segurando o volume dentro da cueca, João não deixa que ela descubra seu corpo, impedindo assim a fruição dos desejos múltiplos; ele age de acordo com a sua identidade masculina, no entanto, o fato de ser uma mulher biológica o faz um sujeito limitado, enfrentando tensões com o seu próprio corpo. A vivência desse constante conflito o faz comparar-se a um músico cego, com quem iniciou uma amizade:

Pelo contrário, ficava pensando sobre o que seria pior: ser homem, mas não enxergar, ou nascer vendo, mas não poder ser homem. Nunca chegava a uma conclusão. A impotência de nascer com o corpo trocado me parecia insuportável. Entretanto, sentia a cegueira como terrificante. Havia entre nós uma diferença básica: embora fôssemos representantes de minorias, a sua deficiência inspirava compreensão, a minha não (NERY 2011, p.109)

Conforme Butler (2016), os regimes de poder do heterossexismo e do falocentrismo incrementam-se constantemente pela repetição de sua lógica e de suas ontologias naturalizadas, não implicando assim, que essa repetição não deva ser interrompida. No



entanto, João W. Nery repete essa lógica em seu discurso, quando se enxerga como sendo uma pessoa deficiente por não ter nascido homem e não subverter esses regimes, como veremos abaixo:

A coação não era para me vestir melhor, mas como mulher! No fundo achava graça, porque justamente as pessoas mais tradicionais eram as que mais exigiam que me travestisse. Vestir-me bem, já o fazia. Usava calças, camisas e sapatos finos, comprados nas melhores lojas da cidade. Porém, dentro da concepção vigente, continuava sem me enquadrar como “bem vestido ou de boa aparência” (NERY, 2011 p.128-129).

Para Foucault (2014), o cristianismo desenvolveu códigos e interdições morais universais, sendo esses centrados nas ditas “verdades do sexo”, em que a cultura romana considerava o desejo como potencialmente nocivo, e o cristianismo julgava-o como “mau”. Nessa perspectiva, os sujeitos não poderiam revelar seus desejos partindo de sua própria subjetividade, pois deveriam ser controlados e guiados pela matriz heteronormativa. No trecho acima, percebemos a impossibilidade de o sujeito expressar sua real subjetividade, já que no ambiente acadêmico, João precisaria ser “Joana”, tendo em vista o fato de ser uma mulher biológica. Para atender aos anseios da comunidade acadêmica, João não deveria apenas vestir-se bem, mas vestir-se como uma mulher, mesmo não conseguindo ser uma. Neste sentido, o referido personagem vivia em uma profunda confusão por ter que vivenciar o gênero feminino para poder executar sua função enquanto profissional.

De acordo com Bento (2008), existe uma verdade localizada nas estruturas corporais e na idealização de uma natureza perfeita, fazendo-se presente na produção discursiva que faz sentido quando é relacionada à diferença sexual. Desta forma, o amor materno, a virilidade masculina e vários outros papéis da natureza do gênero precisam dessa “polarização”, pois essa representa a premência dessa organização. Logo, as pessoas que saem dessa polarização ameaçam essa estrutura, a exemplo dos sujeitos transexuais que, em muitos casos, não querem seguir uma ordem estritamente binária, o que não é o caso do personagem em questão, haja vista sua preferência em ter um comportamento pautado nas estruturas binárias, como veremos no trecho a seguir:

Viver dois gêneros numa só vida era enlouquecedor. Cansava-me de estar sempre pulando de um lado para outro. Uma hora engrossava a voz, em outra era obrigado a afiná-la; ou me viam como um menino de 16 anos e me barravam em qualquer ambiente impróprio para menores, ou como uma mulher que já passava da idade de casar (NERY 2011, p.129),

Para Bento (2008), a transexualidade ameaça as normas de gênero ao considerarmos a não polarização e as diferenças dos sexos. Desta forma, o transexual destoa da linearidade atribuída entre sexo e gênero do desejo que não é revelada pela estrutura corporal. No caso de João W. Nery, percebemos que ele quer ser um homem de verdade, e vivenciar um sujeito com identidade dúbia é algo que não lhe faz bem, pois se percebe como sendo “homem”, mas para acatar aos anseios do ambiente acadêmico prefere ser uma figura “dúbia”, cujo gênero não é reconhecido.

O autor-personagem, em análise, por não ter ainda se submetido aos processos de transformação corporal, vivencia uma identidade unissex, sendo confundido o tempo inteiro, ora como um adolescente por não ter a voz grossa, sendo necessário o tratamento hormonal, ora como uma mulher madura. Bento (2006, p. 91) fala que “são as repetições das verdades para os gêneros que criam a sedimentação das normas de gênero e uma aparente a-historicidade”, criando assim um conjunto de estilos corporais que soam de maneira “natural”, e são representados por performances. Na próxima seção, falaremos sobre as transformações do referido personagem, salientando como as essas interferiram na construção da sua identidade.

#### 4.2 JOÃO W. NERY E SEU PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO CORPORAL

Como percebemos nas análises anteriores, João W. Nery, por não sofrer nenhuma alteração corporal nem hormonal, vivenciou uma identidade dupla, pois ora era confundido com a figura masculina, ora era confundido com a figura feminina, não podendo expressar de maneira satisfatória a sua subjetividade. Todavia, João fez uma viagem à Europa e lá tomou conhecimento sobre a identidade trans, o que lhe despertou a motivação necessária para que buscasse meios possíveis a fim de tornar-se um sujeito mais masculinizado.

Como vendedor algum me incomodasse, fiquei à vontade para folhear com calma vários livros e livretos, até minhas mãos alcançarem uma revista científica. Trazia como subtítulo a palavra sexualité. Dei uma olhada no índice. Precisamente no capítulo cinco havia uma reportagem em que um médico falava sobre cirurgias transgenitais, feitas em alguns países com grande sucesso. Referia-se apenas, a transmulheres, na época chamadas transexuais femininas, caso tecnicamente mais fácil de se resolver do que os trans-homens. Citava os Estados Unidos como um dos países percussores e mais desenvolvidos no assunto (NERY, 2011, p.135).

De acordo com Bittencourt e Santos (2019), as transexualidades são referentes aos trânsitos identitários que se apresentam de forma múltipla por meio das ressignificações do corpo, das redefinições dos papéis de gênero, da linguagem e na promoção das alteridades e das performances. Tais autores ainda destacam que a experiência transexual permite a desnaturalização de toda uma tendência cis-normativa, que questiona os conceitos de gênero e de sexualidade, considerando principalmente a fluidez das identidades no cenário contemporâneo, bem como o caráter performativo do gênero.

No entanto, como vimos no trecho acima, a transexualidade que João Nery conheceu referia-se apenas às transformações que os sujeitos, nascidos biologicamente homens, realizavam a fim de tornarem-se mulheres, uma vez que elas eram mais comuns e o procedimento cirúrgico mais fácil do que a neofaloplastia. O fato de saber a respeito da transexualidade foi algo imprescindível para João W. Nery na busca por sua identidade masculina. Dessa forma, ele vai em busca de sua “verdade” e depara-se com Farina, um cirurgião plástico que já realizou procedimentos de redesignação sexual em pacientes transfemininos.

Farina, por tudo que temos constatado, parece que João é um caso legítimo de transexualidade. Estive, inclusive, na semana passada, com o psiquiatra de nossa equipe, que o está assistindo. João vai indo muito bem. Confesso que a gente fica sempre meio receoso quando aparece um caso desses, principalmente por ser feminino (trans-homem), que é mais raro (NERY, 2011, p.160).

Para Ayouch (2014), não existe nenhuma natureza ontológica, nem a diferença anatômica entre os sexos, uma vez que são sempre incluídas em uma instituição cultural do gênero, cuja performatividade é dada por uma interpelação social, uma atribuição normativa e uma prescrição coletiva. Segundo a autora supracitada, existe um discurso que ressalta a questão do binarismo em que os sujeitos só podem se identificar ou como homens ou como mulheres, limitando, assim, a experiência transexual e enquadrando-os nos discursos pré-estabelecidos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher.

Neste caso, percebemos que Farina enquadra João W. Nery em um diagnóstico, classificando-o como um sujeito trans, muito embora essa forma de se assumir identitariamente seja mais rara, pois existe um número maior de sujeitos trans femininos. De acordo com Borba (2014), a classificação do sujeito como “transexual verdadeiro” funciona como um modelo metapragmático da identidade que guia os profissionais da saúde. No

entanto, tal modelo acaba constringendo as narrativas dos sujeitos trans que não se “enquadram” nos discursos esperados, muitas vezes tendo que mentir para validar o diagnóstico, sendo essa uma estratégia para garantir o laudo médico.

No caso de João W. Nery, percebemos um sujeito cuja identidade baseia-se nos princípios médicos e nos discursos que patologizam a transexualidade, na medida em que João corresponde a uma identidade masculina, ele quer ser um “homem de verdade” e suas vivências evidenciam isso. João inicia então sua saga, a fim de “ser” quem ele almeja: ser uma nova pessoa, deixando para trás a identidade de Joana e tudo que conquistou.

Passaram-se quase dois meses até que mamãe respondesse à minha carta. Muito racional nos seus argumentos, tentava me convencer de que eu estava me propondo a fazer uma loucura. Perguntava-me o que ganharia anulando minha vida passada e toda minha carreira em prol de um futuro incerto, cujas únicas garantias seriam as de me tornar um ser amorfo e marginal (NERY, 2011, p.164)

O trecho acima nos revela a ideia do sujeito que não tem liberdade para escolher sua subjetividade, a exemplo da mãe de João W. Nery que acredita que a escolha do seu filho é algo complexo, considerando essa sua nova subjetivação como sendo uma “loucura”, já que ele estaria se anulando em prol de uma causa que o faria perder sua identidade, até mesmo a profissional. De acordo com Hall (2000), os sujeitos não têm liberdade para ser aquilo que realmente almejam e o seu reconhecimento é “falso, tendo em vista que o sujeito é “sujeitado” a se posicionar em uma determinada posição discursiva, impedindo que o indivíduo viva o seu próprio desejo, sendo vivenciado na clandestinidade, como é o caso dos transexuais que não assumem sua real identidade.

João W. Nery quer enfrentar essas imposições que “sujeitam” o indivíduo a viver dentro das normas, criando para si uma “falsa ilusão” de ser o que realmente almeja, haja vista todas as imposições sociais. A fim de tornar-se um “homem”, João terá de refazer toda a sua vida, já que ele foi “mulher” durante toda sua trajetória profissional, devendo assim, se refazer em um futuro incerto dentro de uma sociedade heteronormativa.

De acordo com Bento (2006), o reconhecimento do conflito entre corpo e subjetividade, ou seja, a tentativa de encontrar e diferenciar as identidades (gays/travestis/lésbicas) não são evidências que nos permitam afirmar a existência de uma identidade “transexual”, para muitos transexuais não faz sentido considerar-se um transexual depois de todos os processos cirúrgicos e hormonais. Desta forma, iremos considerar a

definição de uma identidade transexual como algo extremamente complexo, uma vez que não deve existir um pensamento homogêneo sobre o que é “ser transexual”, haja vista a exigência de um diagnóstico da transexualidade a partir de comportamentos similares. No caso do personagem em questão, ele busca ser um homem de verdade e talvez a identidade transexual não lhe satisfaça, já que preferiu perder toda sua titulação acadêmica em prol de sua busca identitária, e mesmo diante das advertências de sua mãe, preferiu não se sujeitar aos discursos padronizantes.

Por mais que tentasse lhe mostrar que a culpa não era deles, foi inútil. Se pudesse haver um responsável por tal situação, seria eu mesmo. Talvez por não ter aprendido a introjetar adequadamente os valores sociais compatíveis com o meu sexo anatômico, que me fariam um ser “adequado”, ou para reclamar da possibilidade de um “imaginário alternativo” (NERY 2011, p.165).

Para Butler (2016, p. 233), o corpo é uma significação de superfície que contesta e desloca a distinção interno/externo, uma vez que existe “a imagem de um espaço psíquico interno inscrito sobre o corpo como significação social que renuncia perpetuamente a si mesma como tal”. A autora afirma ainda, com base em Foucault, que a alma não é aprisionada pelo corpo, mas sua própria prisão. Dito isto, existe uma falta de compreensão dos familiares do referido personagem que se questionam sobre os motivos pelos quais João se tornou um ser “subversivo”, tendo em vista a sua ruptura com o gênero biológico.

Em resumo, segundo os pressupostos citados, os corpos dos sujeitos possuem uma significação pré-estabelecida pelos discursos, sendo a “alma a prisão do corpo”. Ao romper com esses discursos, João não é mais aprisionado e seu corpo pode significar a sua real essência, a qual é incompreendida por seus familiares. A primeira decisão que João tomou foi “buscar” seu diagnóstico, a fim de comprovar a sua “transexualidade”:

Mas que palhaçada! Indicam-me um psiquiatra que faz parte de uma equipe que se diz única especializada no assunto, entretanto não acredita em na transexualidade, nem mesmo sabe se existe. Não é formidável? Agora, vê se dá para entender! Você me diz que não delineou claramente a diferença entre os dois comportamentos. Como pode afirmar, então que o meu caso é de um típico homossexualismo? Felipe.... Sinto muito, mas isso não posso aceitar. E pelo que tudo indica, não será só em mim que irá provocar decepções (NERY, 2011, p.169).

Para Borba (2014), o dispositivo da transexualidade constrói uma trajetória de subjetivação única para pessoas trans. Dessa forma, as equipes médicas seguem um protocolo avaliativo imposto como uma máquina de fazer “ver e falar”. Neste sentido, por mais que uma pessoa comprove ser um transexual, só o saber médico poderá dar o aval para o sujeito iniciar os seus procedimentos de transformação corporal. Como vimos em análises anteriores, a maioria dos sujeitos transexuais nasceram homens biológicos, fato que torna mais acessível o seu diagnóstico, já no caso de João, uma mulher biológica que pretende se subjetivar masculinamente, percebemos maiores entraves ao buscar pelo diagnóstico de sua “transexualidade” que lhe é negado, haja vista o fato de trans masculinos serem “raros”.

Bento (2006) relata que Stoller só observou a transexualidade em sujeitos transfemininos, sendo essa uma das premissas para relegar a existência da transexualidade masculina, desconsiderando, assim, os sujeitos que nascem biologicamente mulheres e se sentem pertencentes ao gênero masculino. Neste sentido, a transexualidade masculina pode ser vista como algo ainda impregnado de tabus e a negação do diagnóstico para João W. Nery reverbera este pensamento. No entanto, ele consegue comprovar a sua transexualidade através do auxílio de Farina, mostrando assim, o poder do discurso médico dando aval às transformações do referido personagem. Inicialmente, João W. Nery realizou o primeiro procedimento para a construção do falo, no entanto, não deu continuidade a este procedimento, preferindo permanecer com uma vagina, mesmo que esse não fosse o seu real desejo.

Fiquei tão eufórico com a descoberta, que pela primeira vez permiti que Amanda me visse urinar. Quando a olhei ali ao meu lado, senti uma inibição tão grande que o mijo não saía. Pedi-lhe então que fechasse os olhos, abrindo-os só depois que ouvisse o barulhinho. Ao ver o jato, deu um gritinho de contentamento (NERY, 2011, p.192).

De acordo com Maranhão (2014), existe uma escassez de pesquisas referentes aos transexuais masculinos, tendo essas uma maior projeção aos sujeitos trans femininos. Dessa forma, o fato de um sujeito resolver performatizar a identidade masculina ainda é algo problemático, demandando diversos procedimentos cirúrgicos que na maioria dos casos não são bem-sucedidos. No trecho acima, notamos a euforia do personagem em conseguir “urinar” em pé, sendo esse um comportamento típico dos homens. No entanto, seu procedimento cirúrgico não foi bem-sucedido, impedindo-o de agir como um homem normal, o que demonstra a escassez de recursos para o referido procedimento.

Mas todo o meu cuidado não foi suficiente e, apareceram as fístulas. Comecei a urinar por três lugares ao mesmo tempo, sendo obrigado a me sentar novamente no vaso quando ia ao banheiro. Soube que era um risco comum, por conta do efeito corrosivo da urina, mas não me prejudicaria a saúde (NERY, 2011, p.194)

O trecho acima mostra o quão difícil é o procedimento cirúrgico para a transformação da vagina em um pênis, impossibilitando assim, a consumação de uma identidade masculina. Segundo Maranhão (2014), nem todos os trans masculinos sentem a necessidade de terem um pênis, então se autointitulam como sendo não binários, habitando o entrelugar identitário. No entanto, João W. Nery segue esta conduta binária e seu real desejo seria o de ser um homem de verdade, porém sua euforia por conseguir urinar em pé teve uma curta duração e o procedimento cirúrgico teve mais malefícios do que benefícios, não auxiliando na construção da masculinidade do personagem.

Quantas pessoas não deveriam sofrer da mesma dificuldade? Indivíduos que perderam o pênis em acidente em acidente, doença, guerra ou necrose, como fariam para enfrentar situações semelhantes? Estavam desamparados, sem instituições sérias e especializadas que vendessem próteses para esses casos de invalidez. Os deficientes físicos, de maneira geral, podem conseguir cadeiras de roda, membros mecânicos, mamas de silicone, visando facilitar sua vida social e emocional. E por que não fazer uma órtese penial flácida, impermeável e lavável, sem ser necessariamente para fins eróticos? Não é a própria sociedade que nos cobra coerência entre o aspecto físico e o gênero? (NERY, 2011, p.202)

O autor-personagem compara a sua situação com a de outros homens que perderam o pênis. Ao perceber as dificuldades que seriam enfrentadas para a construção do pênis, João preferiu não dar continuidade a tais procedimentos, passando a perceber o pênis não como algo a ser utilizado no ato sexual, mas como um dos elementos que compõem a figura masculina. Para João, ter uma “órtese penial flácida” serviria apenas para deixá-lo mais semelhante à figura de um homem cis gênero que já perdeu o pênis. João W. Nery representa um sujeito binário que se enxerga e se percebe como sendo um homem de “verdade”, porém teve a infelicidade de nascer “castrado”. De acordo com Bento (2006), nem todos os transexuais têm essa mentalidade binária, como é o caso de João. Nesse sentido, existe uma problemática referente à identidade transexual, considerando-se o fato da existência da pluralidade de experiências de vida e de respostas para os conflitos que existem na relação

entre corpo, identidade de gênero e sexualidade, que refletem na hora de encontrar um termo que consiga cristalizar e substancializar essas histórias.

No caso do personagem em questão, ele busca em sua trajetória “ser um homem de verdade”, mesmo não tendo um pênis e recorrendo a algum item que imite um, a fim de permitir que os “outros” possam enxergá-lo não como um trans-homem. Vale ressaltar que João W. Nery passou por procedimentos de retirada dos órgãos reprodutores, bem como a retirada da mama, a fim de deixá-lo com a aparência mais masculinizada:

Doze fios de barba, cuidadosamente contados, iniciavam um incipiente cavanhaque. A voz continuava fina. Temia que não engrossasse nunca mais. O resto do corpo permanecia sem grandes modificações, salvo pelo fato de que não “monstruava” mais e podia usar as roupas masculinas que sempre namorava nas vitrines. Havia passado dois meses. (NERY 2011, p.213)

De acordo com Almeida (2012), no Brasil, os procedimentos estéticos e hormonais em homens trans têm tido resultados muito positivos, na medida em que eles ficam com uma aparência realmente masculina, sendo até mesmo confundidos com homens cis. Este fato é bastante positivo para os trans que assumem uma identidade pautada no binarismo e querem, realmente, se parecer com um homem. No entanto, o sucesso desses procedimentos faz com que a transexualidade masculina seja, de certa forma, inviabilizada. O fato de conseguir uma harmonização com o gênero pretendido fez com que João conseguisse se livrar de sua dubiedade identitária, permitindo que ele pudesse se assumir como “homem”, podendo escolher suas vestimentas de acordo com o seu sentimento de pertença. Além disso, João fez uma nova certidão de nascimento, na qual constava dezoito anos, embora à época estivesse com vinte e sete anos.

Finalmente era um homem! Um homem de carne e osso, e não somente na imaginação! Restava-me ainda ser totalmente carimbado e protocolado. Agora meu corpo se moldava melhor à minha essência. A nova harmonia transparecia numa expansividade natural, diferente dos gestos mais tímidos de antes. Meu porte ficou mais ereto. Era impossível dizer que nele já habitara uma corcunda. O tão esperado bigode despontava no rosto, conferindo alguma maturidade à aparência. Os pelos cresciam mais espessos, apesar da relutância das cicatrizes, que se entrecruzavam pelo peito e pelo abdômen. Era inacreditável! Tinha nascido quase aos 30 anos, sem nunca ter morrido (NERY, 2011, p.220-221).

No trecho acima, percebemos que, aparentemente, João W. Nery conseguiu de fato ter uma aparência masculinizada, por ter retirado as mamas, bem como por ter dado início ao seu



tratamento hormonal. De acordo com Bento (2006), os transexuais utilizam-se de artifícios a fim de parecerem com o gênero pretendido, uma vez que o sexo com o qual nasceram os impede de se subjetivar da forma como gostariam de verdade. No caso dos trans masculinos, eles utilizam faixas que apertam os seios e órteses, a fim de parecer que possuem um pênis, já os trans femininos utilizam camisetas com gola alta para não mostrar o pomo de adão, perucas e maquiagens para disfarçar os sinais de barba.

As modificações atingidas por João W. Nery lhe deram uma maior liberdade, pois não precisaria continuar com uma postura corcunda para esconder os seios, bem como no seu rosto os primeiros pelos de barba haviam nascido, concedendo-lhe assim, uma nova identidade. Neste sentido, João W. Nery, ao conseguir uma aparência mais masculina, não convivia com a dubiedade de gênero, pois antes de sua transformação física, ele vivia em uma constante tensão para que os outros não descobrissem que ele, na verdade, era uma mulher biológica, tendo em vista a presença dos “seios”, a ausência de pelos no rosto e o timbre de sua voz que era, constantemente, forçado para aparentar a voz de um homem.

De acordo com Bento (2006), um dos desdobramentos do dispositivo da sexualidade é a sua genitalização, fazendo coincidir sensações com determinadas zonas corporais. Desta forma, o corpo fica reduzido às zonas erógenas, através de uma distribuição assimétrica do poder entre os gêneros, representando a dominação o sexo masculino e o “dominado” o feminino. Segundo essa autora, os sujeitos transexuais temem pelo fato de não terem o sexo que corresponde com o gênero almejado, conforme ocorre com o personagem Nery:

Chegando à nossa casa, começamos um sarro, e, quando já estava bem excitado, fui direto para o banheiro. Amarrei o cinto e o coloquei dentro da cueca, de uma forma que só o pau aparecesse. Olhei-me então no espelho. Pela primeira vez via meu corpo como um objeto de desejo. Fiquei louco de tesão, sonhando que agora quase todos os meus problemas estariam resolvidos. Finalmente tinha uma alternativa além da mão. Voltei ao quarto, sem nenhuma inibição, pude penetrá-la, podendo ao mesmo tempo abraçá-la. Gozei imediatamente, como numa ejaculação precoce (NERY, 2011, p. 242).

De acordo com Preciado (2014), existe um movimento fictício conhecido por contrassexualidade, no qual todas as regras sexuais são desconstruídas e os órgãos sexuais não existem, como foi discutido anteriormente. É no espaço da contrassexualidade que aparecem as possibilidades de uma deriva radical em relação ao sistema sexo/ gênero dominante, por

meio da “utilização de dildos<sup>10</sup>, a erotização do ânus e o estabelecimento de relações contratuais S&M (sodomasoquistas), para citar ao menos três momentos de mutação “pós-humana do sexo” (PRECIADO, 2014, p.31).

Percebemos a utilização do “dildo” por parte do autor-personagem João W. Nery como uma ferramenta para dar prazer à parceira, exercendo a função do pênis, haja vista a ausência deste órgão em seu corpo. O dildo, ao ser incorporado no corpo de João, o fez se sentir mais seguro e ter mais satisfação com sua própria aparência, já que a falta do “pênis” não era algo que o inibia, considerando a substituição que o autor-personagem fez. Neste sentido, esse se sente realizado por ter tido a possibilidade de “penetrar” sua companheira, o que é representado pelo “gozo” imediato e sua satisfação sexual.

De acordo com Preciado (2014), o dildo não se trata de um objeto a fim de substituir uma falta, mas de uma operação que ocorre dentro de um sistema heterossexual. Desta forma o dildo é percebido como um símbolo referente à potência e a excitação sexual, ressignificando toda prática sexual e, até mesmo, o próprio conceito de “dildo”, já que o próprio pênis pode ocupar essa posição.

Neste sentido, no caso de João W. Nery, o significado de “dildo” não segue a concepção proposta por Preciado (2014), uma vez que ele faz o uso deste artifício para completar a sua “falta”, já que o seu sonho é ter um pênis para poder penetrar sua parceira, não se contentando com sua mão esquerda, querendo também abraçá-la durante a penetração. Com o passar do tempo, João W. Nery consegue ter uma maior aceitação com o seu corpo, não se atentando aos padrões que ele utilizava para si mesmo, a fim de ampliar sua masculinidade. Logo, as lamentações que tinha, por não ter um pênis para poder satisfazer o seu desejo de ter uma relação sexual completa, são amenizadas por sua nova parceira Gina.

Queria sexo nas horas e nos lugares mais inesperados. Solicitava-me nu com ou sem pau, de todas as formas. Subia com a língua pelas minhas costas, me cheirava a nuca e acabava chupando o meu pau minúsculo, que crescia em sua boca. Fazia-me gozar num preâmbulo da noite que mal começava. Gina me fez conhecer as delícias da passividade. Podia, enfim, sentir uma mulher em cima de mim, me provando, me provocando, me tornando o sultão de todos os sentidos. Tornou-se desimportante o coito “perceptivo”, a certeza de que minha parceira me percebia como um homem para que eu chegasse ao orgasmo. Aprendi a não me torturar com minha possível imagem (NERY 2011, p. 266)

---

<sup>10</sup>Os Dildos são conhecidos como: consolo ou consolador, sendo objetos que imitam um pênis, tendo em sua maioria o formato deste, tendo o intuito de realizar fantasias sexuais cujo principal intuito consiste na penetração. DILDO. In: Wikipédia a enciclopédia livre: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dildo>. Acesso em 15 de Janeiro de 2020.

Para Butler (2016), as pessoas transexuais afirmam ter uma descontinuidade radical entre os prazeres sexuais e as partes corporais, considerando-se o fato de que o que se quer, em termos de prazer, exige uma participação imaginária das partes do corpo, uma vez que o prazer pode requerer que se imagine um conjunto exagerado ou diminuído das partes. No caso de João W. Nery, esse criou para si um “pênis” imaginário, quando se permitiu ser passivo, durante a relação sexual, e na medida em que sua parceira praticava “sexo oral” nele, João acreditava ter um órgão sexual masculino que crescia durante a excitação.

Neste sentido, percebemos a importância de o personagem criar para si um sexo imaginário, sendo este capaz de não lhe fazer cobrar o fato de não possuir um pênis de verdade. A imaginação de João atua como algo imprescindível na construção de sua masculinidade, pois Gina o enxergava como sendo um “homem cis” e este fato lhe permitiu uma maior liberdade na consumação do ato sexual. Percebemos, assim, uma mudança na conduta do personagem e uma melhor aceitação com o seu corpo, principalmente pelo fato de sua parceira conseguir enxergá-lo da forma como ele gostaria, ampliando suas possibilidades sexuais. Além de aprimorar suas habilidades sexuais, João W. Nery desenvolveu a paternidade quando tomou para si a responsabilidade de cuidar de Yuri, filho de “Lola”, sua parceira anterior.

Yuri percebia que não era igual aos outros. Não gostava de futebol, nem mijava comigo. Sabia que podia chorar e manifestar suas emoções. Não era alto, nem sabia bater. Ensinei que o importante é o diálogo, melhor que a porrada. Sua vantagem era que as meninas o adoravam, era o preferido pra conversar porque elas se sentiam compreendidas (NERY, 2011, p. 273)

De acordo com Connell (2013), o conceito de masculinidade é duramente criticado por ter sido enquadrado em uma concepção heteronormativa que essencializa a diferença *macho x fêmea*, ignorando a diferença e a exclusão dentro das categorias de gênero. Desta forma, o conceito de masculinidade é visto de maneira homogênea, classificando os homens como sujeitos *viris*, não propensos às demonstrações de afeto e sensibilidade, sendo estas características inerentes ao público feminino.

No entanto, não existe uma única masculinidade, mas sim “masculinidades” e formas de comportamentos diversos dos sujeitos masculinos, a exemplo do filho de João W. Nery, uma vez que ele rompe com essa masculinidade padronizante que revela ao sujeito masculino uma única forma de ser. Yuri se distancia dessa “masculinidade”, pois é um sujeito sensível

que não contém suas emoções, sendo aberto ao diálogo, repreendendo a violência como solução dos problemas. João W. Nery, por ser um homem “trans”, influenciou na construção dessa subjetividade, a qual trouxe características, consideradas pelo padrão heteronormativo como sendo pertencente apenas às mulheres. Com o passar do tempo, a crise de João W. Nery não era mais referente ao seu gênero, mas às limitações da própria identidade, como veremos a seguir:

Há tempos que o peso dos anos me fazia sentir novas barreiras físicas, como se um estranho se apossasse de mim lentamente. Agora a crise de identidade era diferente, não mais a de gênero, mas aquela que todos temem com a idade, ao constatar a dificuldade do possível fascínio sobre o outro. A face enrugou, os pneus surgiram, os pelos caíram, o pênis não veio (NERY, 2011, p.289).

De acordo com Butler (2016), a distinção sexo/gênero, bem como a própria categoria sexual parecem pressupor uma significação do corpo. Neste sentido, o “corpo” seria uma espécie de ser passivo, cujo significado preexiste a partir de uma fonte cultural que lhes impõe os significados. Desta forma, antes dos processos de transformação, o corpo de João Nery era percebido de maneira ambígua, já que sua aparência ora seria interpretada como masculina, ora seria interpretada como feminina, não havendo um consenso sobre sua identidade na ótica dos outros. Ao se transformar em “homem”, João W. Nery adquire uma outra interpretação de seu corpo, pois esse deixa de ser percebido de maneira ambígua, já que agora se “parece” realmente com a figura masculina, deixando de ter uma crise identitária em relação ao seu gênero, mas, ainda assim, sentindo-se incompleto, uma vez que a velhice não lhe fez ter o pênis tão almejado. Por outro lado, o fato de não ter um pênis pode ser visto como algo vantajoso na velhice de homem:

Como homem transexual, estarei livre da terrível impotência masculina na velhice, tecnicamente enfrentada com os Viagras, mas que não se confunde com o desejo. Desde a infância o pênis é uma espécie de alterego do homem, uma segunda pessoa com quem ele dialoga e de quem depende para se reconhecer ou se sentir ameaçado. Nesse sentido a velhice masculina é mais temível que a feminina. A desvalorização do físico para a mulher pode ser até um alívio, pois, afinal, ela poderá se dedicar a outros interesses, a casa e aos netos. Considerarei-me por muito tempo um inválido sexual, que precisava de artifícios para poder ter prazer, quando talvez o problema estivesse mais na minha cultura com todos os seus significados, “que fazem de um simples gesto um critério clínico para definir se alguém é verdadeiramente um homem ou uma mulher”, como citou Miguel Missé no ótimo livro *Ele gênero Desordenado* (NERY, 2011, p. 290).

Para Butler (2016), a realidade dos gêneros é criada a partir das performances sociais contínuas, as quais significam parte da estratégia que oculta o caráter performativo de gênero e de suas possibilidades de proliferação fora das estruturas restritivas masculinistas, bem como das que são embasadas na heterossexualidade compulsória. Sabemos que a heterossexualidade compulsória age de modo inquisidor, afirmando que o papel dos homens, dentro de uma relação sexual, é o papel do “ativo”. Nesta conjuntura, os homens, para provarem sua masculinidade, devem ter um “pênis que funcione”, portanto, a velhice é algo temido pelos sujeitos que vivem dentro deste padrão heteronormativo, o qual limita as possibilidades do próprio prazer masculino.

Percebemos que João W. Nery adquiriu para si esta concepção de prazer “masculino”, e, devido à ausência do pênis, ele se considerou por muito tempo como uma pessoa incapaz de proporcionar o “verdadeiro” prazer a suas companheiras. No entanto, ele afirma que os papéis de gênero são atribuídos pela sociedade, limitando as possibilidades de os sujeitos consumarem o desejo, percebendo a “penetração peniana” como o ápice da relação sexual. Faz-se necessário, então, desconstruir essas estruturas restritivas, ampliando as possibilidades de os sujeitos masculinos terem “prazer”, uma vez que a potência sexual dos homens não pode ser relegada apenas ao funcionamento do órgão sexual masculino.

Desta forma, João W. Nery consegue encontrar sua identidade, pois ele passa a não ter problemas com o seu gênero, uma vez que sua aparência, após as transformações corporais, ficou condizente com o gênero masculino, fazendo-o não ter mais “tensões” de comprar vestimentas apropriadas para homens, nem a preocupação de ter de alterar sua voz, constantemente, como ocorria na fase em que ele ainda não usava hormônios masculinos.

Notamos que as transformações corporais utilizadas pelo autor-personagem foram imprescindíveis, para que ele pudesse se sentir “livre” para ser o homem que ele sempre desejara. A sua principal angústia era o fato de não se sentir completo, tendo em vista a falta do pênis em seu corpo, cuja indumentária masculina e todas as transformações sofridas o fizeram sentir-se confortável e sem conflitos identitários. No entanto, a ausência do pênis, que não surgiu nem mesmo na “velhice”, ainda o fez sentir-se limitado como homem, seguindo, assim, o padrão da heterossexualidade compulsória.

## 5.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de nossa análise compreendemos que João W. Nery utilizou a narrativa como um meio de explicar aos outros a sua condição identitária, pois ele sempre se sentiu pertencente ao gênero masculino. No entanto, a falta de conhecimento sobre sua condição identitária o fez, em um primeiro momento, tentar performatizar uma identidade feminina, pois essa teria a aprovação da sua família e da sociedade.

Esse processo o fez vivenciar momentos de conflitos, durante toda a sua trajetória, já que o sujeito que não se reconhece identitariamente na dicotomia, pautada no princípio da diferença homem/mulher, é forçado a se enquadrar em um sistema regulatório, tendo que escolher para si uma identidade de gênero possível, com base nos esquemas pré-determinados pela sociedade, tornando-se, assim, um sujeito masculino ou feminino.

Notamos que João W. Nery não fugiu dos padrões pré-estabelecidos pela sociedade heteronormativa, uma vez que sua masculinidade era baseada nos princípios da heteronormatividade, ou seja, o autor-personagem, desde a infância tinha preferência por brincadeiras voltadas ao público masculino e não apreciava quando sua mãe o forçava a usar vestidos, ou agir como uma menina que ele nunca foi. Ele sempre se sentiu pertencente ao gênero masculino, até em seus primeiros sentimentos amorosos, que foram despertados por indivíduos femininos. No entanto, o seu maior embate identitário iniciou na adolescência, pois o seu corpo começou a se transformar em um corpo feminino e João não soube como esconder isso.

O autor-personagem analisado se percebe sem alternativas, durante a adolescência, e se submete a um mecanismo de “falso reconhecimento”, conceito expresso por Hall (2000), no qual o sujeito não pode ser ele mesmo e acaba se sujeitando às condições impostas pelo discurso dominante. Neste caso em específico, o discurso da família, que sempre lhe motivou a se tornar uma mulher - dando-lhes roupas femininas e adereços - incentiva-o continuamente a ser aquilo que João W. Nery se forçou a ser durante um período de sua vida.

Sabemos que a construção de uma identidade feminina, por parte do autor-personagem, tratou-se de uma estratégia de sobrevivência, para que ele pudesse ser aceito pelos “outros”. Neste sentido, ele conseguiu uma “certa ascensão” profissional, pois com a identidade feminina, João W. Nery conseguiu se formar no curso de psicologia, atuando como psicóloga e professora universitária. Ele preferiu enfrentar a todos, a fim de ser o homem que era, quando tomou conhecimento sobre a identidade transexual. De acordo com Bento (2006),

é muito complexo pensar a experiência transexual nos termos de uma identidade transexual, já que essa é percebida no sentido provisório e a identidade trans só é considerada antes do processo cirúrgico de redesignação sexual. Neste sentido, o sujeito é considerado como sendo “trans” quando ele ainda tem conflitos com a sua identidade, sendo esses apagados, quando o sujeito consegue o seu intento, tornar-se um homem ou uma mulher, apagando a memória do sofrimento e da exclusão vivenciadas antes dos processos de transformação corporal.

João W. Nery, ao decidir enfrentar a sociedade para ser quem “era”, reiniciou sua trajetória de vida com uma identidade que lhe conferia a idade de dezoito anos, muito embora tivesse vinte e sete anos. Deixar a identidade de “Joana” para trás foi um processo libertador para o autor-personagem, muito embora ele tivesse de se reinventar profissionalmente, haja vista que tudo que ele produziu simplesmente perdeu a validade, a exemplo do seu diploma de psicólogo, sua profissão como psicólogo clínico e sua atuação dentro da academia.

João preferiu ser um “analfabeto” a ser um sujeito formado e estabelecido profissionalmente, uma vez que para isso, ele deveria permanecer com sua identidade “feminina”, negando, assim, a sua verdade. João W. Nery não conseguiu realizar a mudança de sexo que ele tanto queria, considerando as dificuldades que os sujeitos trans masculinos têm na realização da cirurgia de redesignação sexual. O fato dele não ter concluído a sua mudança de sexo o impediu de exercer sua profissão e lhe relegou à graduação no curso de psicologia.

Embora saibamos dos avanços em relação a esta temática, enfatizamos que nosso gênero não pode ser pensado apenas em uma perspectiva biológica, mas em aspectos subjetivos, como no caso do nosso autor-personagem, já que, mesmo tendo nascido mulher, sempre se sentiu homem e negar esta identidade masculina seria negar toda a sua existência. Desta forma, este tipo de reflexão deve estar presente na nossa sociedade, uma vez que padronizar os sujeitos, relacionando o sexo biológico ao gênero de nascença, limita os sujeitos a terem que usar estratégias para sobreviver, não vivendo sua subjetividade de maneira plena.

Por fim, consideramos que para os “Outros”, aparentemente, João W. Nery consegue ser o homem que desejaria, mas para si mesmo ele ainda enfrenta traumas com o seu próprio corpo, considerando o fato de João não ter dado continuidade aos procedimentos cirúrgicos para a construção de seu pênis, deixando-o frustrado, mas ressignificando a sua masculinidade, pois João justifica que nem todos os homens têm pênis, sendo necessário conviver com o fato de ser uma espécie de “homem castrado”. No entanto, ele conseguiu vencer os embates identitários, na medida em que conseguiu mostrar para os outros que ele era homem, mesmo não tendo um pênis.

Esperamos, com os resultados apontados nesta pesquisa, contribuir para a reflexão sobre a construção das novas identidades, bem como entender que o espaço literário não pode estar preso apenas às questões que concernem à escrita literária, mas a todas as discussões úteis à compreensão do texto literário. Discutir gênero e sexualidade na literatura é algo de suma importância, pois ainda vivemos em uma sociedade normativa, fazendo-se necessário resistir e compreender os diversos tipos de subjetividades, permitindo, assim, o crescimento da área em questão, vislumbrando uma melhor compreensão das diversas sexualidades e representado formas de resistir em uma sociedade, cujo machismo ainda se encontra dominante. Em síntese, uma sociedade em que as pessoas lutem para ser o que são, independentemente dos rótulos.



## REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Guilherme. ‘Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.20, n.2, p. 513-523, maio-agosto 2012.

ALMEIDA, M. V. Corpo presente: antropologia do corpo e da incorporação. *In*: ALMEIDA, M. V. (Org.). **Corpo presente**. Oeiras: Celta Editora, 1996.

AMARAL, Daniela Murta. **Os desafios da despatologização da transexualidade**: reflexões sobre a assistência a transexuais no Brasil. 2011. 107pg. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ARAN, M., & Murta D. **Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero as redescrições da experiência da transexualidade**: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e Saúde. 2009.

AUGUSTIN, G. **Literatura intercultural**. XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam. O 'y' em questão: as transmasculinidades brasileiras. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero. v. 10, 2013, Florianópolis. **Fazendo Gênero 10 (anais eletrônicos)**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. v. 1. p. 1-12.

AYOUCH, T. Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. **Percursos**: Revista de Psicanálise, São Paulo, ano XXVIII, pp. 23-32, jun. 2015.

BARBOSA, Bruno Cesar. “Doidas e putas”: usos das categorias travesti e transexual. **Revista Latinoamericana: Sexualidad, Salud y Sociedad**. Dossier n.2, n.14, p.352379, 2013.

BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo**: ciência, comportamento e cultura. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BENTO, Berenice. **A (re)invenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond/Clam, 2006.

BENTO. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Col. Primeiros Passos).

BHABHA, HOMI K. *Die Verortung der Kultur*. Tübingen. *The Location of Culture*. London / New York, 1994.

BITENCOURT, Kueyla Andrade de. SANTOS, Lucas Caires. **Corpos Trans, Discursividade e Matriz Heteronormativa: a despatologização como ética da existência** *In*. MILANEZ, Nilton. AMARAL, Ricardo, ISMARINA, Moura (orgs). **Transexualidades o que pode o Corpo?** João Pessoa: Marca de Fantasia, 2019, p. 58-74

BLOMMAERT, J. **Discourse**. Cambridge: CUP, 2005.

BORBA, Rodrigo. **(Des)aprendendo a “ser”**: trajetórias de socialização e performances narrativas no Processo Transexualizador. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BRAGA, Sandro. **O travesti e a metáfora da modernidade**. Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. **Os gestos do silêncio para esconder as diferenças**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1966.

CHIARETTI, Paula. SANTANA, Juliana Castro de. **O Corpo como Ficção, Diferença Sexual e Maternidade**. In: MILANEZ, Nilton. AMARAL, Ricardo, ISMARINA Moura (orgs.). *Transexualidades o que pode o Corpo?* João Pessoa: Marca de Fantasia, 2019, p. 75-88.

CHILAND, Colette. **Cambio del sexo**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1999.

CONNELL, R. W.; Messerschmidt, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013. pp. 241-282

COSTA, Jurandir F. “O referente da Identidade Sexual”. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (Orgs.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1996.

CRANE, Diana. **A Moda e seu Papel Social** - Classe, Gênero e Identidade das Roupas. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2006.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. A dupla linguagem do desejo na Igreja Evangélica Bola de Neve. **Relig. soc.** [online]. 2010, vol.30, n.1, pp.53-80.

DERRIDA, Jacques. **De la Grammatologie**. Paris: Éditions de Minuit, 1967.

DREGER, Alice Domurat. **Hermaphrodites and the medical invention of sex**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Formas de apresentação do sofrimento psíquico: alguns tipos clínicos no Brasil contemporâneo. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, vol. IV. n.01. p. 94-111. Mar.2004.

ENGELS, F. & MARX, C. (1982). **La ideología alemana**. La Habana, Cuba. Ed. Pueblo y Educación.

FERNANDES, Claudio. Transição do feudalismo para o capitalismo. **História do mundo**, 2019. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/transicao-feudalismo-para-capitalismo.htm>. Acesso em 20 ago. de 2019.

FERNANDES, Francisco Felipe. **A queda do céu como uma autobiografia menor**. Dissertação (Dissertação em Letras) – UEPB. Campina Grande, 2016.

FOSTER, David W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividad en la literatura latinoamericana. **Letras: literatura e autoritarismo**, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001.

FOUCAULT, Michel uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. verve. **Revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 5, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos (v.6). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro

FRIEDLI, Lynne. Mulheres que se faziam passar por homens: um estudo das fronteiras entre os gêneros do século XVIII. *In*: ROUSSEAU, G. S; PORTER, R. (Orgs.). **Submundo do sexo no iluminismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1989.

GÓMEZ-GIL, Esther; ESTEVA DE ANTONIO, Isabel. **Ser transexual (Being Transsexual)**. Barcelona: Glosa, 2006.

GREEN, James. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Antropologia em 1ª mão, Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.

HALL, S. **Identidades Culturais na Pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **O corpo entre o sujeito e a ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 149 p.

KENNEDY, N. Crianças Transgênero: mais do que um desafio teórico. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da UFRN**, v. 11, n. 2, p. 1-41, 2010.

KLINGER, D. I. **A escrita de si: o retorno do autor.** *In:* KLINGER, D. I. **Escrita de si, escrita do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 19-57.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2001

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e magistério: identidade, história e representação.** *In:* CATTANI, Denise *et al.* (Org.). **Docência, memória e gênero.** Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **A aniquilação de uma mulher transexual no candomblé através do Facebook.** *In:* SOUZA, Sandra Duarte de; SANTOS, Naira Pinheiro dos. (Orgs.). **Estudos feministas e religião: tendências e debates.** Curitiba: Prismas, 2014.

MELUCCI, A. **O jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global.** – 1. ed., Editora Feltrinelli, 2004.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MONEY, Jhon e TUCKER, P. **Sexual Signatures: on Beign a man or a woman.** Boston: Brown & Co, 1975.

MOORE, H. **A passion for difference.** Cambridge: Polity Press, 1994.

NERY, João Walter. **Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois.** 1. Ed. São Paulo: Leya, 2011.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Uma página feminina: vozes de mulheres paraibanas na década de 1930.** *In:* **Anais do V Congresso brasileiro de História da Educação: o ensino e a pesquisa em História da Educação,** 2008, Aracaju/SE. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/580.pdf>. Acesso em: 12/01/2014.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PEDROSA, João Batista. **Característica Comportamental e Gênero.** *In:* VIEIRA, Tereza PERES, W.S. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania.** Tese (doutorado). Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em saúde coletiva, 2005.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.223p.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

RUBIN, Gayle. **O Tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SANTOS, Luiz Henrique Sacchi dos. Heteronormatividade E Educação. *In: SEMINÁRIO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA*, Brasília, 12 de novembro de 2007.

SARTI, Milena Maria. Transexualidade e Diagnóstico: esse papo já tá qualquer coisa. *In: MILANEZ, Nilton. AMARAL, Ricardo, ISMARINA Moura (orgs). Transexualidades o que pode o Corpo?* João Pessoa: Marca de Fantasia, 2019, p. 35-57.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez. 1990.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Incursões teóricas sobre o conceito de Literatura gay. **Sócio Poética - Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade**, v. 1, n. 5, jan./jul., p. 55-72, 2010.

SILVA. (Org). O conceito de Corpo nos estudos de gênero, feministas, gays, lésbicos e queers. *In: SILVA, Antonio de Pádua. (Org.). Interfaces, Gênero, discursos, linguagens*. São Paulo: Grupo Editorial Scortecci, 2014.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade**: uma história. Rio de Janeiro: Record, 1999.

STOLLER, R. **Sex and gender, The development of masculinity and femininity**. London: Karnac Books Ltd., 1974.

SUESS, Aimar. Análisis del panorama discursivo alrededor de la despatologización trans: procesos de transformación de los marcos interpretativos en diferentes campos sociales. *In: MISSÉ, Miquel ; COLL-PLANAS, Gerard (Org.). El género desordenado – críticas en torno a la patologización de la transexualidad*. Barcelona-Madrid: EGALES, 2010.

TENÓRIO, Leonardo; PRADO, Marco Aurélio M. Patologização das identidades trans e a violência na atenção à saúde: das normativas às práticas psicológicas. *In: UZIEL, Anna Paula et al. (Orgs.). Transdiversidades: práticas e diálogos em trânsito*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2015.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

UCHOA, Luiz Fernando Prado. Transmasculinidades e os desafios cotidianos. **Revista Educação**: UNG ser, Guarulhos, v. 12, n. 1, p.47-58, 14 nov. 2017. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/2884/2131>. Acesso em: 02 jan. 2020.

VENTURA, Miriam; SCHRAMM, Fermin Roland. **Limites e possibilidades do exercício da autonomia nas práticas terapêuticas de modificação corporal e alteração da identidade sexual.** *Physis*, 2009, vol.19, n.1, pp.65-93. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373312009000100005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373312009000100005&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 19 dez. 2016.

VIEIRA, TerezaRodrigues. Identidade sexual: aspectos éticos e jurídicos da adequação de prenome e sexo no Registro Civil. *In*: VIEIRA, TerezaRodrigues. PAIVA, Luiz Airton Saavedra de (orgs). **Identidade Sexual e Transexualidade.** São Paulo: Rocca, 2009. p. 183-198